



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA



**A VISÃO DE QUEM FICA E DE QUEM VAI: BECO DOS
PRETOS – UM LUGAR NA MEMÓRIA**

LUPUNA CORRÊA DE SOUZA

MANAUS
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA**



LUPUNA CORRÊA DE SOUSA

**A VISÃO DE QUEM FICA E DE QUEM VAI: BECO DOS
PRETOS – UM LUGAR NA MEMÓRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida

MANAUS
2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S725v Sousa, Lupuna Corrêa de
A visão de quem fica e de quem vai : Beco dos Pretos – um lugar na memória / Lupuna Corrêa de Sousa . 2022
183 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Alfredo Wagner Berno de Almeida
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Lugar. 2. Memória. 3. Morro da Liberdade. 4. Manaus. 5. Beco.
I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

LUPUNA CORRÊA DE SOUSA

**A VISÃO DE QUEM FICA E DE QUEM VAI: BECO DOS
PRETOS – UM LUGAR NA MEMÓRIA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Lima Daou

Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira

Prof. Dr. Michel Justamand

Prof. Dr. Daniel Pinheiro Viegas

Aprovada em 10 de março de 2022.

MANAUS
2022

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a todas as comunidades afetadas por grandes projetos de urbanização das cidades que passam por ruptura de suas histórias de vida sem oportunidade de escolhas.

À minha mãe Antonia, minha irmã Luana e minha amada filha Maria Amélia.

AGRADECIMENTOS

Particularmente, essa é a parte que eu mais gosto de escrever, embora sempre haja o sentimento de: espero não esquecer de agradecer quem fez parte desse árduo processo.

Primeiramente, acredito e agradeço a Deus! Com fé, dedicação, disciplina e muita força de vontade, é possível alcançar qualquer meta.

A minha mãe Antonia e minha irmã Luana, por tudo! Estamos sempre juntas nas batalhas, e com esta defesa, vencemos mais uma!

Ao meu cunhado Diêgo Paula, ao pai da minha filha Franciney Carlos, e a ela, a razão dos meus momentos de felicidade em meio ao caos, Maria Amélia. Para minha filha, meu amor, minha dedicação e minha vida.

A todos os moradores do Beco dos Pretos, sem eles, não existiria tese. Afinal, as histórias são deles, eu sou ferramenta do processo de escrita delas.

Agradeço imensamente à confiança, às palavras de motivação e às orientações do Professor Doutor Alfredo Wagner Berno de Almeida. Em pouco tempo de convívio, ele tem sido de uma importância gigantesca nos caminhos trilhados até o tão esperado dia da defesa final.

In memoriam agradeço imensamente ao Professor Doutor José Aldemir de Oliveira, grande incentivador da minha busca constante pelo conhecimento.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia, em especial a professora Elenise Scherer, quanta solicitude, paciência, parceria, humildade e profissionalismo, deixo aqui meu imenso sentimento de gratidão e admiração.

Profissionais com essa postura, nos ajudam a caminhar por trilhas difíceis com a sensação de que embora tortuosos e aparentemente sem fim, podemos superar os obstáculos e cruzar a linha de chegada. Aos meus mentores intelectuais, Prof. Dr. Geraldo Alves, Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, Profa. Dra. Paola Verri Santana, Profa. Dra. Tatiana Schor, Prof. Dr. Michel Justamand, Prof. Dr. Diogo Torres e Prof. Dr. João Rufino. Estes professores possuem importância não mensurável na construção do conhecimento científico e

na “construção” de melhores profissionais e pessoas. Não somente pelos seus feitos profissionais, conhecidos por suas experiências e seus Currículos Lattes, mas também pela grande e importante contribuição deles, e dos exemplos de pessoas que são. Para mim, é um privilégio tê-los como parceiros e mentores na academia, e exemplos na vida cotidiana.

Aos secretários Jhonny Fernandes PPGSCA e Graça Luzeiro PPGGEO, sempre solícitos e educados, e mesmo na hora de suas perdas, não hesitaram em ajudar. Meu agradecimento e admiração pelos profissionais comprometidos que são.

Aos meus colegas de turma por ser apoio nas horas de desespero e parceiros nas comemorações, afinal, se alguém passou pelo doutorado e não surtou em algum momento, foi uma exceção, afinal a dor da tese é uma dor compartilhada.

Agradeço a amizade e profissionalismo da Vânia Cantuária e Luana Corrêa que corrigiram minha tese e Thalita Neves, responsável pela edição da publicação que está no apêndice.

Por fim, agradeço aos que torceram a favor e ajudaram, e aos que por algum motivo atrapalharam em algum momento, isso também foi importante para as escolhas do caminho a seguir.

E concluo com a frase que me motiva na busca constante pelo conhecimento: “*o pouco que eu aprendi até agora é quase nada em comparação com o que eu ainda não sei*” (Descartes).

“Nós que não temos herança, temos que estudar”

José Aldemir de Oliveira

RESUMO

A tese intitulada “A visão de quem fica e de quem vai: Beco dos Pretos – um lugar na memória” tem como objetivo construir a história do Beco dos Pretos sob a ótica do morador do lugar, uma vez que o deslocamento compulsório de mais de 50% dos moradores do Beco dos Pretos ocorreu no ano de 2007, devido à implementação do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM, como resultado de políticas públicas voltadas à moradia no município de Manaus. Na investigação utilizamos abordagem qualitativa, por meios de entrevistas semiestruturadas, pesquisa bibliográfica e observação. A pesquisa foi ancorada na metodologia combinação de metodologias diversas, a qual é denominada de “triangulação”, cujo objetivo é abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo. Utilizando como ferramenta conceitual a corrente da geografia humana, nos apoiando na compreensão desse lugar, que assim como a cidade, está em constante transformação. Os resultados da pesquisa mostram que o deslocamento de parte da comunidade Beco dos Pretos fragilizou a comunidade, não somente em seus relacionamentos sociais, como também na maneira que a comunidade se relaciona com o lugar. Assim, revelam que a negligência do Estado com a história dos lugares e a ausência de sistematização com o trabalho relativo à escuta das comunidades antes e durante a implementação desses grandes projetos urbanísticos, podem ser vistos como uma forma de reforço à segregação socioespacial nas cidades, podendo assim causar danos culturais irreversíveis à história dos lugares, como é o caso do Beco dos Pretos. A resignificação desses lugares de moradia às margens dos igarapés trouxe melhorias em relação aos aspectos estruturais e urbanos, além de elevação dos índices de desenvolvimento urbano, mas, por outro lado, podem extinguir grupos sociais que dão vida à cidade, perdas para as quais não existem valores a estimar. Por fim, este estudo tornou possível a formatação de um livreto – produto final da pesquisa – onde está registrada a história dos moradores narrada de diferentes ângulos.

Palavras- Chaves: Lugar; Memória; Morro da Liberdade; Manaus; Beco.

ABSTRACT

The thesis entitled "The vision of who stays and who goes: Alley of the Blacks – a place in memory" aims to build the history of The Black Alley from the perspective of the resident of the place, since the compulsory displacement of more than 50% of the residents of Beco dos Pretos occurred in 2007, due to the implementation of the Social and Environmental Program of the Manaus Igarapés - PROSAMIM, as a result of public policies aimed at housing in the municipality of Manaus. In the research we used a qualitative approach, through semi-structured interviews, bibliographic research and observation. The research was anchored in the methodology combining several methodologies, which is called "triangulation", whose objective is to cover the maximum amplitude in the description, explanation and understanding of the object of study. Using as a conceptual tool the current of human geography, supporting us in understanding this place, whose objective is to cover the maximum extent in the description, explanation and understanding of the object of study. Using as a conceptual tool the current of human geography, supporting us in understanding this place, which, like the city, is constantly changing. The results of the research show that the displacement of part of the Beco dos Pretos community has weakened the community, not only in their social relationships, but also in the way the community relates to the place. Thus, they reveal that the neglect of the State with the history of the places and the absence of systematization with the work related to listening to communities before and during the implementation of these major urban projects, can be seen as a way of reinforcing socio-spatial segregation in cities, thus causing irreversible cultural damage to the history of the places, as is the case of The Alley of the Blacks. The resignification of these places of residence on the banks of the igarapés has brought improvements in relation to structural and urban aspects, in addition to the increase of urban development indexes, but, on the other hand, they can extinguish social groups that give life to the city, losses for which there are no values to estimate. Finally, this study made it possible to format a booklet – the final product of the research – where the history of residents narrated from different angles is recorded.

Keywords: Place; Memory; Morro da Liberdade; Manaus; Alley.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Livro de História – Presentado pelo Prof. Manoel Calado, 1999.....	48
Figura 2. Sede do Projeto Reino do Amanhã – Antiga Escola de Samba Reino Unido da Liberdade ..	49
Figura 3. Festa no Batuque da Mãe Zulmira/Mãe Zulmira	49
Figura 4. Diagrama da Unidade Familiar Josenira e Doca	55
Figura 5. Diagrama da Unidade Familiar Antonio e Rosenilda.....	59
Figura 6. Diagrama da unidade familiar Dona Alda Lúcia Cândida da Gama	61
Figura 7. Diagrama da unidade familiar Lauro Estanislau Pires e Graça Gomes de Almeida	63
Figura 8. Diagrama da unidade familiar Gilcimara Sampaio.....	66
Figura 9. Catraias	76
Figura 10. Igarapé Espírito Santo (atual Avenida Eduardo Ribeiro).....	77
Figura 11. Cajual – Bairro Morro da Liberdade –Enchente de 1953	78
Figura 12. Parque Residencial Jefferson Péres - Igarapé do Quarenta.....	90
Figura 13. Caderno de campo.....	95
Figura 14. Rastros de Negritude.....	98
Figura 15. Dia da Consciência Negra – 20 de novembro de 2012	99
Figura 16. Barranco de São Benedito	100
Figura 17. Banner Associação Beco dos Pretos.....	105
Figura 18. Jogo Solteiros x Casados – Ano de 2005.....	106
Figura 19. Jogo Solteiras x Casadas – Ano de 2015	107
Figura 20. Solteiros X Casados - 2012	108
Figura 21. Festa 1º de Janeiro 2005.....	109
Figura 22. Festa 1º de Janeiro 2005.....	109
Figura 23. Festa 1º de Janeiro de 2005	110
Figura 24. Festa 1º de Janeiro de 2005	111
Figura 25. Áurea Pires Louchard (Nega Maluca)	112
Figura 26. Festa do Mingau.....	115
Figura 27. Área alagada do Quarenta	126
Figura 28. Palafitas, Morro da Liberdade.....	130
Figura 29. Crianças em meio a poluição do Igarapé do Quarenta.....	131

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Localização do Município de Manaus.....	31
Mapa 2. Manaus 1915 e Manaus 1937.....	41
Mapa 3. Divisão Territorial de Manaus - 1951.....	42
Mapa 4. Localização do Bairro Morro da Liberdade.....	45
Mapa 5. Localização Beco dos Pretos.....	51
Mapa 6. Croqui 1 – Antonio Carlos.....	82
Mapa 7. Croqui 2 – Áurea Louchard.....	83
Mapa 8. Beco dos Pretos - 2005.....	88
Mapa 9. Cartografia Social – Beco dos Pretos.....	91
Mapa 10. Localização das moradias compradas pelo PROSAMIM e as distâncias entre os bairros e o centro antigo do município de Manaus.....	147
Mapa 11. Distribuição das ocorrências de lesão corporal violência doméstica, segundo os bairros, conforme densidade populacional – Manaus– 2012.....	148
Mapa 12. Beco dos Pretos – 2005.....	151
Mapa 13. Beco dos Pretos – 2006.....	151
Mapa 14. Beco dos Pretos - 2007.....	152
Mapa 15. Beco dos Pretos – 2011.....	153
Mapa 16. Localização da antiga quadra Reino Unido da Liberdade e a nova quadra.....	157

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Condição de Moradia	134
Gráfico 2. Percentual da população em domicílio com coleta de lixo	134
Gráfico 3. Percentual de Crianças extremamente pobres.....	135
Gráfico 4. Distribuição das ocorrências de lesão corporal violência doméstica, segundo os bairros, conforme densidade populacional – Manaus– 2012	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. População da Capitania do Rio Negro - 1775	34
Tabela 2. Produtos Produzidos na Capitania do Rio Negro - 1775.....	34
Tabela 3. População Capitania do Rio Negro.....	35
Tabela 4. Classificação em % populacional de Manaus – 1840	36
Tabela 5. Fluxo Migratório – Nacionais e Estrangeiros - 1883.....	38
Tabela 6. Fluxo Migratório – Província e Capital - 1883	38
Tabela 7. Ordem Cronológica das Entrevistas.....	53
Tabela 8. Semelhanças nas Representatividades descritas a partir dos Croquis.....	85
Tabela 9. Diferenças nas Representatividades descritas a partir dos Croquis	85
Tabela 10. Vizinhaça na Representatividade descrita nos Croquis	86
Tabela 11. Casas que permanecem no Beco dos Pretos.....	87
Tabela 12. Renda, Pobreza e Desigualdade - UDH - Morro da Liberdade – AM	129
Tabela 13. Indicadores de Habitação - UDH - Morro da Liberdade – AM.....	132
Tabela 14. Vulnerabilidade Social - UDH - Morro da Liberdade - AM	132
Tabela 15. Distâncias dos Bairros (deslocamentos) e Centro Antigo de Manaus	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BIRD – International Bank for Reconstruction and Development – World Bank (Banco Mundial)

EPIA – Estudo Prévio de Impacto Ambiental

FJP – Fundação João Pinheiro

FGL – Fórum Gestor Local

IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas **IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PROSAMIM – Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus

PNCSA – Projeto Nova Cartografia social da Amazônia

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PSSA – Plano de sustentabilidade Socioambiental

PM – Polícia Militar

PDLI/PLAMAN – Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Manaus

RM – Região Metropolitana

RIMA – Relatório de Impacto Ambiental

SIC – Segundo informa o consulente **UBS** – Unidade Básica de Saúde

UDH – Unidades de Desenvolvimento Humano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E PRODUÇÃO URBANA NO MUNICÍPIO DE MANAUS.....	28
1.1 Compreender e Situar: breves considerações.....	28
1.2 Do Forte à Capital: recorte espaço-temporal	31
1.3 Às Margens da Belle Époque: a história contada por nós.....	44
CAPÍTULO II – “UM HOMEM EXPATRIADO É UM HOMEM DESORIENTADO”	52
2.1 Do Matagal à Comunidade: um Lugar na Memória.....	52
2.1.1 Dona Josenira e Seu Doca	55
2.1.2 Família da Dona Marina Silva.....	57
2.1.3 Família Antonio de Pádua Silva de Araújo e Dona Rosenilda Gomes da Silva.....	59
2.1.4 Família da Dona Alda Lúcia Cândida da Gama (Falecida em 2020).....	61
2.1.5 Família Lauro Estanislau Pires e Graça Gomes de Almeida	63
2.1.6 Família Gilcimara Sampaio	66
2.2 O que está guardado na memória é eterno	68
2.3 Latitude e Longitude Nasce, Onde Plantam-se Homens	80
2.4 Festas como Elo de Coesão Social	92
2.4.1 Solteiros X Casados: Janeiro em Janeiro.....	106
2.4.2 Banda Beco dos Pretos: aqui também tem Carnaval!	112
2.4.3 Festa do Mingau: “os alcoólatras na roça”	114
2.4.4 Consciência Negra	117
CAPÍTULO III – TRANSFORMANDO LUGARES E PESSOAS: PROSAMIM E O BECO DOS PRETOS	123
3.1 Prosamim e o Lado de Cá do Projeto: também somos bons!.....	123
3.1.1 O projeto	123
3.1.2 Renda, Pobreza e Desigualdades	129
3.1.3 Condições de Moradia.....	133
3.2 “Vocês Sabiam que existe um Fórum Gestor Local que eles chamam de FGL”?.....	136
3.2.1 Ilusão de participação comunitária.....	136
3.2.2 Prós e contras do PROSAMIM segundo a percepção dos moradores.....	139
3.2.3 Novas distâncias, velhos problemas.....	146
3.1.4 Passado idealizado e o presente de perdas.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	165
APÊNDICE.....	176
Apêndice 1. Beco dos Pretos (Morro da Liberdade) - Nossa História.	176

ANEXOS.....	177
Anexo 1 – Ata de Abertura.....	177
Anexo 2 – Termo de Consentimento 2014	178
Anexo 3 – Roteiro da Entrevista 2014.....	179
Anexo 4 – Ata de Encerramento 2014.....	180
Anexo 5 – Termo de Consentimento 2020	181

INTRODUÇÃO

Descrever memórias é certamente uma tarefa difícil, primeiramente, porque são experiências individuais sob as quais não cabe comparação ou julgamentos, depois, nos submete ao exercício de ouvir sem julgar, “limpar” a mente para observar. Ouvir com interesse nos detalhes, porque antes de qualquer coisa, expressam sentimentos próprios.

Para trazer ao leitor o lugar “Beco dos Pretos”, voltaremos o olhar à história do município de Manaus, pois embora este Beco tenha sido criado na década de 1950, ele refletiu o contexto histórico e econômico pelo qual o município de Manaus encontrava-se naquela década. A década de 1950, apresentou relativa mudança no perímetro urbano do município de Manaus, com a criação de novos bairros dentre eles o Morro da Liberdade.

A criação do Bairro Morro da Liberdade, data de 1892 com a chegada dos seus primeiros moradores. O lugar Beco São Benedito (Beco dos Pretos) está situado às margens do Bairro Morro da Liberdade na Zona Sul do município, fazendo fronteira com o Bairro da Cachoeirinha, limítrofes ao Igarapé do Quarenta, teve seus primeiros moradores no início da década 1950, que de acordo com Dona Marina Silva, uma das primeiras moradoras do lugar, seus pais, juntamente a Dona Eunice e família, Dona Graça e Seu Lauro e a Família da Dona Zenira¹ foram os primeiros a chegarem, fundando o Beco São Benedito, o qual fazia fundos com as moradias que margeavam o Igarapé do Quarenta.

Este Beco consiste no mundo vivido pelas pessoas que ali residem, pessoas que são autores de suas histórias e que fazem parte desta pesquisa. É a partir de suas memórias e experiências com o lugar que construímos a história do Beco dos Pretos, sustentando a tese que a Comunidade Beco dos Pretos resiste na memória daqueles que a vivenciaram, sendo o Beco hoje um lugar de memória e da memória.

A pesquisa base para esta tese é o “Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia”, fascículo 19, ano 2007. Trabalho este, que registrou parte da história da comunidade e as relações de seus moradores sob o efeito do PROSAMIM o que me levou a almejar um avanço na compreensão sociológica da vida no Beco.

¹ 1As famílias serão relacionadas e diagramadas para melhor compreensão ao longo da pesquisa, e seus nomes verdadeiros serão usados como forma de homenageá-los

O objetivo deste trabalho foi de construir a história do lugar Beco dos Pretos pela visão dos próprios moradores, no sentido de buscar compreender como as mudanças ocorridas pela desestruturação da comunidade e sua recomposição impactaram o lugar, após a implementação do Programa Social Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM que devastou e destruiu a maneira das pessoas se relacionarem com o lugar, e como esse novo cenário é visto por elas mesmas.

Nesse sentido, usaremos o conceito de comunidade, tal como trabalhado por Gusfield (1975), que definiu comunidade, a partir de dois termos: o territorial/geográfico, o qual considera as estruturas sociais definidas pela área (região) e a comunidade relacional, onde se acata o caráter das relações humanas, o que dá sentido à relação das pessoas com o sentimento de pertencimento a este lugar.

Para Mannarini & Fedi (2009, p. 211) da psicologia social, “*existe um consenso bem estabelecido, entre os cientistas sociais, sobre a natureza da estrutura social da comunidade decorrente da interação social e da negociação*”, porém, o uso da noção de comunidade é diferente quando comparado o significado acadêmico e o leigo, o que exige cautela quanto as metodologias de análise. Nessa perspectiva, as observações de Gonçalves (2009, p. 3), são:

[...] características como interação social e negociação, podem explicar o fenômeno da pertença múltipla, isto é, a possibilidade dos indivíduos identificarem-se como membros de diferentes comunidades sendo que cada uma destas satisfaz determinadas necessidades, mesmo que sejam contraditórias, como: pertencer à associação de pais e ser professor.

Colocações que nos ajudam a entender que existem várias formas de interpretar o conceito de comunidade, inclusive sob o viés psicológico, todavia a escolha para as análises desta pesquisa, incidiu sobre os conceitos de Gusfield, 1975, buscando compreender que mudanças ocorreram no Beco dos Pretos e como elas afetaram as experiências cotidianas, e a relação das pessoas com seu lugar.

Escolhemos este conceito, por percebermos uma forte relação e afetividade dos moradores entre si e com o lugar Beco dos Pretos. Relação que está para além de dados quantitativos como um grupo de pessoas, mas que está visivelmente relacionado ao que os moradores entendem como comunidade, sendo esta relação de proximidade entre eles, a característica que deu suporte para esta pesquisa. Nesse cenário, o Beco dos Pretos, enquanto

lugar social pode ser lido por diferentes áreas do conhecimento, porém para esta pesquisa buscamos tanto no aporte teórico como no aporte metodológico a multidisciplinaridade, incluindo: geografia, história e sociologia.

A pesquisa é de cunho qualitativo apoiada em trabalho de campo com as técnicas de observação e entrevistas semiestruturadas; transcrições *standard* (correção dos vícios de linguagem identificados, porém com a manutenção do sentido) e a transcrição *Ipsis litteris* (exatamente como colocado), organização e análise dos relatos e dados obtidos durante as etapas de campo (entrevistas, filmes, fotos, mapas mentais, anotações), e observação direta do pesquisador. Seu recorte espacial é o Beco dos Pretos, situado no bairro Morro da Liberdade, no município de Manaus, Estado do Amazonas.

Nesta investigação utilizamos a metodologia proposta por Goldenberg (2004) que faz a combinação de metodologias diversas, a qual denomina "triangulação", que tem por objetivo "abranjer a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo" (GOLDENBERG, 2004, p. 63), trazendo assim, informações mais completas, as quais complementarão estudos já realizados sobre a temática, dialogando assim, com várias metodologias.

Utilizamos como ferramenta conceitual o corrente da geografia humana pautada em (DARDEL, 2011), nos apoiando na compreensão desse lugar, que assim como a cidade, está em constante transformação. Sendo que a principal característica da geografia humanista é o pluralismo, pois busca várias referências sem excluir nenhuma forma de conhecer a realidade, a partir de uma perspectiva sensível às experiências do homem no espaço e no lugar, valorizando assim o subjetivismo.

Importante esclarecer que apesar de usarmos o nome Beco dos Pretos, atualmente o nome do lugar é Beco dos Gregos, e anteriormente, chamava-se Beco São Benedito. De acordo com depoimento de moradores, o nome Beco São Benedito foi nomeado em homenagem a uma das primeiras moradoras do lugar. Ela morava na primeira casa do Beco, e se chamava Dona Benedita. Apesar de termos encontrado em narrativas de moradores afirmações de que não há devoção ao Santo São Benedito, existem famílias devotas do santo no lugar, sendo este conhecido na igreja católica como padroeiro dos afrodescendentes, cozinheiros e donas de casa.

Atualmente existe uma capela na comunidade, batizada com o nome de Capela de São

José e São Benedito. Nesse sentido, conseguimos inferir que o nome Beco São Benedito, possui um viés de religiosidade, embora, isto seja negado por alguns moradores. Em relação ao nome Beco dos Pretos, nasceu como um nome usado de forma pejorativa para se referir ao lugar onde moravam várias famílias pretas. De acordo com Calado (2007, p 3):

[...]essa denominação Beco dos Pretos é bem recente, inclusive ela vem de uma forma preconceituosa. O primeiro nome aqui do nosso Beco, inclusive Beco onde eu nasci, é Beco São Benedito. Com o passar do tempo, teve essa conotação, e as pessoas inclusive começaram a associar a existência da boca de fumo à nossa comunidade, de ladrões, de bandidos, quer dizer...suruiu de uma forma preconceituosa. Agora o que é interessante, é que com isso, acabou havendo uma certa reação por parte dos comunitários que resolveram assumir certo orgulho, por serem negros e por fazerem parte dessa comunidade.

Pertinente assinalar do texto a colocação: “agora o que é interessante, é que com isso, acabou havendo uma certa reação por parte dos comunitários que resolveram assumir certo orgulho, por serem negros e por fazerem parte dessa comunidade”, a qual expressa a união comunitária por laços de resistência, reflexo de um parentesco não-consanguíneo, formado pela convivência em comunidade, entendida por (GUSFIELD, 1975), fazendo com que os moradores se identifiquem com este lugar que é o Beco dos Pretos, nome que foi ressignificado a partir de um sentimento, e se tornado elo entre as pessoas.

Vale lembrar que se analisarmos a História do Brasil, o negro está posto na maioria dos livros como “negro escravo”, ou seja, aquele que esteve privado da liberdade, submetido à vontade de um senhor, a quem pertenceu como propriedade. O Negro não aparece como a condição de escravizado (situação a qual o negro foi obrigado a submeter-se).

Assim, precisaremos trazer as Leis municipais que amparam a troca de nomes dos logradouros no município, pois até os anos de 1994, não havia critérios pré-estabelecidos e legitimados por Lei. De acordo com a historiadora Etelvina Garcia, “nós temos o mau hábito de trocar o nome das ruas. Em outras cidades acontece essa mudança também, mas em Manaus acontece com uma frequência terrível passando por cima da história da cidade. Sem que haja, por parte da sociedade, nenhuma reação”, (GARCIA *apud* MEDEIROS, 2012, [s.p])

Atualmente, Manaus possui 15.842 logradouros públicos, distribuídos entre ruas, vias, becos, avenidas, travessas e afins de acordo com o Instituto Municipal de Planejamento Urbano (IMPLURB). Contudo, a partir da Lei nº 226/94, complementada pela Lei nº 343, de 12

de junho de 1996 que definem as denominações dos logradouros públicos do município de Manaus foi orientada a necessidade de identificação desses logradouros. Nesta Lei, o Capítulo II, Art. 3, inciso VII, dispõe que as denominações “não devem lembrar fatos incompatíveis com o espírito de fraternidade universal”, o que justifica o fato do nome mais atual para este “Beco” seja Beco dos Gregos.

Analisando as Leis que dispõem sobre as denominações dos logradouros, identificamos mais um fato, descrito no Art. 2, parágrafo 2, da Lei nº 343, de 12 de junho de 1996. “§ 2º - Para efeito desta lei os logradouros públicos da cidade de Manaus obedecerão à seguinte hierarquização: BECO - Via estreita e curta, geralmente fechada num extremo”. Afirmção que enquadrava o Beco São Benedito como Beco, mas atualmente, o Beco dos Gregos, por estes critérios, não seria mais Beco, já que não é mais estreito e tem saída para avenidas principais.

Porém, podemos inferir que Beco São Benedito tem origem religiosa. Beco dos Pretos, origina-se formando uma identidade comunitária e Beco dos Gregos, seria uma questão ante estigma, conforme exposto na própria Lei como “espírito de fraternidade universal”, ou seja, está em consonância com aquilo que é aceito socialmente, sem que exista qualquer oposição, seja religiosa, seja de dogmas sociais.

Nesta tese não abordaremos o fato desta comunidade ser ou não ser preta, mas como um lugar que possui sua identidade e é resistência, reconhecido por Scott, 2002, para este autor “não existe um elemento social nem uma posição analítica a partir da qual pode determinar a veracidade um texto ou discurso” (SCOTT, 2002, p.18). Sendo o não dito em um conjunto de circunstâncias de uma determinada situação, mostra muito mais da realidade de um lugar, do que aquilo que está materializado, e o que está posto pelo “discurso público”, pois as formas de comunicação que expressam resistência muitas vezes encontram-se implícitas às ações.

Scott (2002) afirma que esses lugares de resistência estão nas camadas subalternas da sociedade sujeitos a todo tipo de “exploração e usurpações” para as quais os mesmos respondem de forma velada, aparentando um consenso para seus opressores, mas que pode desenvolver “uma dupla cultura”, a que está exposta e a que está implícita na vivência cotidiana, podemos citar como exemplo, a música colocada com uma linguagem de lugar de resistência - o hip hop que geralmente é usado para expor sentimentos e problemas sociais vividos nos “guetos”, essa

resistência, apesar da linguagem oral, introduz aquilo que por muitos é silenciado em seus discursos públicos. De acordo com Scott (2002, p. 77-78):

En esas circunstancias es muy posible que se desarrolle una cultura doble: la cultura oficial llena de deslumbrantes eufemismos, silencios y lugares comunes, y la cultura no oficial que tiene su propia historia, su propia literatura, su propia música, su propio humor, su propio conocimiento de los problemas de escasez, corrupción y desigualdades que, de nuevo, pueden ser muy conocidos pero no por ello se deben introducir en el discurso público.

É possível observar a partir deste pressuposto conceitual, a história de cada morador e sua relação com o lugar resistindo ao tempo, permanecendo na memória daqueles que viveram o Beco. As perguntas, que nortearam o processo de coleta das entrevistas e levantamento dos dados necessários para análise, foram: O lugar Beco dos Pretos ainda existe? Que lugar é esse? A implementação do PROSAMIM, refletiu no convívio social? Como o morador vê esse lugar e se vê nesse lugar?

Entendendo lugar como o lugar social, o lugar do cotidiano de cada morador, onde se estabelecem relações sociais, as quais tornam este um lugar único, pois as experiências, são experiências que refletem o contexto comunitário, mas que se iniciam nas vivências e experiências individuais.

Os resultados da pesquisa mostraram que a proposição, ainda que uma parte da comunidade tenha sido deslocada para vários bairros do município de Manaus, o Beco dos Pretos mantém-se e existe, pois está simbolicamente construído na resistência na remoção que persiste na memória dos que permaneceram, e dos que por imposição do projeto PROSAMIM tiveram que sair.

Nessa perspectiva, examinamos a história desse lugar sob a ótica de seus moradores, como também, a análise do reflexo das mudanças ocorridas no lugar, após a desconstrução dele. Nesse contexto, buscamos nos apoiar nos pressupostos da geografia humana, treinando o olhar para entender o mundo a partir da diversidade sociocultural, na perspectiva fenomenológica de Dardel (2011), o qual traz a razão e emoção para a ciência geográfica, tratando os fenômenos geográficos, não como ciência da terra, mas como ciência do homem, dialogando com o lugar na perspectiva do espaço vivido, ou seja, o lugar do cotidiano onde se estabelecem relações sociais, com seus laços afetivos, emocionais, os quais dão vida e particularidade,

identificando cada lugar como único.

O que vemos na atualidade é uma leitura da cidade, feita a partir do resultado do emprego de novas tecnologias da informação e da comunicação, estando o mundo cada vez mais tecnológico, convivendo a cada instante com a multiplicidade de signos, de símbolos, palavras e imagens, que por sua vez ditam nosso comportamento, mesmo aquilo que não percebemos, assim, “as políticas urbanas vêm sendo formuladas no âmbito de uma economia simbólica que afirma visões de mundo, noções e imagens, as quais acompanham as ações de reestruturação urbana” (SÁNCHEZ, 2010, p.15), como é o caso da implementação do PROSAMIM.

Sanchez (2010) explicita haver um esforço dos planejadores das cidades, guiados por políticas econômicas, trabalhando em prol de uma cidade simbólica, criada artificialmente por mecanismos de *city-marketing*, mostrando uma visão particular da cidade: “fragmentada, distorcida, simplificada e, portanto, excludente”. A cidade de todos, serve apenas a uma parcela da população que possui o poder de decisão, de como e onde se deve morar na cidade e como usufruir desta.

Nesse sentido, o poder que os grupos sociais exercem nas cidades, tem contribuição no padrão com os quais os objetos são materializados no espaço; na sociedade moderna, se idolatra a imagem em um mundo onde as aparências são mais importantes do que o ser. Um mundo de ilusão que supera a realidade e torna a sociedade refém de uma busca constante de um modelo ideal, seja de moradia, seja de padrões de beleza. Lógica adotada pelos projetos urbanísticos os quais são criados seguindo a lógica do mercado de consumo, mas também as tendências construtivas a nível mundial.

Esse mundo ideal é apresentado e imposto com a ajuda do conhecido *city-marketing* o qual dispõe a partir das mídias e meios de comunicação e entretenimento, o retrato daquilo que julga o ideal, é a família feliz apresentada nas propagandas de imóveis, é a cidade nomeada a partir da idealização do que seria perfeito, como Manaus, por exemplo, que ficou conhecida historicamente no apogeu da borracha como a “Paris dos Trópicos”; e atualmente a ênfase em um “marketing verde”, que por vezes é criado pelo paisagismo, assim como a “higienização” dos grandes centros para que tenha uma visão de cidade ideal para os visitantes que chegam e que muitas vezes não tem a oportunidade de conhecer a realidade regional. Todas essas ações são direcionadas pelo interesse dos agentes sociais produtores do espaço urbano que usam de

políticas públicas de embelezamento das cidades, sem considerar as pessoas que dão sentido e fazem parte da dinâmica da cidade.

De acordo com Nogueira (1995) para cada homem, e para cada grupo formados por estes mesmos homens, há uma imagem do espaço vivido, e esta imagem é apreendida com suas experiências individuais que possuem sua parte concreta, representada pelo que se vê, e completada e sentida pela subjetividade das relações socioespaciais, onde os sentimentos podem ser coletivos em relação a algo, ou individual.

À vista disso, é importante valorizar as memórias, a história contada e sentida por aqueles que a viveram e que possuem significados únicos, quando consideradas as experiências individuais, que também podem ser coletivas, como no Beco dos Pretos. O que se registra pela memória, os fatos relatados, expressam a vida nos lugares, e dos lugares, com informações que jamais poderiam ser encontradas como dados considerados academicamente oficiais, pois está na memória de quem o viveu.

Sendo a experiência com o lugar, algo que não é palpável, mas uma ferramenta poderosa de análise, é, algo que vai muito além da representação, capaz de produzir instrumentos de tomada de decisão, a partir da análise do discurso, fomentando projetos e pesquisas para a construção de uma cidade mais justa, considerando a importância dos lugares concebidos pela experiência de quem vivencia a cidade e tem direito a ela.

Dentro dessa circunstância, não existe uma cidade que cresceu de forma desordenada como muitos autores colocam, “desordenada” à vista daquilo que consideramos como “ordem”, mas existe uma cidade que cresceu obedecendo à lógica que estava imposta, por isso, o uso da categoria lugar na perspectiva do espaço vivido de Dardel (2011) é fundamental para avaliar o impacto do PROSAMIM sobre a comunidade Beco dos Pretos, pois o Beco, aos olhos da lógica urbanística descrita no Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Manaus – PDLI/PLAMAN², se enquadraria como lugar de moradias inadequadas, o que levou ao processo de resignificação das margens dos igarapés pensada pelo Estado.

Porém, para os moradores, era um lugar de afetividade. Eles se orgulhavam de pertencer àquela comunidade. Em muitos relatos, veremos os moradores se referirem às suas experiências com os demais moradores, como uma grande família, embora os laços que os

² Documento de orientação ao uso do solo no município

unam não sejam os laços consanguíneos, mas sim os de pertencimento em relação ao lugar.

Isto posto, ao analisarmos a história deste lugar à luz da geografia humana, dialogando com os pressupostos fenomenológicos de Dardel (2011), complementados pelo olhar antropológico tratado por Miller (2020), com os “fragmentos antropológicos” do trabalho “*online e off-line*” para as entrevistas semiestruturadas, se tornou possível enxergar esse lugar pela ótica do morador e a forma com que eles se apropriam deste, percebendo a comunidade, entendida por Gusfield (1975), a qual dialoga com os ritos de passagem de Genep (2011), mostrando a importância das festas (ritos) do lugar para a formação desse sentimento de comunidade, explícito nas entrevistas.

Mas esclarecendo um possível questionamento: por que ser a geografia humanista e não a geografia humana ou cultural? Porque a geografia humanista é a corrente da geografia que considera as experiências das pessoas ou grupo de pessoas e suas relações com o espaço, e trabalha os conceitos de lugar e espaço, buscando compreender valores e comportamentos desses grupos ou pessoas em relação a este espaço de vivências. Diferente da geografia humana que estuda a sociedade e a interação com o espaço geográfico que é resultado da ação humana, ou seja, o espaço alterado, construído pelo homem. Ela também se difere da geografia cultural que pode ser entendida como as relações, ações ou normas culturais realizadas em uma determinada região do espaço geográfico. Assim, para Suess (2018, p. 99):

Embora não seja algo definido claramente, enquanto a Geografia humanista prefere adotar em seus estudos os conceitos de lugar e espaço, a Geografia cultural elege, preferencialmente, para suas análises os conceitos de paisagem e região. Com ênfase, ainda que não exclusivo, muitos geógrafos acabam definindo o lugar como conceito de domínio humanista ao passo que a paisagem é vista como um reduto da geografia cultural.

Nessa perspectiva, entendemos que a abordagem humanista e a abordagem cultural são demonstrações do humanismo em Geografia, mas considerando a categoria de análise de ambas, para esta pesquisa consideramos o lugar, entendido pela geografia humanista como o espaço de vivências, o qual pode ser analisado considerando-se a percepção da pessoa ou grupo de pessoas e suas relações com esse. Esclarecida esta escolha, salientamos que o contexto pandêmico vivido nos anos de 2020 e 2021, foi um dos obstáculos desta pesquisa, para os quais a alternativa foi a utilização dos recursos digitais para a validação das informações que já haviam sido coletadas em pesquisa de campo no ano de 2014.

Em relação ao acervo de imagens, fizemos algumas visitas presenciais, tomando os devidos cuidados, mas, infelizmente, não foi possível a elaboração do documentário o qual havíamos proposto como resultado da pesquisa, ainda na banca de qualificação. Por outro lado, como produto final foi elaborado um livreto com a história do Beco dos Pretos contada pelos moradores do lugar, sem nossa interferência analítica.

O livreto está escrito com as falas dos moradores, seguindo a construção cronológica da história do Beco, ou seja, desde o seu início, passando pela remoção em 2007 e chegando à inauguração do “novo” lugar no ano de 2011. Este material será distribuído para a comunidade como forma de homenageá-los e agradecerê-los pelos sete anos desta pesquisa.

Assim, a tese está estruturada em três capítulos: **no primeiro capítulo**, trataremos considerações teóricas a respeito dos autores que sustentarão os caminhos escolhidos para esta pesquisa, além de um panorama histórico sobre a produção urbana no município de Manaus, mostrando ao leitor em qual contexto histórico da cidade foi criado o Beco dos Pretos.

No **segundo capítulo**, o leitor estando situado historicamente, apresentamos o Beco dos Pretos e as pessoas do Beco dos Pretos com o histórico das famílias, entendendo o motivo pelo qual eles foram morar neste lugar. Descrevemos também as festas do lugar e o papel destas na percepção da comunidade.

No **terceiro e último capítulo**, após a contextualização acerca do ambiente da comunidade Beco dos Pretos e dos elementos históricos que lá se encontram, especialmente àqueles associados aos habitantes, apresentamos uma análise acerca da influência que a implantação do PROSAMIM trouxe para a comunidade, explicando seus efeitos positivos e negativos, e enfatizando o aspecto social sob a visão do pesquisador, amparado pelo lugar social de fala dos habitantes dela.

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E PRODUÇÃO URBANA NO MUNICÍPIO DE MANAUS

1.1 Compreender e Situar: breves considerações

Entender como se dá a dinâmica das cidades e quais são seus principais agentes é compreender o processo de produção e reprodução do espaço urbano o qual se apresenta para além da materialidade do acúmulo de capital. Portanto, tratar dos lugares na perspectiva do espaço vivido, onde os agentes produtores do espaço urbano dão sentido aos lugares inerentes à cidade, é olhar a cidade para além dos momentos econômicos, os quais influenciaram o crescimento do município de Manaus.

A relação com o lugar que queremos trazer para o leitor e o qual é objeto de pesquisa desta tese, é o lugar que está na memória dos moradores do Beco dos Pretos, um lugar que se distingue dos demais. Cada fato rememorado é único, remonta a uma cidade passada, a um momento histórico passado, a um lugar do passado, mas que reflete o presente no lugar e na cidade. Que lugar é esse? Que paisagens são essas da memória? Como os moradores se relacionam com este lugar? Eles possuem identidade com este lugar da memória, ou identificam-se com o novo? Tais questionamentos são norteadores no processo de busca pela compreensão desse lugar, considerando o aporte teórico da geografia humana na perspectiva da fenomenologia, apresentando o espaço e o lugar como frutos da percepção dos moradores do Beco dos Pretos.

O espaço tratado aqui, não é o da ciência da Terra, é o espaço vivido, carregado de representações simbólicas, de sentimentos e de valores. Assim, podemos dizer que diferente dos geógrafos críticos, os humanistas analisam a relação sociedade e natureza a partir da valorização de categorias de análises como o lugar e paisagem. Dessa forma, alguns teóricos como Tuan (1980, 1983) e Dardel (2011), buscaram conceitos para geografia humanista, a qual se formou a partir da crítica ao pensamento da geografia crítica, racional e de cunho marxista, trazendo o foco para subjetividade das ações humanas, com uma linha teórica e conceitual fenomenológica e existencialista.

Ante este cenário, com base em tais abordagens, teremos o suporte para o

desenvolvimento das análises desse espaço geográfico, que também é o lugar e o espaço de vivências (espaço e lugar). Em sua obra original *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*, de 1952, Dardel traz a aplicação da fenomenologia e do existencialismo à geografia, buscando suas bases teóricas na filosofia de Martin Heidegger. Nessa perspectiva emergem no pensamento geográfico, estudos voltados a compreender as emoções, os significados e suas representações dentre as quais a condição existencial do homem no mundo enquanto realidade vivida.

Raffestin (1987), afirma que a contribuição fenomenológica de Dardel para a geografia, só começou a ser aceita 20 anos depois da sua primeira publicação, na década de 1970, quando a geografia humana ganhava força, influenciando geógrafos como Yi-Fu Tuan e Edward Relph. Portanto, para a elaboração desta tese foi lido o livro traduzido para o português por Welther Holzer e publicado em 2011 com o título *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, nos ajudando na busca pela compreensão da relação dos moradores com o lugar Beco dos Pretos.

Para Dardel (2011, p.11), “conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva”. O amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma ‘geograficidade’ (*géographicité*) do Homem como modo de sua existência e de seu destino. Para o autor “[...] a Terra é um texto a se decifrar, e que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam signos desse texto” (DARDEL, 2011, p. 2), e a interpretação do “texto”, é realizada de acordo com o seu leitor.

Afirma Dardel (2011), que se busque compreender de que modo à materialidade das coisas faz sentido para as pessoas, sendo que “a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que os homens se sintam ligados à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (1990, p. 33), compreendido por Holzer (2008), como distâncias e de direções que tem como referência o corpo e o espaço onde ele está, construindo um espaço a partir do qual se estabelecem categorias como a de lugar e a de paisagem. Nesse sentido, o lugar passa de *locus* para o lugar das experiências vividas, carregados de significados e sentimentos inferidos por aqueles que o experienciam.

Para os geógrafos “a paisagem é a porção do espaço relativamente amplas que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente

homogêneas para assumirem uma individualidade” (HOLZER, 1999, p.151). Porém, este conceito pode variar de acordo com a escala de observação e os critérios de classificação de Chantal e Raison, 1986, p. 138:

Paisagem, palavra de uso quotidiano, que cada pessoa utiliza a seu modo; o que não impediu de se tornar um vocábulo à moda. Paisagem, uma destas noções utilizadas por um número sempre crescente de disciplinas, que muitas vezes ainda se ignoram. Paisagem, enfim, um dos temas clássicos da investigação geográfica. Conforme o interesse do que é objeto ou uma maneira como se encara a própria noção de paisagem difere. Se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam.

E as relações existentes nesse lugar do homem com a Terra, que podem ser teóricas, práticas, afetivas e simbólicas, definem uma “geograficidade”, que vem da “historicidade”, resultado da consciência, da existência humana, no espaço e no tempo. A existência, por sua vez, se manifesta através de uma presença na Terra, ou seja, a geografia é originalmente a própria existência (BESSE, 2011). Desse modo, a existência é fundada num modo de habitar, que marca, demarca, transforma e reconstrói os espaços, que dão significado aos lugares e às coisas, levando à natureza da geografia a absorver o sentido da realidade humana. Deixando este lugar, de ser apenas um ponto de latitude e longitude situado no espaço e passando a ser o lugar de quem ali vive.

Compreender que lugar é esse na perspectiva fenomenológica de Dardel (2011), é buscar amparo científico para os moradores do Beco dos Pretos que vivenciaram as transformações urbanas no seu lugar de existência, o que se encaixa na perspectiva do autorquando expõe, que

a situação de um Homem supõe um espaço onde ele se move; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. Perder a localização, é se ver desprovido de seu lugar, rebaixado de sua posição eminente, de suas relações, se encontrar sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade (DARDEL, 2011, p. 19).

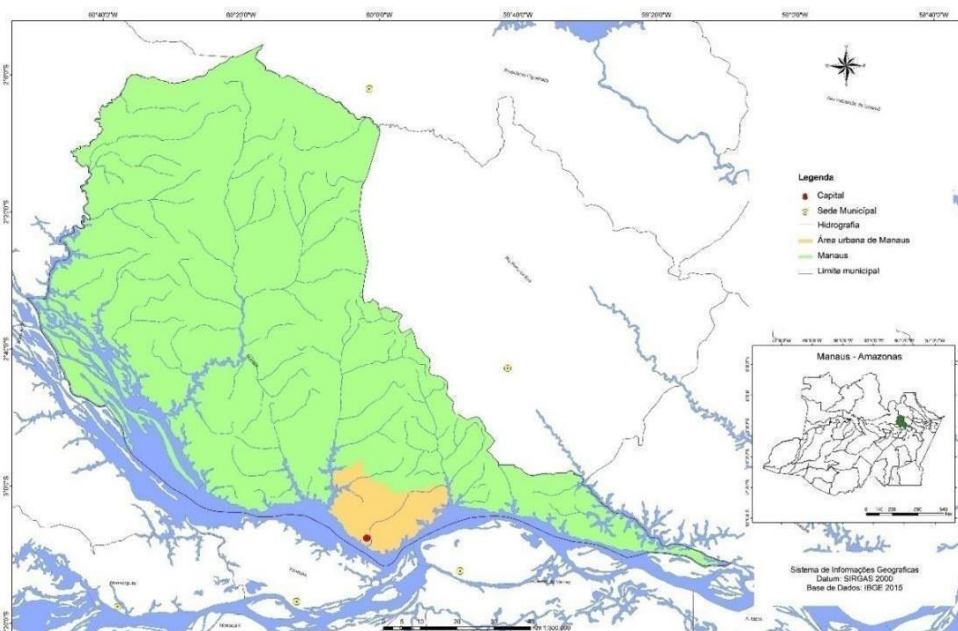
E é seguindo este pensamento que o próximo tópico apresentará o histórico da produção do espaço urbano no município de Manaus e o papel das políticas públicas, esclarecendo em qual momento histórico de Manaus, se formou o Beco dos Pretos e seu

contexto histórico.

1.2 Do Forte à Capital: recorte espaço-temporal

Manaus, a capital do Estado do Amazonas, é uma das principais cidades da Região Norte do país, situada à margem esquerda do Rio Negro, entre as coordenadas 03° 08' S e 60° 01' W – Região Norte do Brasil (Mapa 1).

Mapa 1. Localização do Município de Manaus.



Fonte: IBGE, 2014. Organizado por: Guilherme Vilagellim; Lupuna Corrêa de Souza, 2015.

O município de Manaus da atualidade é resultado das transformações ao longo da história do município, resultado de modelos econômicos pelo qual a Amazônia passou desde a ocupação pelos portugueses. Assim, Manaus apresenta construções de marcos urbanos, principalmente, as realizadas no auge da comercialização da borracha quando ficou conhecida como a Manaus da Belle Époque, a Paris dos Trópicos.

Construções como o Teatro Amazonas de 1896, e o Porto Flutuante de 1906, são algumas das heranças que contribuíram para a formação do centro antigo da cidade e que estão preservadas até os dias atuais, muito embora, seus prédios sejam representações do

espaço- tempo na cidade. Mas a cidade, já não é mais a mesma de prédios monumentais da época da exploração da borracha.

Para cada “momento” histórico/econômico, mudanças no espaço urbano são concretizadas o que para Santos são aspectos que diferenciam a cidade, sendo o “concreto, o conjunto de redes, enfim, a materialidade visível do urbano, enquanto que este, é o abstrato, porém o que dá sentido e natureza à cidade” (1992, p. 241). Dessa forma, atuação do Estado enquanto agente de produção do espaço urbano é perceptível em Manaus, pois, quando se faz a leitura da cidade pela sua materialidade, ainda presente, vê-se construção de arruamentos, os quais possibilitaram a circulação de pessoas e mercadorias; construção de moradias direcionadas aos servidores públicos e também elaboração do Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Manaus – PDLI/PLAMAN na década de 1970 com leis que organizam e regularizam os espaços urbanos no município. Porém, essa discussão, tem início de acordo com Oliveira (2002, p. 18):

segunda metade do século XX onde o debate acerca do desenvolvimento e crescimento urbano de Manaus é um tema recorrente no meio político e técnico”, sendo que em “1967, ocorre a primeira tentativa de planejar o crescimento da cidade por meio de Plano Diretor, produzido a partir dos estudos encomendados pelo Governo de Arthur C. F. Reis e aprovado pela Lei n.º 1033, em 12 de junho de 1968.

Assim, entende-se que até o primeiro PDLI/PLAMAN na década de 1970, e o momento histórico em que se deu a criação do Beco dos Pretos, são aproximadamente 20 (vinte) anos de diferença. Dessa maneira, se retornarmos o olhar para as políticas habitacionais, voltadas à “organização” do município de Manaus não se diferem de outras cidades, tendo sido criadas para suprir as necessidades do capital e dos interesses políticos intraurbanos, onde as leis nunca se fizeram valer para todos.

Dessa forma, precisaremos voltar um pouco no tempo - ano de 1669, quando se criou o núcleo urbano o qual deu origem ao que hoje é a capital do Estado do Amazonas, o município de Manaus – situada à margem esquerda do Rio Negro - teve como marco de sua criação a construção do Forte de São José da Barra do Rio Negro, com o objetivo de demonstrar o domínio territorial, típico da política da conquista de terras por Portugal (IGHA, 2001, p.11).

Por todos os levantamentos feitos ao longo de tantos anos, vê-se que aquele sítio,

quase familiar de um grupo indígena, foi alentado pela construção do forte de 1669 e a cidade foi se constituindo “sem que a ordem portuguesa tenha percebido sua decretação, assumindo os predicamentos ordinários de lugar, vila e cidade, sede e capital, ao contrário de outros lugarejos que mesmo fortificados, não prosperaram” (IGHA, 2001, p.12), e no ano de 1848, pela Lei nº. 147 da Assembleia da Província do Pará, a Vila de Manaós passou à categoria de cidade com a denominação de Cidade da Barra do Rio Negro e em 1856 ganhou oficialmente o nome de Manaus.

Assim, tanto o Amazonas quanto a capital Manaus, desenvolveram-se aos interesses dos comércios portugueses, pois foram os primeiros a reconhecerem e a terem contato com as riquezas que o ambiente amazônico oferecia. Iniciando a exportação das “especiarias amazonenses, cacau, baunilha, cravo, canela, puxuri, salsa, sementes oleaginosas, raízes aromáticas e madeiras” (IGHA, 2001, p.54).

A origem de Manaus, assim como outras cidades brasileiras, está ligada à soberania de Portugal. Conta-se que alguns períodos economicamente dinâmicos, tiveram seu início com a compra e venda de indígenas, arrebatados no Rio Negro, uma

das principais fontes de abastecimento de mão de obra, mercadoria humana, tão necessária ao progresso das colônias de Portugal e Holanda (duas nações em conflito) [...] de acordo com o Padre Bettendorf, a vendade mais de 2.000.000 de índios do Rio Negro, em 200 anos, foram repovoar as cidades de Belém, Marajó, São Luís e até Minas Gerais (IGHA, 2001, p. 80).

Manaus que teve a área demarcada para construção da Fortaleza do Rio Negro que atualmente seria a parte alta do bairro do Educandos (Constantinópolis), a ponta do São Raimundo, a ponta dos Remédios, onde está a Igreja dos Remédios e a ilha do Caxangá. Todos os pontos estratégicos que favoreciam uma visão ampla do rio e onde se tem igarapé para as fugas rumo às terras centrais e faixa estreita de terra onde se mantinha vigília sobre o forte.

Assim, o primeiro perímetro urbano de Manaus ficou delimitado no eixo norte-sul, por duzentos metros, entre o fortim e a atual rua Visconde de Mauá e no eixo leste oeste, por outros duzentos metros, entre o igarapé da Ribeira na Praça XV de Novembro e o início da praia de São Vicente, por detrás do atual Palácio Rio Branco.

(2001) a povoação de Manaus, não avançou muito por um século depois da construção do forte, em 1775 a população vivia basicamente da agricultura de subsistência, sobrevivendo das drogas do sertão e dos ovos de tartaruga, pesca do pirarucu e do peixe-boi e de algumas plantações regionais, a Capitania do Rio Negro, totalizava 11.749 habitantes, com a contagem nas localidades mais povoadas. Observemos as tabelas 1 e 2, abaixo:

Tabela 1. População da Capitania do Rio Negro - 1775

População	Barra	Barcelos	Capitania
Índios	220	721	10620
Branços	34	161	936
Escravos	2	59	193
Total	256	941	11749

Fonte: IGHA, 2001, p.83. Organizado por: Lupuna Corrêa de Souza.

Tabela 2. Produtos Produzidos na Capitania do Rio Negro - 1775

Produtos	Rio Negro	Barra
Cacau (arrobas)	12086	531
Manteiga de Tartaruga (pote)	2886	8
Café (arrobas)	170	-
Castanha (alqueire)	174	25
Salsa (arroba)	2954	35
Pirarucu (arratéis)	172	-

Fonte: IGHA, 2001, p.83. Organizado por: Lupuna Corrêa de Souza.

Nesse período dos anos de 1700 a Barra não tinha plantações, “embora a Capitania possuísse 220.000 pés de café, 90.000 de cacau, 17.700 de tabaco e 870 de algodão”, e uma grande parte de cacau nativo que pertenciam às antigas plantações indígenas e que era destinado a produzir o chocolate da família real portuguesa (IGHA, 2001, p.83).

Dessas tabelas, ressalta-se a presença do quantitativo de escravos na região. Como a mão de obra escravista era basicamente a indígena, se comparado, os dados quantitativos terão a diferença de 10.620 indígenas para apenas 193 escravos. A presença de negros escravizados, ainda era tímida na região, mas com alguma representação. O que de acordo com Vicente Salles na apresentação do seu livro de título “O Negro no Pará, sob o regime da escravidão”. Afirma que:

[...] A presença do negro embora relativamente pouco estudada presença do negro na antiga Capitania, depois província, hoje estado do Maranhão. No Grão-Pará, o negro não chegou a representar de maneira expressiva, salvo em áreas muito limitadas. Não deixou de plasmar ai sua personalidade, de influir étnica e culturalmente, além de constituir, durante todo o regime da escravidão, o suporte da economia agrária (SALLES, 1971, Apresentação).

Consideramos relevante comentar que Salles (1971) expõe a lentidão com que os negros escravizados chegaram à região amazônica, diz respeito à suas especificidades nas lavouras, diferenciadas das demais capitanias do Brasil, exigindo conhecimento geográfico dos lugares, e isso, os indígenas executavam com excelência, além do preço elevado das “peças” (negros escravizados).

A produção econômica estava centralizada nos sítios que produziam seus alimentos, porém necessitavam de manufaturas, como tecidos, sal e medicamentos. O transporte era ainda muito precário, encareceu as mercadorias e a ligação entre Belém e a Barra, era de 120 dias por barcos à vela. A Capitania só voltou a crescer como população a partir de 1792, quando a sede passou a ser na Barra, mas, aconteceu a sua volta para Barcelos em 1799 e definitivamente na Barra em 1808. Já em 1800, iniciou um decréscimo populacional na Capitania do Rio Negro, resultado das epidemias de malária e varíola.

Tabela 3. População Capitania do Rio Negro

Ano	Habitantes
1821	34692
1825	22732
1827	16403
1831	16213

Fonte: IGHA, 2001, p.85.

Organizado por: Lupuna Corrêa de Souza.

Com o avançar dos anos, houve a Cabanagem, que foi uma revolta com objetivo de tornar a região do Grão-Pará independente, com reivindicações políticas por melhores condições de vida e trabalho, este episódio ocorreu de 1835 a 1840, na província do Grão-Pará, surgindo assim, migração populacional acentuada de refugiados vindos do Pará para o Amazonas, a qual se tornou mão de obra para o extrativismo no ápice da comercialização.

Na década de 1840, Araújo Amazonas, no seu dicionário topográfico histórico e descritivo da Comarca do Alto Amazonas, criou uma classificação para os habitantes da Barra e 8 anos depois, seria elevada à categoria de cidade com o nome Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro (1848 a 1856), quando passou a Cidade de Manaós.

Tabela 4. Classificação em % populacional de Manaus – 1840

População	% Populacional	População
Branco naturais do país e estrangeiros	0,09	765
Mamelucos (mestiços de índios+brancos)	0,26	2210
Índigenas genuínos civilizados, gentis aldeados, retirados ou esquivos	0,58	4930
Número desconhecidos de hostis, negros e escravos	0,03	255
Cafuzos (mestiços de índios+negros)	0,04	340

Fonte: IGHA, 2001, p.87. Organizado por: Lupuna Corrêa de Souza.

Os estudos indicam que em 1840 Manaus tinha em números totais 8.500 habitantes, e a população negra se comparada à de 1775, aumentou de 2 negros na Barra para aproximadamente 255 e considerando a soma dos mestiços de índios, com os cafuzos, somasse 595, um aumento de 29.650% da presença negra em Manaus. Nove anos mais tarde, já em 1849, o presidente do Pará, Jerônimo Coelho, estimava 22.692 habitantes e em 1851, 29.904, números que demonstram o expressivo crescimento de Manaus, no contexto do polí extrativismo, regatões e barcos à vela.

Mas a relação do transporte na Amazônia com seus barcos à vela estaria com os dias contados, com a formação da Companhia de Comércio e Navegação do Amazonas, incorporada pelo Barão de Mauá, o qual lançou o primeiro barco a vapor na região que saiu de Belém no dia 1º de janeiro de 1853 chegando a Manaus às 22h 10m do dia 11 de janeiro, após 10 dias, 16h 10m de viagem, um marco de transformação do transporte na região e as relações internas de comércio na Amazônia.

A partir de 1871, houve interesse inglês pelas duas companhias de navegação fluvial, que assistiam a Província do Amazonas: a Companhia de Navegação e Comércio do Rio Amazonas, pertencente a Mauá, e a Companhia Fluvial do Alto Amazonas, de Alexandre Amorim. A Companhia de Mauá foi a primeira autorizada a transferir os seus contratos, pela Lei nº 4735, de 17 de junho de 1871, para a The Amazon Steamship Navigation Cy Ltd; e em seguida a Companhia Fluvial do Alto Amazonas, autorizada em 1º e 15 de dezembro de 1873, a transferir seus direitos e obrigações para a The Amazon Steamship Navigation, assentida pelo então presidente Domingos Monteiro Peixoto, em 17 de março de 1874.

Assim, no ano de 1874 a *The Amazon Steamship Navigation Cy Ltd*, se torna “a companhia de navegação mais importante da época” (LOUREIRO, 2007, p. 303). Essa novidade em transportes, fez com que aumentasse a quantidade dos produtos regionais a serem comercializados, nesse momento a borracha iniciava seu protagonismo, ocupando

novos seringais no Rio Madeira, Manacapuru, Autaz, Codajás e Baixo Purus, com isso o processo imigratório mais uma vez, muito forte em relação aos paraenses do Jari, para a região, além de cearenses e maranhenses, mão de obra necessária para a região.

Aos poucos os sítios foram sendo substituídos pelos seringais “os regatões, aviadores e compradores do interior pelos aviadores e compradores de Manaus e pelas companhias de navegação, passando à profissão de regatão a ser considerada pirataria, o poli-extrativismo pelo mono-extrativismo” (IGHA, 2001, P.90), e Manaus a sede da atividade produtora da borracha, cresceu rapidamente e outros municípios mantiveram um nível de crescimento meramente vegetativo, e em 1859, Manaus já tinha 14.603 habitantes, e em 1858 a borracha superou o pirarucu seco, como o maior produto de exportação, marco do período que em que a Província entrou no mono-extrativismo, com população marcada pela presença de pescadores e seringalistas.

Novas descobertas – a vulcanização, a eletricidade, os cabos submarinos, os telefones, as bicicletas, os automóveis e os esportes de massa, a exigirem sempre mais borracha, necessitavam de mais seringais em produção e mais seringueiros trabalhando, e assim aconteceu a expansão amazonense, pois a partir de 1850, com a exploração dos seringais do Madeira, Purus, Juruá, Javari e outros rios, que não estavam incorporados ao país. Além disso, a região que se despovoara com a remessa de grandes levas populacionais indígenas, na fase colonial, para o Pará e Maranhão, não possuía mão de obra suficiente para atender a demanda, sendo necessária a entrada de migrantes, o que de fato ocorreu a partir de 1856. Inicialmente, os seringueiros paraenses que haviam destruído os seringais do Jari, para o Madeira e Autaz, e depois maranhenses e cearenses, para o Purus e Manacapuru-Codajás (IGHA, 2001, P.91)

Sinalizamos que neste momento histórico amazonense chegaram os maranhenses que trabalhavam nos grandes seringais. E ao buscarmos o histórico de uma das famílias entrevistadas, encontramos descendência do Senhor Lauro Estanislau Pires com os maranhenses que trabalharam nos seringais e com a decadência da borracha no Estado, sua família **migrou de Carauari no Juruá para Manacapuru no Solimões e posteriormente, vieram para Manaus, se instalando no Beco dos Pretos, esse depoimento será descrito no decorrer da apresentação das famílias do Beco dos Pretos.**

Dando seguimento, no ano de 1876, Passos de Miranda que era Presidente da Província do Amazonas, organizou um plano de imigração e colonização da Província, ofereceu para as famílias um ano de alimentação, casa e terras. “O plano discriminava o

aproveitamento de 30.000 índios catequizados com foco nas atividades agrícolas, prometia-se que em cada rio se formaria uma colônia indígena e qualquer pessoa que criasse um núcleo com 200 índios, seria assegurada de subvenção” (IGHA, 2001, p. 92). Assim, para o então Presidente da Província Miranda Passos só havia uma alternativa, promover a imigração e colonização:

Esta convicção que nutro desde o momento que me coube a honra de presidir esta província, radicou-me o propósito de promover a imigração e colonização; e declaro-vos que será este o maior empenho para mim, pois é incontestável que esta rica e encantadora região para elevar-se ao maior grau de desenvolvimento, precise somente de populações laboriosas que, aproveitando a fertilidade do solo, aumentam com a exportação dos produtos a riqueza pública (RPP, 1876, vol. 19, p.93).

Esse plano se refletiu na expansão da mancha urbana na capital, com a abertura de novas estradas, absorvendo a mão de obra de imigrantes vindos principalmente do Nordeste, estima-se que de 1877 a 1879, cerca de 6.000 imigrantes descendentes do nordeste tenham vindo para construção Madeira-Mamoré e novas colônias na periferia de Manaus, como o Tarumã-Mirim por exemplo.

No período do império, tanto a Província do Amazonas quanto Manaus tiveram um fluxo migratório crescente tanto de nordestinos, como também de estrangeiros. As tabelas a seguir mostram o fluxo migratório na região.

Tabela 5. Fluxo Migratório – Nacionais e Estrangeiros - 1883

Fluxo Migratório	Nacionais	Estrangeiros	Total
Entrados	5020	577	5597
Saídos	2493	322	2815
Internos	7915	389	8304

Fonte: IGHA, 2001, p.93 Organizado por: Lupuna Corrêa de Souza

Tabela 6. Fluxo Migratório – Província e Capital - 1883

Província (Censos)		Capital (estimativa)	
1856	41311	1856	1800
1872	57612	1872	10000
1890	147915	1890	20000

Fonte: IGHA, 2001, P.93 Organizado por: Lupuna Corrêa de Souza

De 1856 a 1890, a Província cresceu 11.111% e Manaus 358%, refletindo diretamente na mancha urbana da cidade. Além, da infraestrutura com marcos presentes na atualidade

como abertura da Rua Epaminondas, que levava ao cemitério existente no lugar, que é a Praça da Saudade no centro. O Palacete Provincial na Praça da Polícia, inauguração da Igreja da Matriz, entre outros. Nesse sentido, Leno José Barata Souza, em seu artigo Manaus: da “Zirma” dos viajantes a “Maurilia” dos historiadores, expõe:

Sob as luzes desta historiografia, a “Manaus da borracha” assume de fato a função de um “divisor de águas” na trajetória histórica da cidade que, patrocinada pelos novos e generosos dividendos, pôde libertar-se de seu rústico “casulo” colonial e transverter-se na cintilante “borboleta” da belle époque baré (SOUZA, 2008, p.13).

Assim, o município de Manaus, se reorganizava no espaço geográfico, reflexo da materialização do capital, (considerando o capital qualquer bem aplicado na criação de ofertas de bens e serviço, não limitado ao dinheiro em espécie), nesse processo de compreensão da construção do espaço urbano as análises são complexas, sobretudo, pelos aspectos os quais, compõem uma sociedade, pois o espaço urbano é mutável e possui dinâmica própria.

Considerando essas características, a construção do espaço urbano de Manaus se dá a partir das transformações entre relações sociais e relações sócio-espaciais, reflexo da mudança no modo de produção da capital, o que de acordo com Oliveira (2003, p.73)

foi impulsionado pelas políticas públicas urbanas no município desde os tempos áureos da borracha, onde se criou uma cidade pensada para atender a reprodução do capital, o que gerou como resultado, uma cidade desigual, pois a distribuição de renda é desigual, e essa desigualdade se concretiza em desigualdades sócio-espaciais.

Na Manaus da Belle Époque, construída a partir da riqueza seringueira, o que se tinha, era uma cidade luxuosa e bem-organizada em infraestrutura, como água, esgoto e construções monumentais como é o caso do Teatro Amazonas, porém, uma cidade excludente, restrita a elite da capital, descrita por Oliveira (2001, p. 96), como uma cidade:

dominada por estrangeiros e mamelucos da terra, a cidade proibia o acesso aos migrantes nordestinos pobres, confinados a hospedarias ou de quarentenanos navios, jamais podendo desembarcar, na Paris dos Trópicos somente quando voltavam ressuscitados e ricos dos seringais, para gastar suas economias na infraestrutura turística da Manaus da Belle Époque.

Nessa perspectiva, fica clara a atuação do Estado que atua por meio de políticas

públicas governamentais aplicadas à reprodução deste espaço e na construção de arruamentos possibilitando a circulação de pessoas e mercadorias, mesmo na construção de moradias de maneira a organizar a cidade para as novas necessidades desde o forte à construção de Manaus da *Belle Époque*.

Oliveira (2003, p. 72-73) afirma que

[...] espaço urbano da cidade de Manaus de 1920 a 1967 inclui o processo de desenvolvimento da Amazônia como forma de produção da sociedade nacional [...] o Estado não é apenas um mero instrumento do capital, mas um dos agentes produtores da cidade [...] Daí políticas urbanas contribuem para a produção diferenciada do espaço urbano.

Nesse sentido, Oliveira (2003) expõe que Manaus não se difere de outros lugares no Brasil, tendo sido moldada às necessidades do capital ou interesses políticos, financeiros e os quais mais tarde, fomentaram a Manaus moderna e industrial.

A comercialização de látex, fez com que Manaus e Belém entre os anos de 1890 até 1910 fossem as capitais mais progressistas em melhoramentos urbanos no país. Em 1910 a borracha atingiu seu ápice “com a incrível cotação de 20 quilos de outro por tonelada, incluía a Amazônia entre os leões do Império Britânico, fornecendo-lhe 600 toneladas de ouro por ano, que também financiavam o restante de Brasil”, (IGHA, 2001, p.97), resultado do trabalho de aproximadamente 300 a 400.000 seringueiros nordestinos, que segundo dados do IGHA (2001), morriam mais de 10% por ano, o que necessitava de constante contratação.

O resultado de toda a riqueza do apogeu da borracha materializou-se na modernidade do Município de Manaus, o Estado cobrava 25% de impostos sobre a borracha produzida na região, aplicados na construção, por exemplo, do Teatro Amazonas (1884/1896), Bonde Elétrico com malha em toda cidade (1894), luz elétrica (1895/1896), Porto (1900/1909) e esgotos (1906).

Mas, concomitantemente ao desenvolvimento urbano do município, as plantações de borracha no Oriente, principalmente, na Malásia e Indonésia ganhavam força no mercado mundial, o que levou ao declínio da borracha na Amazônia, reflexo sentido no município não somente pela saída de muitos seringueiros e migrantes da cidade, representados pela diminuição da população de acordo com o Censo de 1900 a população era de 50.300 em 1920 a população foi estabelecida em 70.000 habitantes, diminuindo para 66.000 habitantes devido

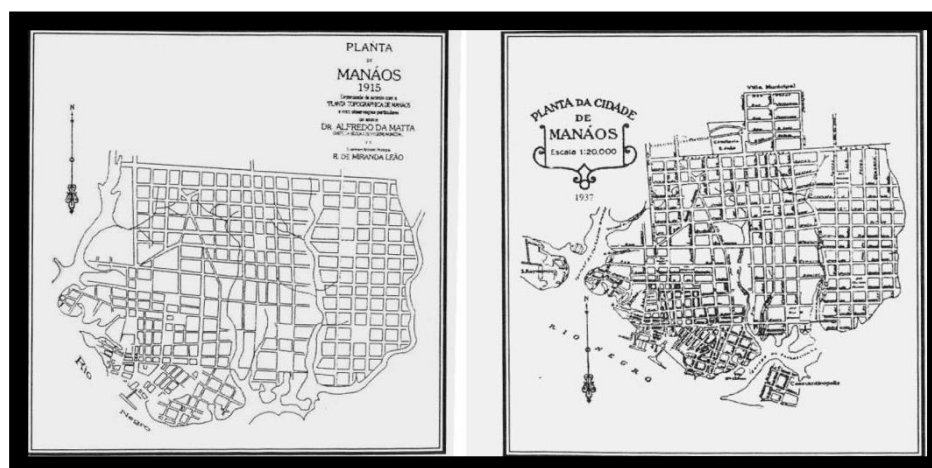
à falta de recursos e gêneros alimentícios para a população o que fez com que muitos migrassem, essa falta de recursos devido à dificuldade de abastecimento em decorrência da Primeira Guerra Mundial, que convergiu com a pandemia da gripe espanhola, que refletiu no censo populacional, em setembro de 1918 e janeiro de 1919, cerca de 6.000 pessoas morreram no município e mais de 2.000 no centro da cidade (CPDOC/FGV, 2021).

Seguindo nos anos de 1930, a borracha atingiu a superprodução nas colônias europeias, sendo restringida sua produção. Desta forma, com a chegada da II Guerra Mundial, cresceu novamente a necessidade da matéria-prima (borracha), gerando na Amazônia, expectativa quanto ao movimento na produção de látex, o que não aconteceu de fato.

O esforço desenvolvido pela Rubber Development Corporation - RDC incluiu o financiamento de produtores de borracha e a sua compra, por um Banco da Borracha, a introdução de mão de obra nordestina, os soldados da borracha, para o aumento da produção, o abastecimento da região e um sistema de saúde para a região. Contudo, o tradicional comércio de aviamentos foi totalmente desmantelado, e jamais se recuperou desde então (IGHA, 2001, p.100).

Nessa década 1930, a área urbana do município, que não tinha sua espacialidade alterada de maneira significativa até aqui, já havia passado pelo processo de diminuição brusca na produção de borracha, então, a configuração urbana da cidade, iniciou sua expansão mais significativa a partir dos anos de 1950, abaixo os mapas de 1915 e 1937, os quais demonstram o lento processo de modificação da mancha urbana da cidade.

Mapa 2. Manaus 1915 e Manaus 1937



Fonte: OLIVEIRA, 2001, p. 89-92.

Ressalta-se, que os habitantes das cidades do interior, com o término da Guerra e com o fim dos seringais, migraram para a capital, iniciando um crescimento de casas de palhas, palafitas e flutuantes, nos igarapés do centro e dos novos bairros Imboca/Santa Luzia, Morro da Liberdade, Raiz, Crespo, São Lázaro, Betânia, São Francisco e Petrópolis a leste; e em 1951, Manaus foi dividida em três zonas: Zona Central, Zona Urbana e Zona Suburbana, e é nesse período que Manaus começou a crescer no urbano e no demográfico alterando as características urbanas da Manaus da Belle Époque, “O hemicírculo de ferro dos trilhos dos bondes, que marcavam os limites externos da cidade, passando pela Castelo Branco, Borba, Carvalho Leal, Belém, São Luís, entroncamento e Boulevard Amazonas, foi ultrapassado e o município chegava a 89.000 habitantes, em 1950” (IGHA, 2001, p. 100).

Mapa 3. Divisão Territorial de Manaus - 1951



Fonte: OLIVEIRA, 2001, p. 94.

No ano de 1942 os governos do Brasil e dos Estados Unidos durante o mês de janeiro e fevereiro negociaram os Acordos de Washington, os quais diziam respeito ao fornecimento de matérias-primas brasileiras à indústria norte-americana, sendo concretizada a assinatura em 3 de março de 1942. Os acordos incluíam:

- a) criação de uma corporação destinada a promover a expansão econômica brasileira, com cooperação técnica e financeira dos Estados Unidos; b)*

projeto de modernização da mina de Itabira (minério de ferro) e da ferrovia Vitória-Minas; c) fundo para o desenvolvimento da produção de borracha. Entre 1942 e 1943 foram assinados outros acordos, geralmente incluídos na rubrica Acordos de Washington, que diziam respeito ao fornecimento de ipecacuanha, aniagem, linters de algodão, timbó, babaçu, mamona, borracha manufaturada, café, cacau, castanha-do-pará, cristal de rocha, mica, rutilo, flores de piretro, cera de carnaúba, cera de Urucuri (CPDOC/FGV, 2021).

Contudo, apesar de financiamentos para produtores de borracha e sua compra pelo Banco da Borracha, introdução da mão de obra nordestina (os soldados da borracha) para que a produção conseguisse suprir as demandas dos Estados Unidos, não foi suficiente para sustentação do mercado para este produto e consequentemente com o fim da Guerra, grande quantidade de seringueiros migra para Manaus.

Para Benchimol (1977), até a década de 1940, a malha urbana de Manaus não havia sofrido mudanças, possuía o Centro (origem da cidade) e os bairros do “Educandos e Cachoeirinha à Leste, Mocó/Vila Municipal ao Norte e à Oeste, São Raimundo”. Nos anos seguintes, no entanto, aconteceria o começo da explosão demográfica no município de Manaus, a qual não deixaria mais de crescer.

Sendo a década de 1950, a década chave para esta pesquisa, pois o processo de migração acelerado dos seringueiros para a cidade faz com que a cidade tome novos caminhos, inclusive, com as construções ao longo dos igarapés, construções que se iniciaram com a chegada do século XX. De acordo com Oliveira (2003, p. 77),

o Cadastro Predial de Manaus de 1952 registrava na capital o total de 10.358 casas, e 55, 1%, apresentavam-se classificadas como casebres, estâncias, barracões e casas de taipa ou de madeira, as quais, somente eram permitidas de acordo com as Posturas Municipais na área suburbana e rural, ou seja, bairros, vilas e distritos, longe do centro do município, longe dos olhos da elite que ali se instalara.

E é nessa Manaus que surge então a “cidade flutuante” que aos poucos vai ganhando dimensão e significado na dinâmica urbana da capital. Ao mesmo tempo em que a paisagem mudava, construía-se a imagem de capital moderna que aos poucos era moldada aos interesses do Estado: “A natureza parecia aos olhos das pessoas que não eram do lugar como algo sujo, contaminado [...] Para domá-la se utilizam os prodígios da engenharia sanitária europeia, que transformam a rudeza topográfica dos lugares novos” (VALLE e OLIVEIRA, 2003, p. 165

apud JÚNIOR e NOGUEIRA), Manaus, já era a mesma da construção de um forte de defesa territorial, defendia agora, interesses vários. Manaus dos monumentos luxuosos da Belle Époque, começa então a dar lugar a Manaus dos prédios verticais e arquitetura moderna, moldando-se aos “novos tempos”.

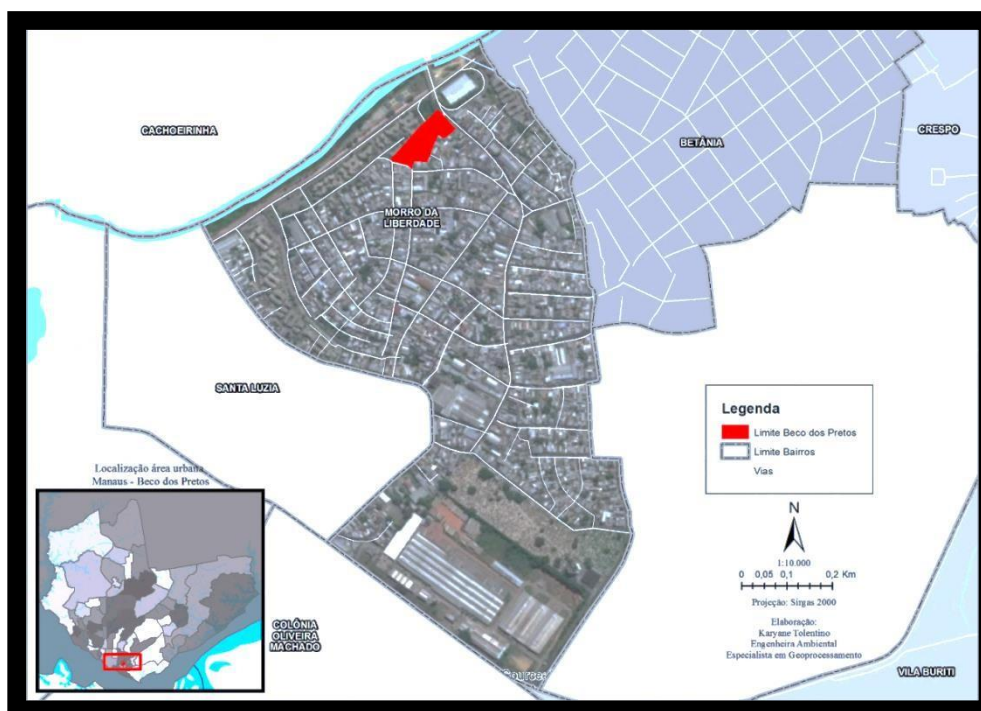
1.3 Às Margens da Belle Époque: a história contada por nós

Falar desse lugar, Beco dos Pretos vai além daquilo que se apresenta no concreto, o subjetivo é o que dá sentido e movimento a esse objeto que faz parte da cidade. Sem relações socioespaciais, as cidades não passariam de concreto com sua parte dura e estática, que na perspectiva de Corrêa, (1974, p.12), é construída pelos “agentes produtores do espaço urbano: os proprietários fundiários, os produtores imobiliários, o Estado e os grupos sociais”.

Assim ao analisarmos o histórico amazonense, vimos o crescimento da área urbana do município de Manaus principalmente após enfraquecimento do comércio da borracha, voltado às políticas governamentais direcionadas ao desenvolvimento industrial, políticas estas, estabelecidas principalmente após década de 1950 e de forma mais enfática, a partir de 1967 quando se deu a instalação da Zona Franca de Manaus (OLIVEIRA, 2003).

Salientamos que o fluxo migratório no município, com a queda na produção da borracha, criou no Município de Manaus, novas dinâmicas, fato que pode ter influenciado o crescimento do Bairro Morro da Liberdade e, posteriormente, o Beco dos Pretos. O bairro Morro da Liberdade iniciou-se em 1892, às margens desse bairro é que foi criada a situação empírica aqui observada que é o Beco dos Pretos.

Mapa 4. Localização do Bairro Morro da Liberdade



Fonte: IBGE, 2020 Organizado por: Karyane Tolentino

O Bairro Morro da Liberdade, aqui será apresentado para que percebamos onde o Beco dos Pretos está inserido. Se observarmos os mapas de Manaus nas décadas de 1910 a 1950 apresentados anteriormente, veremos que após o bairro da Cachoeirinha não havia mais bairros planejados dentro do perímetro urbano até a década de 1950, dando ênfase aos fatos apresentados pelo material coletado no IGHA (2001), o qual reforça que as moradias às margens dos igarapés, se tornaram alternativas para quem chegava do interior do Estado e que não tinha opção de como e onde morar. O bairro Morro da Liberdade apesar de antigo fica às margens da Manaus da *Belle Époque*.

Fato que fortaleceu sua criação tendo como marco a chegada dos primeiros moradores, que registram descendência de maranhenses, o registro contado pelos arquivos na Igreja Católica do bairro (Igreja Coração Imaculado de Maria), esse histórico descreve que a primeira moradora a chegar ao bairro foi a Sra. Joana Gama, vindo do Maranhão, ela trouxe sua religião – “a umbanda”.

Logo depois, veio a Sra. Quintana Nemésia de Jesus Rocha e fundou a casa do batuque, Terreiro consagrado a Santa Bárbara, com sua morte, a Sra. Zulmira Gomes uma das mais

antigas moradoras assumiu o Terreiro. Dona Zulmira, ou mãe Zulmira como era conhecida, relatou que ao chegar ao bairro ainda era “mata virgem” e as primeiras estradas a serem abertas foram a pedido da Sra. Quintana, ao dono de umas máquinas, por nome de Senhor Sambará.

O relato descreve que somente após a morte da Senhora Quintana, é que o Governador da época, Senhor César Resende do Rego Monteiro, soube da existência de moradores no chamado “Morro da Tucumã”, sabendo disso, tomou providência para abertura de estradas até o bairro. É importante ressaltar, que o bairro cresceu às margens da cidade, lugar dos menos favorecidos em seu poder aquisitivo, conforme descrito anteriormente.

Nesta época, além do Batuque Santa Bárbara, assumido pela Mãe Zulmira, havia mais dois moradores, a Senhora Neném que morava à beira do Igarapé Pancada, (hoje Igarapé do Quarenta), e Seu Evandro Carreira, próximo à feira do Cajual. No ano de 1944, chegou o quarto morador, o Sr. José Ribeiro da Silva (Zé Maleiro), este senhor carregava consigo a Imagem do Coração Imaculado de Maria e tinha o sonho de construir uma capela para sua Santa. Enquanto o sonho não se realizava, ele rezava o terço e fazia novenas embaixo do cajueiro localizado na esquina das ruas das Palmeiras, hoje, rua Adriano Jorge, 331, esquina com a rua José Chevalier, onde está situada a Igreja atualmente.

Em 1954, uma jovem chamada Gilda Bentes reforçava as novenas e começava então a realizar leilões e arrecadar donativos para a construção da capela, tendo início em 05 de setembro de 1954. Neste relato, afirma-se que na década de 1950, no bairro Morro da Liberdade, havia muitos imigrantes de outros estados e do interior do Amazonas. A sua localização próxima às margens do Rio Negro, interligadas ao Igarapé do Quarenta, facilitava o desembarque dessas pessoas. Vindas não somente pelo Porto de Manaus, mas também pela Panair e Centro Comercial da Cidade.

E fazendo parte desse contexto migratório dos seringais para a cidade, surge então o Beco São Benedito (O Beco dos Pretos), que foi criado às margens do Igarapé do Quarenta, a partir da chegada de imigrantes nordestinos, vindos dos municípios do interior e sem muitas economias que lhes possibilitasse escolher onde morar, e foram encontrando nos bairros, às margens do perímetro urbano, alternativas de instalação mais acessível, começando assim o Beco São Benedito (Beco dos Pretos) no bairro Morro da Liberdade.

Ao chegar ao bairro Morro da Liberdade, vinha-se pela Cachoeirinha, sua primeira via

de acesso, que era a Rua São Benedito, uma das ruas principais do bairro e por onde é à entrada do Beco dos Pretos pretérito e atual. Nesta rua também, localizava-se a escola de uma das famílias mais conhecidas do bairro, a “Família Calado” – esta família morou no bairro por mais de 50 anos, até a chegada do PROSAMIM. Para a comunidade a mesma é conhecida como a “Família de Educadores”, os quais prestaram por muitos anos serviços educacionais à comunidade, pois eram proprietários da Escola Ana Calado, que posteriormente, foi renomeada para Escola de Educação Infantil Saci Pererê – escola em que eu mesma Lupuna Corrêa de Souza, estudei inglês. Complemento com uma memória seletiva, evocando a existência de uma teoria do campo da memória social, decorrente de uma matriz conceitual:

o inconsciente é construído e modificado na relação com o outro, ele é relacional, não podendo ser considerado uma instância pertencente a um único sujeito. Assim também é a memória, concebida na relação [...] um aparelho psíquico, ou de memória, nunca é um. Ele é múltiplo, já que é pela alteridade que preside sua constituição e remanejo. É pelas constatações ao longo da teoria psicanalítica, que podemos considerar a teoria da memória em Freud enquanto uma teoria da memória social (FREUD, 1921 apud FERRARINI; MAGALHÃES, 2014, p.17).

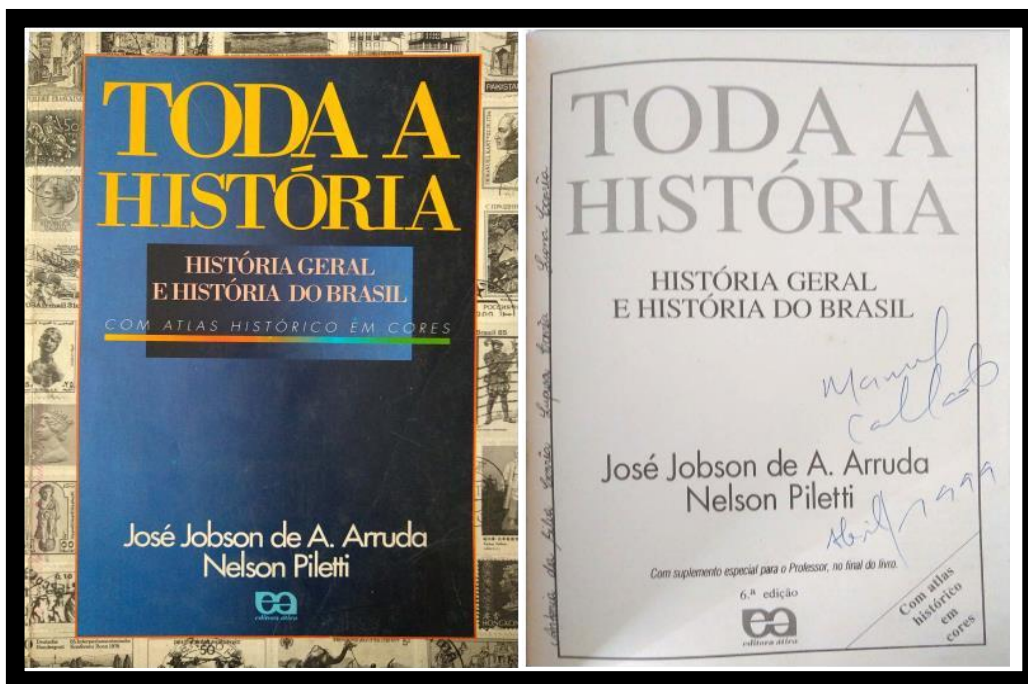
Assim, a lembrança aqui descrita é fruto da interação com a comunidade Beco dos Pretos, ao mesmo tempo em que me coloco com um olhar de pesquisadora para esta pesquisa, me coloco como sujeito da pesquisa para esta lembrança aqui exposta, pois no campo da memória, faço parte da história do lugar.

Dessa maneira, lembro que minha mãe era muito amiga da família Calado e por intermédio de uma conversa entre elas, eu e minha irmã começamos a estudar inglês na escola, e mais tarde, a caminho para o ensino médio, o professor historiador Manoel Calado, me presenteou com um livro de história para que eu e minha irmã Luana Corrêa de Souza estudássemos para o vestibular que logo chegaria (Figura 1), que guardo com carinho até os dias atuais.

Hoje, tenho orgulho de ter uma biblioteca em casa e ter condições financeiras para comprar meus próprios livros, mas nela e na minha vida, guardo livros que compõem minha história. Um fato interessante que não poderia deixar de citar, é que um dia nós precisávamos assistir a um filme do qual não recordo o nome e não tínhamos televisão nem vídeo cassete. Fomos até ele, para que nos ajudasse. Ele não só emprestou e explicou o filme, como a televisão e o seu vídeo cassete para que pudéssemos assistir ao filme e fazer o trabalho escolar.

Por serem pessoas solícitas e por terem marcado a vida de tantas pessoas na comunidade, convidei o professor e historiador, Prof. Manoel Calado para participar desta pesquisa com seu relato sobre a fundação do Beco dos Pretos, já que sua família foi a primeira a chegar ao local e a contar um pouco das suas experiências neste Beco pretérito.

Figura 1. Livro de História – Presenteado pelo Prof. Manoel Calado, 1999.



Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador, 2020.

Outro empreendimento que contribuiu para o desenvolvimento da comunidade foi a Transportadora Clodoaldo Santos, de propriedade do Sr. Clodoaldo José Cavalcante dos Santos, que implantou sua empresa no bairro no ano de 1978, seus funcionários em sua maioria eram moradores do bairro Morro da Liberdade.

Este senhor chamado Clodoaldo Santos, por muitos anos, além de empregar os moradores do bairro, prestou outros tipos de serviços comunitários, como: distribuição de água tratada, mudanças residenciais, doações e outros - uma pessoa muito respeitada por todos. Eu mesma recebi um livro de física do filho dele que tem o mesmo nome, porque eu tinha passado no processo seletivo da Escola Técnica Federal do Amazonas no ano de 1996 e minha mãe não tinha condições financeiras para comprar o livro que eu estava precisando, ao saber dessa necessidade, prontamente providenciou.

Seguindo o histórico, ao caminhar mais adiante na Rua São Benedito, encontramos um imóvel do Estado, o qual foi a Delegacia de Entorpecente - Delegacia Polinter (Polícia Civil), atualmente sede da Associação de Moradores do Bairro. Ao lado está situada a Unidade Básica de Saúde Morro da Liberdade - UBS desde 22/03/1972. E ao lado da UBS defronte à Rua São Pedro, encontramos a antiga sede do “Grêmio Recreativo Escola de Samba Reino Unido da Liberdade”, fundada em 05 de julho de 1981. No momento atual, este lugar é sede do Projeto que a escola de samba desenvolve com as crianças da comunidade, o projeto chama-se Reino do Amanhã (Figura 2). A sede da escola de samba está situada na entrada do bairro e faz divisa com o bairro da Cachoeirinha.

Figura 2. Sede do Projeto Reino do Amanhã – Antiga Escola de Samba Reino Unido da Liberdade



Fonte: DIFUSORA, [s.d]³

Mais à frente, está situado o Terreiro consagrado a Santa Bárbara, conhecido como Batuque da Mãe Zulmira, mãe de santo responsável pelo Terreiro até o dia de sua morte em 13 de maio de 2007 – atualmente o Terreiro está fechado para visitação (Figura 3).

Figura 3. Festa no Batuque da Mãe Zulmira/Mãe Zulmira



Fonte: PNCSA, Fascículo 19, 2007.

³ Disponível em: <http://www.difusora24h.com/festa-marca-a-comemoracao-dos-37-anos-da-escola-de-samba-reino-unido/>

Consider, fazer uma ressalva, sobre o Terreiro da Mãe Zulmira e a própria mãe Zulmira. Ambos são do Bairro Morro da Liberdade e não, do Beco dos Pretos, como foi posto no Fascículo da Nova Cartografia Social da Amazônia, número 19, 2007. Esclarecendo que o Beco dos Pretos está situado às margens do Bairro Morro da Liberdade, é uma parte inserida no Bairro Morro da Liberdade.

Dando seguimento, no bairro existem três escolas, a Escola Estadual Adalberto Valle, criada pelo Decreto N° 285, de 19 de julho de 1960, com o nome de Grupo Escolar Adalberto Valle. Ao término da Rua São Benedito está a Escola Municipal Irmã Edelvira Esmeralda Souto Cabral, fundada em 11 de março de 1994, Escola de Alfabetização do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos - EJA. Do outro lado da Rua está localizada a empresa Amapoly Indústria e Comércio LTDA, empresa do Grupo Alpargatas S.A. que está no Polo Industrial de Manaus desde 1972, por muitas décadas empregou parte dos moradores, hoje o lugar está abandonado.

O Morro da Liberdade é um bairro antigo e reconhecido no município por ser “berço da cultura africana” (Calado, 2020, Entrevista) em Manaus, por ter sido criado a partir da chegada de famílias vindas do Maranhão, e com elas, a chegada também, de suas religiosidades, construindo o primeiro terreiro de candomblé do Bairro, quando ainda era um “matagal”.

Assim, retomamos a frase dita por (BOOT, ET AL, 2005, p.28) que “praticamente todo pesquisador acadêmico começa satisfazendo interesses, não de seus leitores, mas os seus próprios”, digo que estou aqui pesquisando algo que é do meu interesse e que foi a partir desse interesse que é próprio, que busquei as pessoas e depois a teoria. De início era interesse meu registrar a história desta comunidade, mas agora, o interesse também é deles.

E na tentativa de escrever a história do ponto de vista dos próprios moradores do Beco dos Pretos, que seguimos para um olhar reflexivo, considerando além do que se vê concretizado na paisagem, o que torna este lugar, o lugar do homem, onde o racionalismo de base cartesiana dá lugar à percepção, a afeição, e as subjetividades humanas.

Assim, o Beco São Benedito (nome dado em homenagem a uma das moradoras mais antigas – Dona Benedita), mais conhecido como Beco dos Pretos e mais recentemente renomeado para Beco dos Gregos, está geograficamente situado na Zona Sul do município de Manaus, fazendo margem com o Igarapé do Quarenta, localizado no bairro Morro da Liberdade,

como mostra o mapa 5.

Mapa 5. Localização Beco dos Pretos



Fonte: IBGE, 2020. Organizado por: Karyane Tolentino

Assim, este reside na memória de quem o vivenciou, é um lugar com identidade, onde os moradores se reconhecem enquanto comunidade, caracterizados pelos seus valores, sua “tradição”, suas “raízes”, formando esta “grande família”. Dessa forma, iniciamos este capítulo, apresentando considerações a respeito dos conceitos de lugar e espaço vivido. Trouxemos uma abordagem histórica do município de Manaus, desde a fundação do Forte à capital amazonense, com o objetivo de identificar a chegada dos imigrantes paraenses, maranhenses e cearenses na região do Amazonas nos anos de 1856, e o trajeto até a chegada em Manaus, mais precisamente no Beco dos Pretos em 1950, expondo a dinâmica urbana da capital onde o Beco dos Pretos é contextualizado. Assim, seguiremos tratando com mais detalhes no próximo capítulo.

CAPÍTULO II – “UM HOMEM EXPATRIADO É UM HOMEM DESORIENTADO”

2.1 Do Matagal à Comunidade: um Lugar na Memória

Para se construir a história do Beco dos Pretos, 17 (dezessete) pessoas foram entrevistadas a partir de entrevistas semiestruturadas nos anos de 2014, 2015 e 2020. Para dúvidas que surgiram durante a construção da pesquisa, as famílias foram contatadas por meio da ferramenta WhatsApp, como veículo facilitador de comunicação. O critério adotado foi:

- I. Moradores mais antigos, ou seja, as primeiras famílias a chegarem no Beco dos Pretos;
- II. Quem estivesse disposto a relatar suas experiências de vida nesse lugar, foi escutado (nessa fase não houve critério).

Este tópico da pesquisa em específico é de base metodológica amparada em Miller (2020), no que o antropólogo chama de fragmentos antropológicos on-line e off-line, o qual tem como apoio metodológico o uso de ferramentas digitais as quais possibilitam conectar as famílias sem prejuízo a saúde de ambas as partes envolvidas na pesquisa, considerando o período pandêmico vivido do ano de 2019 aos dias atuais. Assim, optou-se por apresentar às famílias durante o processo de escrita para situar o leitor tomando ciência de quem são os verdadeiros autores desta pesquisa com participação efetiva em tudo que aqui está escrito. Os relatos foram assinalados em: a) identificando origens, ofícios e identidades; b) deslocamento e fixação; c) para demais itens, mas todos serão enfatizados conforme o avançar do texto.

Para cada família aqui apresentada, um ou mais membro familiar tiveram acesso ao texto, e à árvore genealógica montada, e somente após validação das informações, os relatos foram inseridos na pesquisa, dando protagonismos a todos que se dispuseram a participar. Metodologia que funcionou como critério de fidelidade de informação. Assim, iniciaremos então, apresentando na (Tabela 7), em que consta a sequência das entrevistas, com suas respectivas datas e nomes dos entrevistados, a apresentação das famílias:

Tabela 7. Ordem Cronológica das Entrevistas

Ordem	Data	Duração	Nomes
1	25/07/2014	05 minutos e 35 segundos	Josenira
2	28/07/2014	26 minutos e 08 segundos	Marina Silva
3	29/07/2014	24 minutos e 26 segundos	Gilcimara
4	29/07/2014	17 minutos e 45 segundos	Ivanete
5	29/07/2014	11 minutos e 24 segundos	Marina
6	29/07/2014	11 minutos e 24 segundos	Eduardo
7	30/07/2014	10 minutos e 23 segundos	Yolanda
8	30/07/2014	30 minutos e 35 segundos	Antonio Carlos
9	01/08/2014	15 minutos e 10 segundos	AntonioPadua
10	01/08/2014	06 minutos e 13 segundos	Nilda
11	15/08/2014	13 minutos e 11 segundos	Luiz
12	15/08/2014	13 minutos e 11 segundos	Cruzinha
13	15/08/2014	35 minutos e 01 seguntos	Alda (falecida em 2020)
14	26/10/2015	40 minutos e 20 segundos	Áurea
15	26/07/2016	13 minutos e 00 segundos	Eti

Organizada por: Lupuna C. de Souza, 2020

Para cada uma das pessoas acima listadas, foi realizada entrevista em suas residências, nos respectivos dias e horários marcados. No início de cada entrevista, eram realizados os devidos esclarecimentos sobre a pesquisa, seguindo a ordem da documentação elaborada como metodologia de coleta de dados. Embora fosse relato, as entrevistas foram semiestruturadas, e em sequência, porém o entrevistado ficava livre para dar seu próprio ritmo às informações que se sentissem à vontade para falar.

A sequência dos documentos para entrevista e os esclarecimentos sobre cada um seguiu a seguinte ordem: Ata de Abertura, com a explicação sobre os procedimentos da entrevista e apresentação da finalidade com assinatura do Termo de Livre Esclarecido (maior de 18 anos); Termo de Consentimento 2014, com os devidos esclarecimentos sobre a pesquisa e ao que ela se destina inclusive apresentando o dispositivo legal que ampara o entrevistado

caso julgue posteriormente, que a pesquisa viesse lhe causar algum dano; Roteiro da Entrevista, onde se esclarece que este é o roteiro da entrevista, mas esta é aberta a qualquer relato em relação ao cotidiano dos entrevistados Beco dos Pretos e sua relação enquanto comunidade; Ata de Encerramento 2014 - agradecimento pela participação na entrevista; e em 2020, Termo de Consentimento 2020 - esclarecimentos sobre a forma de utilização das informações para a elaboração desta pesquisa no ano de 2020.

Ressalto que alguns moradores não aceitaram participar da pesquisa, não houve insistência para saber por qual motivo, pois partimos do critério que todos são livres para suas escolhas, e que outros embora não entrevistados, colaboraram com o acervo audiovisual que serviu de base complementar às informações orais, além de colaborarem com a validação dos textos escritos. Dos moradores entrevistados, a senhora Alda Lúcia, faleceu em maio de 2020 - seu relato permanece na pesquisa com autorização da família. Todas as entrevistas utilizadas na pesquisa foram transcritas na versão *Ipsis litteris* (na íntegra) e na versão *standard*, onde se faz correções sem alteração do sentido. Prezo pela utilização da versão *Ipsis litteris*, porém, em alguns casos foi utilizada a versão *standard*.

Antes de iniciar a apresentação das famílias, considero relevante apresentar o conceito de família considerado para esta pesquisa. Se buscarmos amparo legal para se falar de família, veremos garantias de amparo do Estado, porém, sem considerar os laços afetivos. Na Constituição Federal de 1988, Capítulo VII, Art. 226, dispõe que a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado, garantindo as formas de casamento civil e religiosa, considerando a união estável entre homem e mulher, e “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”.

Para o Direito Civil, a entidade familiar é a derivação do casamento, formada por pai, mãe e filhos (Artigo, 1.5511, Código Civil), ou seja, quando as famílias forem apresentadas com suas árvores genealógicas que é o que traz esse capítulo, as árvores foram montadas considerando pai, mãe e filhos, com seus laços matrimoniais.

No entanto, veremos em muitos relatos, as pessoas denominando o Beco dos Pretos como sendo uma “grande família”, nesse sentido, saímos dos amparos legais e vamos para os laços afetivos que trazem o reconhecimento da entidade familiar para uma esfera mais ampla que é o convívio social, trazendo o uso do conceito de comunidade de Gusfield (1975), que compreende duas perspectivas: uma perspectiva geográfica e outra relacional. A comunidade

delimitada por fronteiras geográficas como o bairro, ou a região onde está inserido o bairro, e a comunidade vivida pelo morador em seu dia a dia, considerando o sentido relacional onde existe interação entre as pessoas como é o caso do Beco dos Pretos. Aqui entendido como a Comunidade Beco dos Pretos.

Para este autor, as comunidades se desenvolvem pelos interesses e pelos territórios partilhados, a forma com que se organizam e interagem entre si. Convívio que se concretiza em sentimento de iguais, refletido no sentimento dessa que para os moradores é “uma grande família”. Nos relatos é possível observar que os moradores, falam do lugar Beco dos Pretos, como se ainda estivessem ali, vivendo o cotidiano. Assim, nos mostrando a resistência deste lugar que persiste embora simbolicamente na memória dos seus moradores.

O lugar de convívio social, traz esses laços formados pela afetividade, pela identificação das pessoas que ali convivem para Genep (2011), os ritos de agregação possuem a característica da coesão social, da identificação entre aqueles que participam desses ritos, o que fica evidente nos relatos, são as festas que caracterizam esse lugar, as quais terão um tópico somente para a apresentação destas pelo olhar do morador. Esclarecido, estes pontos, podemos seguir com a apresentação das famílias e seus relatos de como vieram morar no Beco dos Pretos.

2.1.1 Dona Josenira e Seu Doca

Figura 4. Diagrama da Unidade Familiar Josenira e Doca



Dona Josenira, casada com seu Doca, juntos tiveram 2 filhas Josiely e Graciely. A família da Dona Josenira, chegou ao Beco dos Pretos, dia 05 de maio de 1967, vieram morar em uma casa comprada pelo seu irmão e foram removidos com a chegada do PROSAMIM em 2007. De acordo com Dona Josenira, 2014:

- a) *O meu irmão que comprou! Assim ... foi ele que negociou! mas o dinheiro era do meu pai. Aí então foi a família né? Porque, fomos nós que trabalhamos aí. **Como a gente morava em interior e a gente ficou lá trabalhando na agricultura. Eu com a mamãe e as meninas, papai não, porque ele era juiz. Ele trabalhava de juiz de município, inclusive ele fez curso como agora fazem pra juiz.***

Naquele tempo também tinha juiz distrital. Ele passou dezenove anos trabalhando, e aí depois ele resolveu... quando o tribunal resolveu pagar ele por fora, porque antes ele trabalhava e só ganhava pelo que ele fazia que eram os casamentos, e tirava um dinheiro que era pra dar pro oficial de justiça pra fazer os processos e pagava o da Dona (Mereminina...Mereminina) fazer as assinaturas, e os carimbo. Aí depois não, o tribunal já pagava o salário, aí ele já era assalariado mesmo, foi quando a gente resolveu vim, porque em sessenta e quatro nós moramos em Petrópolis, sessenta e quatro, sessenta e cinco, aí em sessenta e cinco, nós fomos pro interior, aí já foi em setenta e sete, viemos pro Beco dos Pretos - o Beco São Benedito, em setenta e sete chegamos aí.

- b) ***No dia cinco de maio de mil novecentos e setenta e sete, a gente chegou. Era meia noite, quando chegamos num barco, a gente tinha um barco que fazia recreio e nessa semana papai não foi, não foi pra recreio. Veio pra nossa viagem, aítroxemos tudo, e assim viemos embora.***

*Na minha casa, só tinha solteira eu, e uma irmã, mas solteira mesmo era eu, a outraera solteira mas era separada do marido. E nessa época eu tinha, vinte e dois anos, eu cheguei aí no dia cinco de maio. Quando nós chegamos, era meia noite, aí tinha aquela subida em frente a Dona Telma, onde agora é a pracinha, tinha uma subida, assim tipo, era um beco que dava acesso ao Beco dos Pretos, era alí que ficava um pessoal que tinha as canoas. Encostavam tudo ali, tinha um senhor, seu Raimundo, a gente chamava Raimundo cafeteiro, porque ele trabalhava lá pra baixo e eu não sei, eu não sei bem porque que chamavam ele de cafeteiro, eu chamava...inclusive de Jacaré, porque ele acordava muito de madrugada, então como no interior quem acorda cedo e os bichos né? E aí o seu Raimundo com o seu Paulo, que a gente só chamava de Paulo da Zenira, aí eles ficaram... quando nós chegamos a noite, dissemos, e agora? como é que a gente vai? tudo estranho né?, ninguém sabia direito, tudo do interior, a gente era acostumado a vir por terra, mas assim, por lá por onde a gente veio, aí meu irmão que veio com a gente disse: não, é por aqui, aí pegamos e subimos, me lembro como se fosse hoje. A gente subiu com uma lanterna, meu irmão focando, a gente ia, e ele na frente e a gente atrás. Vum bora logo levando as panelas, vamos levando isso, **aí chegou até uma casa de madeira. Grande a casa dos meus pais, aia gente subiu e chegamos, não tinha cerca, não tinha nada, era só o terreno mesmo e a casa era grande, aí a gente chegou, ele mexeu lá na chave, abriu e fomos procurar a vela, ele disse: não, já tem vela por aqui! porque a outra viagem que eu vim, já deixei por aqui, só sei que nós viemos e ficamos, aí ficamos, deixei a minha irmã que estava gestante, que é a mãe do meu filho, ela ficou lá vigiando as coisas e eu com meu irmão fomos carregar o que faltava, quando deu assim umas duas horas da madrugada eu disse pra ele: eu tô cansada, eu não aguento mais, ainda tinha umas máquinas grandes de costura que é de ferro né?, mas eu disse: não aguento***

mais. Aí ele disse: então tá, então vamos parar, aí meu pai disse: Ivan, pare, pare que ela tá cansada, ela não aguenta mais carregar. Aí ficou meu pai e minha mãe lá a bordo do motor e nós viemos dormir em (terra)" (Josenira, 2014).

No momento assinalado no relato a), é possível verificar que a família embora tendo como chefe familiar um juiz distrital, tinha em seu cotidiano a agricultura de subsistência. O que se complementa com o relato b), onde a década de 1970 se sobressai como ano em que a família decidiu vir morar na cidade. Ou seja, a década de 1970, de acordo com a história do município de Manaus, teve como marco a consolidação da Zona Franca de Manaus, que chegará nos anos de 1967. Fato que impulsionou a migração do interior para a capital, confirmado por (Bentes, 2012):

A estratégia empregada para implantar uma zona franca na cidade de Manaus foi sustentada por duas vertentes: política, no intuito de integrar a Amazônia ao Brasil e aumentar a proteção das fronteiras, e econômica, desenvolver uma economia sustentável, transformando Manaus em polo de produção de bens de consumo duráveis para todo o país. A cidade de Manaus passou a exercer força de atração sobre muitas pessoas tanto dos diversos municípios do Estado quanto de Estados vizinhos, pela possibilidade de oferta de emprego e melhores condições de vida. Falamos em possibilidade, porque efetivamente nem todos os que migraram para a Manaus trabalharam no PIM ou tiveram condições de vida mais favoráveis ao se tornarem industriários (BENTES, 2012, p.88).

Como apontado acima, nem todos os imigrantes, foram absorvidos pela indústria que se instalou em Manaus, a tão sonhada qualidade de vida imaginada pelos que migraram para a cidade, talvez não tenha acontecido como se esperava, o fato é que fluxos migratórios, trouxeram transformações para o urbano do município de Manaus, conforme exposto no capítulo I que trouxe os momentos econômicos e sua influência na dinâmica urbana.

2.1.2 Família da Dona Marina Silva

Dona Marina Silva, chegou ao Beco com Seus Familiares quando tinha 16 (anos) e ainda é moradora do lugar. De acordo com seu relato, o Beco dos Pretos era apenas um “matagal”:

- a) *“Minha filha eu cheguei aqui em cinquenta e seis, eu acho tem uns cinquentas e... eu não sei bem se é cinquenta e seis ou cinquenta e sete anos que nós moramos aqui. Quando eu cheguei aqui eu tava com dezesseis anos. Meus pais, eles não moravam aqui com a gente morava no interior, lá no Barroso, aí de lá o meu pai trabalhava era Jangadeiro né? fazendo, tirando a, é cortando árvore pra fazer Jangada para Serraria Pereira, aí ele foi comprou, veio procurar o bairro mais antigo, acho que nesse tempo quando nós viemos pra cá, esse Morro da Liberdade se chamava Morro do Tucumã, e era bem morro mesmo, as pessoas diziam que era no alto do Educandos que a gente morava, num alto do Morro que era morro, não sei se foi o primeiro nome, não sei se foi Morro do Tucumã ou se era outro nome, só sei que quando chegamos aqui era Morro do Tucumã né? Aí depois, que passou a ser Morro da Liberdade.*

Nós chegamos aqui, ainda era um matagal, só tinha umas veredas. Meu pai era cearense, agora a minha mãe era riograndense. Desde que eu cheguei aqui, amei né? Até hoje não tem quem consiga me tirar daqui. Eu só saio quando for lá pro São Francisco ou Tarumã, porque eu não me eu não me vejo em outro bairro sabe? Me sinto muito bem aqui me sinto feliz, pra mim é sadia, me dou muito bem com meus vizinhos, não tenho queixa de nenhum, se eu disser que tenho queixa de alguém eu tô mentindo, porque eles tão na casa deles e eu na minha, só quando tem uma festinha a gente faz a nossa reunião, aí é que eu chego junto, mas me sinto muito bem. Ninguém nunca chegou me falando mal daqui, não sei se porque se eu sou moradora antiga aí eles não me dizem, e mesmo são meus amigos, se acham meus amigos e eu também acho que eles são né, nunca falaram mal assim. Quando eu cheguei aqui, nós éramos 9 irmãos, agora resta três. A minha irmã mais velha era mãe dos Calados que era nossa irmã mais velha, dona Ana aí foram indo também né? Ela, depois foi essa daqui, que era a Jovenita minha irmã também, daí depois foi a Raquel que era a terceira, aí foi meu irmão mais velho, e eu morava aqui com Aldemir, foram dois irmãos homem e três mulheres que faleceram aí ficou eu a Nega (Dona Nega se chamava

- b) *“Maria Januária da Silva, falecida em 2018), e o Darlí, nós três. Agora ultimamente ele tá morando no Jorge Teixeira, ontem ele veio aqui com a gente, só vem fazer uma visitinha de médico né? Dá um abraço, um cheiro, aí vai embora” (Dona Marina Silva, 2014).*

Dona Marina Silva, foi uma das primeiras moradoras a chegar no Beco dos Pretos, no relato a), podemos verificar a profissão desempenhada pelo pai da Dona Marina, jangadeiro. Trabalhava cortando árvores para fazer jangada na serraria do interior de Manacapuru. Nesse relato, podemos traçar o movimento feito do Nordeste para o Norte (interior do estado), e do interior para Manaus na década de 1950 e final da década de 1960.

Para Bentes (2012), Manaus é marcada por dois momentos de dinâmica migratória intensa no sentido (rural-rural) e (rural – urbano). O primeiro surgiu com o final da Segunda Guerra Mundial, quando a economia regional “sofre quebra brusca no mercado internacional,

que é inundado com a produção da Malásia [...]” (BENTES, 2012, p.87), concomitante a isso:

O crash da economia do Estado forçou a quebra do sistema de aviação, a falência dos grandes seringalistas, perda do financiamento por grandes bancos, redução do capital para investimento da exploração dos seringais, o fechamento dos seringais nativos e, na ponta, o abandono do seringueiro à própria sorte com isso, o seringueiro vê-se forçado a migrar das calhas dos rios para as pequenas cidades da região, já que não dispõe de nenhuma outra atividade produtiva. Esse é um primeiro movimento que percebemos influenciar o crescimento ou surgimento de pequenas cidades nas calhas dos grandes rios. As consequências locais são variadas, haja vista a falta de infraestrutura das pequenas localidades e seu isolamento geográfico regional.

Embora Bentes (2012), reforce em sua afirmativa esse ser o primeiro movimento rural-rural com os fins dos seringais, Oliveira (2003), expõe, haver também a chegada de imigrantes ao município de Manaus, vindos do interior do estado, após o fim dos seringais. Para esses dois autores, essa dinâmica é impulsionada pela expectativa da população em relação às melhores condições de vida na cidade. O que de fato representou para muitos, sua fixação em locais de fácil acesso pelo rio, como às margens dos igarapés que cortavam o município, e difícil acesso terrestre, por não fazerem parte da Manaus traçada para ser a *Belle Époque*. Representando assim, terrenos mais acessíveis para estes trabalhadores que migravam em busca de melhores oportunidades de trabalho.

2.1.3 Família Antonio de Pádua Silva de Araújo e Dona Rosenilda Gomes da Silva

Figura 5. Diagrama da Unidade Familiar Antonio e Rosenilda



Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2021.

Seu Antônio de Pádua Silva de Araújo, ao se casar com a Dona Rosenilda Gomes da Silva, foi em busca de uma casa para morar e encontraram a casa onde moram até os dias atuais. Sua sogra veio alguns anos depois, pois morava alugado, juntamente com seu filho Raimundo (Lholho). O casal tem 2 filhas: Fabrícia e Ana. Fabrícia é casada com Janderson e juntos criam dois filhos: Sophya e Heitor. Atualmente moram na casa, Rosenilda, Antonio, Dona Ivanete e Seu Lholho, que é irmão de Dona Rosenilda, além da filha mais nova do casal, Ana. Conforme relato de Seu Antonio morador há mais de 20 anos, resolveram vir morar no Beco:

- c) *Primeiramente foram as condições financeiras, sendo a única casa que eu encontrei que eu podia comprar. Mas em seguida a gente aprendeu a gostar do Beco dos moradores e dos vizinhos. Até hoje eu já faço de tudo pra não sair daqui. O Beco dos Pretos é conhecido como um Beco animado tem o Bardo Luiz ali que chama muita atenção também, e o Beco em época de festa ele chama muita atenção. Graças a Deus eu nunca escutei falar mal do Beco dos Pretos, e se eu ouvir falar, ai eu desminto, porque eu moro aqui. Sou o primeiro a defender com certeza [...] daqui eu não sairia não. Se eu pudesse até ampliaria minha casa, comprar um terreno maior, mais daqui do Morro não saio não. Felizmente eu não saio daqui não. Só morto mesmo (Antônio Pádua, 2014).*

Concordando com item exposto anteriormente, o relato c), expõe o motivo pelo qual levou o senhor Antonio a comprar sua casa no Beco dos Pretos, deixando explícito o poder aquisitivo compatível com o lugar da moradia encontrada, sendo a realidade de muitos que não possuem o poder de escolher onde e como morar.

Para Souza (2016), “a partir de 1950 [...], o país passa a uma inserção no mercado internacional; o novo modelo de produção cria também mudanças no modo de vida da classe consumidora, e aí está incluso também a habitação nas cidades” (SOUZA, 2016, p. 103).

Argumentando que:

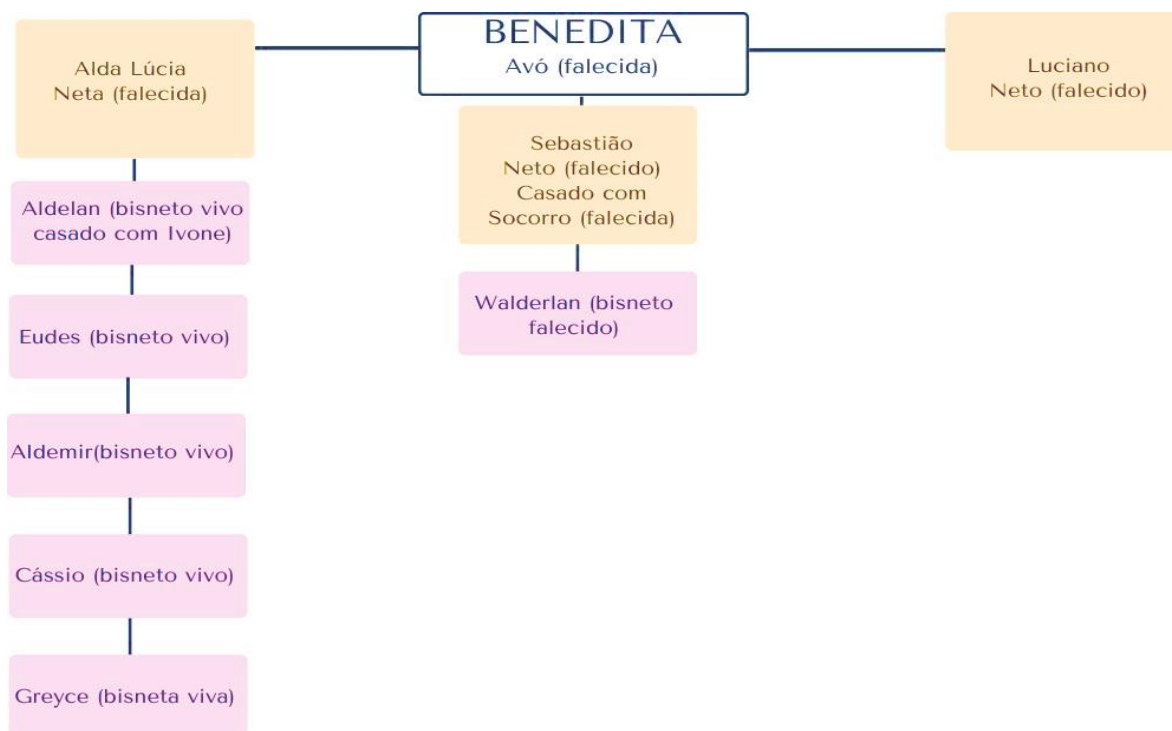
A padronização do uso de bens modernos, como os eletroeletrônicos e o automóvel modificam os valores, as culturas e também o espaço urbano. A habitação nesse momento passa de necessidade a bem de consumo [...] Implicando diretamente no valor da terra e em seu papel principal para habitação, que é uso que se faz dela. Um produto escasso nos grandes centros urbanos. Transformado assim, terra e dinheiro, produto rentável para os agentes desse processo: incorporadoras, construtoras e proprietários fundiários. E é a partir de seu uso que valores são incorporados para gerar ou converte o valor de uso em valor de troca para obtenção de maiores lucros. Criando-se um valor de uso, a mercadoria aumenta seu valor de troca (SOUZA, 2016, p.103-104).

Ou seja, o município de Manaus que outrora fora a *Belle Époque*, na década de (1950), segundo Fonseca e Corrêa (1972), “aumento no crescimento migratório parece ser fruto, em grande parte, de um esvaziamento do Interior do Estado, cuja população; excluindo-se o município da capital, cresceu somente 18.48% na última década - de 545.872 habitantes em 1960, passou à 646.737 habitantes em 1970 - enquanto que entre 1950 e 1960, esse crescimento foi da ordem de 36,30% (400.479 habitantes em 1950).

Conforme exposto no capítulo I, foi na década de 1950 que o limite urbano do município de Manaus expandiu, resultado do crescimento demográfico, o que alterou as características urbanas da Manaus da Belle Époque, que expandiu para além dos trilhos dos bondes, que marcavam os limites externos do município, iniciando a ocupação às margens dos igarapés e das moradias em palafitas.

2.1.4 Família da Dona Alda Lúcia Cândida da Gama (Falecida em 2020)

Figura 6. Diagrama da unidade familiar Dona Alda Lúcia Cândida da Gama



Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2021.

Dona Alda, neta de Dona Benedita, tinha como irmãos o Sr. Sebastião (conhecido como Babá - Falecido), Luciano (falecido) e Beba. Dona Alda e seu irmão Babá moraram por 50 (cinquenta) anos no Beco dos Pretos, até a passagem do PROSAMIM. Luciano faleceu antes da chegada do PROSAMIM.

Saliento que esta família é uma família reconhecida entre os moradores, Babá (Sebastião Cândido da Gama) pela sua generosidade e alegria e Luciano (Cândido da Gama), comandou uma das festas mais conhecidas do lugar, a festa do Mingau. Conforme o relato da Dona Alda em 2014, sua família chegou a partir da compra de uma casapela sua mãe:mayá

- a) *Eu não nasci aí não. Mas minha mãe trabalhava na tecelagem, aí a gente morava alugado, pra um lado e para outro. Aí uma amiga da minha avó comprou uma casa aqui na rua e deu pra gente morar. Aí a gente ficou morando na casa, minha mãe conseguiu um empréstimo e comprou a casa aqui do Beco. Acho que em 1960. Primeira casa da entrada do Beco dos Pretos. O primeiro dono era seu Benedito. A minha avó que morava com a gente era Dona Benedita. Rua São Benedito. Beco São Benedito. Saí por causa do PROSAMIM. 50 anos da Rua São Benedito, Beco São Benedito (Dona Alda Lúcia, 2014).*

Dona Alda Lúcia, era uma das moradoras mais antigas do Beco dos Pretos, faleceu em maio de 2020. Seus irmãos Sebastião da Cândido da Gama e Luciano Cândido da Gama, também faleceram anos antes desta pesquisa ser realizada. Sebastião, conhecido pela sua alegria contagiante e amizade fiel e Luciano, conhecido pelo seu dom em ornamentar e organizar eventos, sendo o fundador e organizador da Festa do Mingau que será exposta mais adiante. No relato a) nos mostra o trabalho da mãe da Dona Alda na fábrica de tecelagem situada na Zona Sul do município de Manaus, a Fitejuta. Sobre este ponto, Ferreira (2016), acrescenta:

[...] a cultura da juta e, mais tarde, da malva no Amazonas fizeram do Brasil o único país fora da Ásia a fazer concorrência à produção indiana. No auge da produção, em 1960, mais de 60 mil famílias das áreas de várzea dos Estados do Amazonas e Pará viviam da extração das fibras de juta, sem contar as fábricas e prensas que surgiram e outras que se transferiram do Sudeste para o Norte e se instalaram em cidades polos, como Castanhal, Belém e Santarém, no Pará, e Parintins e Manaus, no Amazonas, fazendo o Brasil autossuficiente para importação da fibra (FERREIRA, 2016⁴).

Isto posto, é afirmado por Silva e Torres (2015), que “o contexto empresarial amazônico referente ao período de 1937 a 1987”, foi de extrema importância para a “cadeia

⁴ Disponível em <http://www.fapeam.am.gov.br/>. Acesso em 27.04/2016

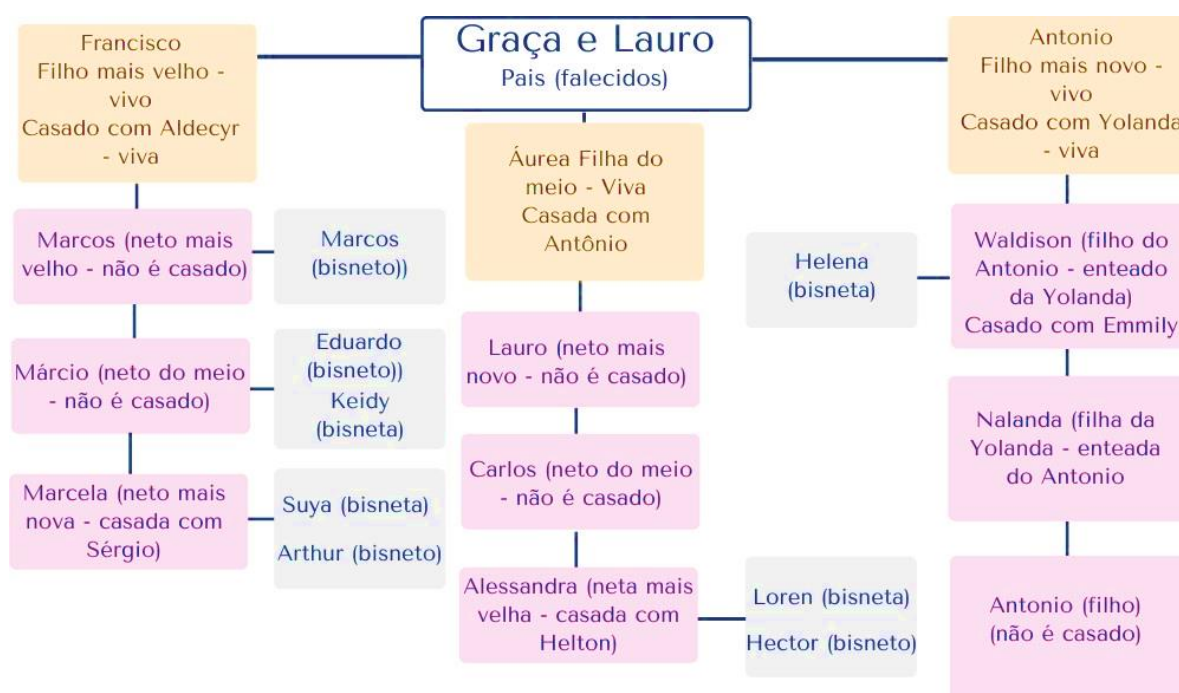
produtiva da juta como parte central do sistema econômico capitalista regional daquela época. Esta cadeia produtiva envolvia, além dos operários fabris que atuavam nas fábricas de fiação e tecelagem de juta em Parintins, Manaus [...]” (SILVA E TORRES, 2015, p. 2-3), considerando que:

Na outra ponta dessa extensa rede mundial, repleta de conexões e interfaces, temos o cidadão londrino, parisiense e novaiorquino consumidores de uma bebida produzida em larga escala pelo Brasil, o café, que tinha e ainda tem na saca de juta a embalagem ideal para ser transportado em longas distâncias, Belém, Santarém e Castanhal, milhares de juticultores acantonados nos beiradões dos rios e igarapés amazônicos (SILVA E TORRES, 2015, p. 2-3).

Dinâmica que movimentou a economia na região, possibilitando trabalho aos que chegavam à Manaus e oportunizando que os trabalhadores conquistassem a casa própria, como foi o caso da mãe da Dona Alda que com um empréstimo bancário possibilitado pelo emprego na tecelagem de juta (Fitejuta), conseguiu comprar a casa própria.

2.1.5 Família Lauro Estanislau Pires e Graça Gomes de Almeida

Figura 7. Diagrama da unidade familiar Lauro Estanislau Pires e Graça Gomes de Almeida



Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2021.

Família, tradicionalmente católica, chegou ao Beco dos Pretos no ano de 1969. O Sr. Lauro casado com Dona Graça (casal falecido), criaram 3 filhos. O mais novo hoje, com 48 anos, é Antonio Carlos de Almeida Pires (entrevistado). Este, casado com Yolanda Lima de Oliveira (entrevistada) e juntos criaram 3 filhos: Antonio Carlos, Nalanda e Waldison. A filha do meio, hoje com 53 anos, Áurea Pires Louchard (entrevistada). Ela se casou com Antonio Louchard, com quem teve 3 filhos: Lauro Antony, Carlos Antonio e Alessandra. Por sua vez, Alessandra Louchard casou-se com Helton Freire e juntos tiveram 2 filhos: Loren Heloisy e Hector. O filho mais velho do casal, Francisco Pires, casou-se com Aldecyr, com quem teve 3 filhos: Marcos, que tem um filho, também com o nome de Marcos, mas não é casado, Márcio, também não se casou, mas tem 2 filhos: Carlos Eduardo e Keidy. E Marcela, que por sua vez, casou-se com Sérgio e tiveram 2 filhos: Sua e Arthur.

De acordo com o relato da Dona Áurea Pires Louchard, em 2020:

- a) *É assim, em sessenta e nove a gente veio do de lá do interior, né? De Manacapuru.*
- b) *Aí viemos aqui, mas ficamos no bairro de Santa Luzia, na casa de um primo nosso de lá, papai ficou procurando lugar, acho que a gente ainda morou ainda lá uns três, quatro meses na casa desse primo lá no bairro de Santa Luzia aí na rua na Avenida Leopoldo Neves, me lembro bem, sei até o local onde é. Só que agora com o negócio do PROSAMIM saiu, mas eu sei mais ou menos onde ficava.*
- c) *E aí a gente passou esse tempo lá até encontrar uma casa, porque na realidade, o papai queria mesmo morar no bairro de Cachoeirinha. Papai sempre foi apaixonado pelo bairro de Cachoeirinha, mas como o dinheiro não deu, né? E aí foi quando e aqueles terreno ali, tudo era do pai dos Calado, do Seu Chaga. Aí então um primo da mamãe, tinha comprado esse terreno. Quando eles souberam que o papai tava em Manaus atrás de um terreno pra comprar ou casa, aí foi quando ele vendeu essa parte do beco aí a maioria era do Seu Chá, os terreno. Aí foi quando ele ficou sabendo, esse primo da mamãe tinha comprado, aí sabendo, ele foi e ofereceu pro papai. Olha Lauro, eu tenho que eu comprei lá no bairro Morro da Liberdade, eu acho que eu não vou querer ficar lá e o papai foi, comprou esse terreno, entendeu? E eh quando foi eu acho que a gente chegou aqui no morro, foi por aí assim, final de sessenta e nove pra setenta. **Aí foi quando o papai comprou, deu uma parte pra ele e depois foi pagando ele a prestação. É, isso daí que a história eu ouvia, né? Que eu ficava ouvindo as conversas e eu ficava prestando atenção.***
- d) *Então, quando a gente foi morar, tinha um casebre no terreno, era uma casa feita de palha, entendeu? Eu ainda me lembro que era de palha, depois o papai ajeitou, aí cobriu de alumínio, aí depois o papai ajeitou mais*

bonitinho, a madeira toda pintada, a tábua da frente da casa, era machiada, tudo bonitinho. Aí depois que ele construiu de alvenaria.

- a) { *Meu pai era vigia do IPASEA, na atualidade o AmazonPrev, e nas horas vagas ele capinava terrenos e vendia leite, que ele comprara nos barcos que vinham do Carreiro. Aí ele vendia `` (Áurea Pires Louchard, 2020).*

Ao escutar este relato, algumas colocações levam à reflexão: primeiro a frase: “paixão pela Cachoeirinha” que aparece no item c), (Áurea Pires Louchard, 2020). Cachoeirinha é um bairro antigo, de ruas largas, casas grandes com quintais arborizados, características da organização urbana do município até a década de 1950 quando se deu expansão do perímetro urbano para além da Cachoeirinha.

Até o início dos anos 2000, me recordo que existia rivalidade entre os dois bairros. O Beco dos Pretos, fica na margem direita do Igarapé do Quarenta, atualmente, localiza-se no início da ponte que faz ligação entre os dois bairros. Até a implantação do PROSAMIM, a ponte dividia os bairros e as pessoas, me insiro para expor este relato, pois como morei na margem esquerda do Igarapé do Quarenta, nós moradores da Cachoeirinha, tínhamos que observar, se existia algum conhecido do outro lado da ponte para que pudéssemos passar com segurança, pois existia um território demarcado pelo tráfico, então a ponte da Maués que hoje é a Ponte Gilberto Mestrinho, foi palco de muitas cenas de violência, já que existiam brigas entre as denominadas “*galeras*” que eram grupos rivais da época, os quais disputavam território.

Lembro que eu ainda criança, vi pessoas agredindo umas às outras, com gargalo de garrafa quebrado, cena chocante e que me fez adquirir verdadeiro pavor à confusão, até a atualidade. Então, essa visão do bairro da Cachoeirinha ser “melhor” para se morar que o Morro da Liberdade, vem da rivalidade entre os dois bairros e da infraestrutura que o bairro da Cachoeirinha possui em relação ao Morro da Liberdade, como vimos anteriormente, a Cachoeirinha foi um bairro planejado da Manaus da *Belle Époque*.

Outro ponto do item c), é que era comum encontrarmos moradias cobertas de palha, não vou precisar datas, pois não tenho como afirmar até que ano eu ainda as vi na cidade. Ter uma casa de tábua machiada para quem é aqui do Amazonas, sabe-se que essa madeira era utilizada por pessoas com um determinado poder aquisitivo, mesmo quando as moradias de madeira eram comuns, ainda assim, representava um determinado padrão econômico, a forma e o tipo da madeira utilizado.

E o relato segue da casa que foi coberta de palha, depois tábua machiada e alumínio, até ser de alvenaria como é na atualidade. Indicando que essa família que veio do interior do Estado, construiu sua moradia de acordo com os costumes trazidos do interior, e aos poucos foram se adequando aos padrões de moradia do município de Manaus.

Vale ressaltar, que com exceção da família da Senhora Gilcimara, todas as outras, vieram do interior do Estado. Quero colocar aqui, que nas conversas com os filhos do Senhor Lauro Pires, nós fomos à busca de suas origens, identificadas no item a) e complementadas pela informação de fixação da família, primeiramente no bairro de Santa Luzia e posteriormente, no Beco dos Pretos.

A família Pires saiu do Maranhão buscando novas oportunidades nos seringais situados no Juruá, chegando ao Amazonas - *“no auge da exploração da borracha. Meus avôs vieram do Maranhão em busca de uma vida melhor. Com a queda na produção nos seringais, o Senhor Lauro, já um jovem, veio com seus pais morar em Manacapuru. Lá conheceu minha mãe e após a morte de meus avôs, meu pai veio morar na capital”*, - sem muito poder aquisitivo, moraram alugado no bairro vizinho ao Morro da Liberdade, o Bairro Santa Luzia apontado no item c), até então, comprar um terreno no Beco dos Pretos, alternativa para a moradia, embora no depoimento acima, fique claro que o “sonho” de moradia, era o bairro da Cachoeirinha. Fato que confirma dados apresentados com a pesquisa no IGHA (2001), e que consideramos valiosos para a pesquisa, pois foi essa família que conseguimos resgatar, desde a saída dos avôs do estado do Maranhão, até sua chegada em Manaus, mais precisamente no Beco dos Pretos.

2.1.6 Família Gilcimara Sampaio

Figura 8. Diagrama da unidade familiar Gilcimara Sampaio



Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2021.

Gilcimara nasceu no Beco dos Pretos e sua família permanece morando no lugar. A casa em que mora com os filhos, pertencida a sua mãe Dona Deuzuita Sampaio Amazonas, hoje falecida. Gilcimara é mãe de 3 filhos: Deuziane, Mariane, e Felipe. Conforme relato da mesma:

- c) *Bem... porque meus pais vieram morar aqui eu não sei. Mas eles moraram aqui e antigamente eles moraram ali no Cajual, e também aqui pra rua 24 de Agosto. Nós morávamos ai em cima. Foi tempo que minha mãe comprou o terreno e fez essa casa onde a gente mora, aí nesse pedaço. Minha filha, vou te falar que aqui eu não tenho do que reclamar em matéria das pessoas, **tem algumas que eu já tive desentendimento, mas no geral são todos muito bons.** São amigos que pra quando eu preciso, **eles são minha família, nunca se negaram a me ajudar.** Não tenho do que me queixar. Eu já pensei, e já pensei muito em sair daqui, mas aqui eu nasci, cresci e me criei aqui, e tenho certeza que a compreensão que eu tenho aqui não vou ter em outro canto, bem que o ambiente quem faz é a gente, mas a mesma coisa sei não é não (Gilcimara, 2014/2020).*

No relato da senhora Gilcimara, é possível observar, cenas típicas do cotidiano, como o “desentendimento” entre vizinhos, dos relatos coletados, este é o único que coloca este fato e é o único que a moradora não soube informar os motivos que levaram seus pais a comprarem a casa no Beco dos Pretos. Porém, encontramos aqui a expressão “eles são minha família”, o que traz pertencimento e reconhecimento das pessoas da comunidade como sendo uma “família”, laços de afetividade que vão além da simples vizinhança.

Merleau-Ponty (1999), reforça que a experiência do mundo é a experiência que temos com os lugares, isso faz com que as pessoas criem sentimento de identificação ou de rejeição, o que reflete de forma direta ao modo com que elas se percebem entre si, enquanto comunidade e se percebem em relação ao outro, neste caso, reconhecendo-se como “família”. Para Merleau-Ponty (1999), cada pessoa é única, portanto, cada experiência vivida é um produto formado da relação que cada pessoa tem com o lugar, e desta com os demais, produzindo sentimentos que transformam tanto o lugar como suas experiências como únicos, uma percepção singular.

Concordando com esta acepção Gusfield (1975), esse sentimento gerado, faz com que as pessoas se unam para resolver seus problemas de maneira colaborativa, fortalecendo ações conjuntas de interesses comuns, provocando o que o autor denominou de comunidade. Ou seja, a união por interesses, vai além da formação do grupo por número de pessoas, perpassa o campo dos sentimentos que o fazem reconhecerem-se como iguais. Aqui representado pela expressão “família”.

Deste modo, podemos inferir alguns pontos relevantes:

1. Há uma sequência de movimentos migratório rural-urbano, que marca a chegada das famílias ao Beco dos Pretos. Famílias vindas do interior do estado, onde originalmente exerciam funções ligadas à agricultura ou atividade madeireira;
2. Com a chegada na capital amazonense, empregaram-se na tecelagem de juta, atividade econômica que absorvia esta mão de obra vinda do interior do estado no período pesquisado, ou comerciantes autônomos, e vendas avulsas como complemento de renda;
3. A escolha do lugar de moradia se deu em consequência do poder aquisitivo, sem muitas economias e alternativas de escolha, o Beco dos Pretos, prevaleceu na hora de decidir onde morar.

A realidade mostrada nos relatos, não se difere da vivida por outros lugares do município pois no período de 1950, o fluxo migratório foi intenso, conforme já exposto, fato amparado pelas pesquisas de Bentes (1986).

Assim, seguimos para o tópico que trará a história do lugar contada por seus moradores, trazendo a história do Beco, desde a chegada das primeiras famílias, a organização da comunidade e as festas como elo de coesão social construído a partir da complexidade de relações, principalmente, quando se trata de maneira de apropriação e pertencimento ao lugar, formando a comunidade, entendida à luz de Gusfield (1975).

2.2 O que está guardado na memória é eterno

De acordo com Costa (2005, p. 109) “*muitos estudos que primam pelos grupos sociais urbanos e suas relações espaciais reproduzem a racionalidade econômica ao tratarem sobre 'classes', rendimentos, consumo e qualidade de vida pela identificação do aporte material que tais grupos podem adquirir*”. Nesse sentido, pesquisas de cunho geográfico trazem à cidade a partir da racionalidade de relações capitalistas, e nos mostram a dinâmica da materialidade da cidade. Geralmente, relacionada à sua paisagem concreta onde se reproduz o capital,

desconsiderando a subjetividade que dá vida a cidade, pois para cada momento econômico, marcas históricas são realizadas na paisagem, como por exemplo, as construções do centro antigo da cidade, onde é possível observar as mudanças no padrão construtivo, e cada um representando um tempo-espaço na história de Manaus.

Além disso, é pertinente trazer a história do Beco dos Pretos, contada por quem é dono da história, de quem vivenciou o lugar, lugar este onde muitos deixaram suas raízes. Na sequência, serão apresentados os ritos das festas do lugar, pois são estas festas que quando recordadas, trazem às pessoas a uma mesma posição social, onde os mesmos se reconhecem como comunidade, mostrando a importância desse lugar de cultura que estão inseridos no urbano e que para os quais, pouca ou nenhuma importância é dada diante de grandes projetos urbanísticos como é o caso do PROSAMIM, mas que trazem relevância para pesquisas quando mostradas, pois, não foi removido somente pessoas moradoras na área de vulnerabilidade das margens do Igarapé do Quarenta, foram removidas ou interrompidas histórias e essas histórias são parte da cidade, pois nela estão inseridas.

Seguindo esta lógica, os ritos do lugar e dos lugares “invisíveis” para a cidade, são de relevância às discussões pautadas nos aspectos sociais os quais fazem parte da cidade, contribuindo com estudos de formas da apropriação do espaço, para além de sua materialidade. Apresentando a história do Beco dos Pretos, contada pelos seus moradores torna seus representantes, representantes também, de tantas outras comunidades que “desapareceram” com a implementação de projetos urbanísticos e para as quais não foi possível ter “voz” diante das políticas urbanas empregadas pelo Estado, mostrando assim, a relevância das experiências dos lugares dentro do contexto da requalificação das cidades.

Na perspectiva de entender como foi produzido este lugar pelo olhar de quem vivenciou este processo, o professor e historiador Manoel Calado fez um relato emocionado, nos dando a exata dimensão não só da formação do Beco dos Pretos, como também, sua experiência com o lugar. Possibilitando como caminhos metodológicos, construir a história do Beco dos Pretos, pela voz de quem viveu a história. Então, iniciaremos pela origem do Beco dos Pretos.

- a) *O Beco dos Pretos é um dos lugares mais notáveis do Morro da Liberdade. O bairro que é um dos mais importantes da cidade de Manaus tem muita história o Beco dos Pretos. O Morro da Liberdade foi fundado ainda no final do Século XIX, portanto um dos bairros mais antigo da cidade. E entre os anos de 1900, nós temos os imigrantes nordestinos chegando no Morro da Liberdade, e essa fusão com os africanos, dos nordestinos com africanos e os indígenas do bairro, e os brancos deram origem a uma grande composição cultural, uma grande fusão cultural e étnica, e também artística, sendo esta a fundação do Morro da Liberdade, e o Beco dos Pretos pelos anos 1950.*

De forma geral as identidades são construídas a partir da interação humana, sendo que o modo como as pessoas se organizam em seus grupos tendem a influenciar diretamente o modo como estes se percebem, formando assim um conjunto de relações sociais relevantes para eles, compartilhando dos mesmos costumes, regras, objetivos, e, portanto, formando valores coletivos. Assim, Jacques (1998, p.161) afirma a existência de uma dicotomia em que “*a identidade passa a ser qualificada como identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e/ou identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias)*”.

No item a) acima, é possível perceber no relato, a presença do que conhecemos como miscigenação de povos, a presença dos africanos, dos nordestinos, dos brancos e dos indígenas que chegam criando este que é o bairro Morro da Liberdade, e posteriormente, famílias herdeiras de afrodescendentes maranhenses e rio grandenses, chegam no lugar que hoje é o Beco dos Pretos.

Nós temos informações das famílias que estavam aqui, e que foram formando o Beco dos Pretos a partir de picadas. Interessante, que tudo ia no sentido do igarapé, que circundava o Beco dos Pretos, e que circunda o Morro da Liberdade - o Igarapé do Quarenta um dos mais importantes de Manaus.

- a) *E ali naquela coisa dos anos de 1950, 1960, aquelas casas humildes, simples mas com uma força cultural muito grande, com uma força étnica que eu diria multirracial, **porque são vários povos formando ali um sincretismo cultural no Beco dos Pretos.** E particularmente, eu me lembro do Beco do Pretos, porque eu nasci no Beco dos Pretos. Eu nasci ali em 1962 e a minha família tinha chegado em 1957, a minha família materna, que foi uma das primeiras moradoras do Beco dos Pretos.*

Este sincretismo cultural, relatado por Calado (2020), traz aspectos de mistura étnica que dá origem ao Beco dos Pretos, e que também é marcado pela religiosidade local, pois neste lugar, havia um batuque cujo nome era “Batuque do Seu Zé Tupinambá”, pouco frequentado

pelos moradores dali, mas bastante frequentado por manauaras conhecidos no município de Manaus. Ou seja, a presença do batuque já extinto, a presença da Capela de São José e São Benedito, a devoção moradores a esses dois santos e a também presença de evangélicos, são resultado não somente do sincretismo étnico como colocado por Calado (2020), já que os moradores são descendentes de maranhenses, rio grandenses e cearenses, uma mistura que origina também o sincretismo religioso. Símbolos de tradições herdadas por aqueles que criaram o Beco dos Pretos.

Circundando o Beco dos Pretos, tinham outras ruas e a rua principal que é a rua São Benedito onde fica a escola de samba Reino Unido da Liberdade, as pessoas se aproximavam do Igarapé do Quarenta, porque ali era fonte de água, água viva, água para alimentação, água para tomar banho, água pra tudo, era pelo Quarenta, o que é substancialmente importante para a história de Manaus, sendo um dos igarapés importantes.

E ali naquele meio, estava tendo uma colonização, com o igarapé protagonizando e dando vida àquelas pessoas, dando toda uma condição para que aquelas pessoas pudessem se locomover.

Eu me lembro, quando eu ainda era criança nos anos 1970, 1960 para 1970, os batelões que são aquelas embarcações antigas, abarcavam aqui no igarapé fazendo conexão com a parte que se ligava com o Beco dos Pretos. Então me lembro das cacimbas, pequenas áreas para a gente tomar um banho e as águas.

a) *Tomávamos banho com aquelas cuias antigas, e aquela moçada da minha idade, de 11, 12, 13, 14 anos, indo pra lá brincar, jogar bola no Beco dos Pretos, porque havia muita amizade, havia muito companheirismo ali, e muitas famílias, misturando nordestinos com africanos, misturando pessoas que vinham do interior, que fugiram da seca de 1953 que vieram pra Manaus e foram para o Beco dos Pretos. E depois, pessoas que foram se chegando aqui da Cachoeirinha e assim o Beco dos Pretos foi crescendo.*

Nos anos de 1970, ali no Beco dos Pretos, eu jogava bola toda tarde, entre 1973, 1974, meus 11, 12 anos. Então, me lembro muito bem que foi o Beco foi crescendo, a nossa família, assim como outras famílias, com amigos nossos, que são amigos até hoje graças a Deus, e gente que foi ajudando a formar o Beco dos Pretos.

c) *Nos anos 1980, 1990, a gente já adulto, amadurecendo, as festas iam acontecendo no Beco dos Pretos, comemoração do Dia da Consciência Negra, Festa do Mingau, e as famílias se tornando cada vez mais próximas, uma grande família do Beco dos Pretos, porque eu me lembro que a gente dividia muitas coisas, eu ia para casa de amigos, ia para casa dos meus tios, e ali a comida era muito farta, um ambiente humilde, onde a*

comida era farta. As pessoas se preocupavam com a comida, se preocupavam que todos tivessem o que comer.

b)

*Não era só aquela família que estava naquela casa, era quem chegasse já ia fazendo parte da família. Eu também fazia parte! a gente comia muito junto, a gente estava muito próximo, a gente era muito amigo, e amigo até hoje. Eu até me emociono quando eu falo, porque era muito forte, e **quando a gente teve que sair alí do Morro da Liberdade, bateu realmente uma tristeza muito grande, porque a gente teve que deixar aquela coisa da nossa cultura. Mas quando eu encontro pessoas que moravam no Beco dos Pretos, que moravam no Morro da Liberdade, todos falam, e são unânimes em dizer, que sentem falta dalí.***

Assim, para Bock (1997) as condições das ações cotidianas dão sustentação para um contexto sócio histórico, confirmado por (Sève, apud Jacques, 1998), expondo que:

Assim o homem se constitui, a partir de um suporte biológico que lhe dá condições gerais de possibilidades (próprias da espécie Homo Sapiens Sapiens) e condições particulares de realidade (próprias de sua carga genética). No entanto, as características humanas historicamente desenvolvidas se encontram objetivadas na forma de relações sociais que cada indivíduo encontra como dado existente, como formas históricas de individualidade, e que são apropriadas no desenrolar de sua existência através da mediação do outro (SÈVE apud JACQUES, 1998, p. 162).

É a partir da formação histórica do lugar, e sua interação com a experiência individual e coletiva que se forma a identidade social, reflexo das trocas cotidianas no lugar de vivências. Essas experiências, são as relatadas aqui como os banhos no igarapé com os amigos, a ação de se reunirem para a alimentação, as festas organizadas na comunidade. Fatos que fortalecem laços de afetividade, representado pelo que os moradores inferem como sendo “uma grande família”, devido aos laços criados pelas experiências, neste que é um espaço social.

Porque ali, a gente cresceu. Ali a gente viu nosso pais nos criar, nos dá dignidade, e isso faz com que nós tenhamos uma ligação muito profunda com o Beco dos Pretos. As festas nos anos 70, anos da discoteca, a gente ficava conversando ali, até nove horas da noite, quando dava nove horas a gente tinha que ir pra casa porque a nossa mãe já tinha dito que a gente tinha que voltar nove horas, e a gente obedecia, todos obedeciam. Era um tempo interessante porque havia muita obediência aos pais.

Os pais que conversavam com a gente, que falavam pra gente o que tinha que fazer e até que horas a gente tinha que ficar. Eu me lembro por exemplo que quando dava seis horas da tarde, ali no Beco dos Pretos, a gente estava brincando perto do Igarapé do Quarenta, um pouco distante as vezes, mas a

gente sabia quando era seis horas que tinha que voltar pra casa, porquê? porque as cigarras cantavam, ou seja, tinha árvores.

- a) *Tinha a natureza no Beco dos Pretos, muitas árvores, era muito verde a área que cercava o Rio. Hoje se você for lá, não tem mais nada aquilo tudo morreu, e o igarapé que era limpo, que meu pai jogava garrafas pegava peixe, que eu ia comer com meus irmãos e com minha mãe, quando eu tinha 8, 9 anos.*
- Eu vejo que hoje muito tristemente, aquilo está depredado. Debaixo da ponte que fizeram, a gente vê uma área muito infestada de aspectos negativos, a gente vê muita violência, ali naquela área do Morro da Liberdade e do Beco dos Pretos, e no nosso tempo de criança, o máximo que a gente via, era a mãe da gente dizer: olha, cuidado! fica até nove horas porque vai passar o pessoal aí, olha os cachaceiros! E o pessoal da cachaça, que não mexia com ninguém, mas que as mães ficavam preocupadas.*
- Então a gente vê que era uma vida diferente, que tinha um companheirismo, que tinha um amor muito grande, muito amor fraterno nas pessoas do Beco dos Pretos. Porque na verdade, era uma fusão de culturas, uma fusão de pessoas diferentes que terminava sendo uma grande família, e isso ficou pra nós, porque quando a gente lembra do Beco dos Pretos, a gente sempre tem dentro do coração essa coisa, que é essa coisa do amor.*

Dessa forma para Barros (2000) a identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio- histórica de individualidade. O contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. O termo identidade pode, então, ser utilizado para expressar, de certa forma, uma singularidade construída na relação com outros homens.

Porque como Jesus fala: a coisa mais importante, e a definição de Deus, é que Deus é amor. Eu acredito que ali no Beco dos Pretos, cristaliza-se isso, porque você sente amor ali naquela área. Um amor que é um amor atemporal, porque vai além do tempo que a gente está vivendo, é o tempo que se formou no infinito. Muito obrigado! ” (Manoel Calado, 2020).

Portanto, a identidade não é algo construído, ela vai se construindo ao longo da vida, no Beco dos Pretos, os moradores se reconhecem pelo sentimento que possuem por este lugar de vivência, pelas experiências com as festas, com a forma de como se organizam para ajudar uns aos outros, pelas experiências vividas em grupo, gerando esse “amor” pelo lugar.

Ao acompanharmos a história das políticas governamentais urbanas no município de Manaus, e observarmos os trechos deste relato, perceberemos a dinâmica da cidade em seus

momentos históricos. Assinalamos com item a) características e fatos da comunidade que reforçam o conceito de Genep (2011), para ritos de agregação. O referido autor, afirma que ritos de agregação ou incorporação, se caracterizam por ações de conclusão da passagem, ou seja, quando de fato a pessoa é reconhecida pelo grupo, sendo aceita por aqueles que o compõem. Esse reconhecimento é entendido por Gusfield (1975), como comunidade, congregando ao rito de passagem de Genep (2011).

Embora os autores, encarem esse fato por perspectivas diferentes, pois um considera os rituais e o outro a afetividade, na prática, os rituais referentes aos ritos de agregação (festas do Beco dos Pretos), são ações que culminam em sentimento de pertencimento. São nesses momentos das festas, em que os rituais anteriores a elas, fazem com que eles se reconheçam como “família”.

O ritual de se reunir para comer, gera o sentimento de partilha, de cumplicidade, reforço dos laços de amizade, fazendo com que se sintam como se tivessem laços consanguíneos, preocupando-se umas com as outras, no sentido de que todos se sintam saciados à mesa, não faltando alimentos a ninguém. Ao terem que “deixar” esse lugar, sentem como se tivessem sido separados de seus familiares, percebendo-se como parte do lugar, e aí vem a resistência de permanecer ali, mesmo que seja na memória.

História marcada pelos acontecimentos do início do século XX, com a chegada de imigrantes nordestinos para os seringais, e com o fim do apogeu da borracha na região, o processo migratório foi significativo para o município de Manaus, como reflexo dessa dinâmica o aparecimento de moradias ao longo das margens dos igarapés que banham o município, a criação da “cidade flutuante” que teve seu início na década de 1920 e tomou grandes proporções, adentrando os Igarapés do Quarenta e Manaus, além da frente da cidade, precisamente na altura da Manaus Moderna – Igreja dos Remédios. Para Benchimol (1964) *“Sem a devida preparação para fazer face à competência urbana e não encontrando condições mínimas de participação e promoção social e econômica, essas populações tendem rapidamente a marginalizar-se nos grandes centros urbanos”*, contexto que descreve a criação da “cidade flutuante”, e que trouxe para as margens do Igarapé do Quarenta, alternativa de moradia para aqueles que não tinham alternativas de moradia.

No item b), percebemos o presente de perdas. O lugar, assim como Manaus, já não é mais o mesmo, os igarapés do passado, hoje são avenidas, onde era lazer da população, hoje

lugar de lixo e poluição. As pontes que embelezavam a Belle Époque, construídas para interligar lugares, hoje, são moradias daqueles que não podem escolher onde morar

Manoel Calado (2020) relata *“E ali naquela coisa dos anos de 1950, 1960, aquelas casas humildes, simples, mas com uma força cultural muito grande, com uma força étnica que eu diria multirracial, porque são vários povos formando ali um sincretismo cultural no Beco dos Pretos”*. Gente simples, mas com vontade de *“vencer”* na vida, trazidos pela visão de uma busca por melhoria de qualidade de vida.

No Beco dos Pretos, além da proximidade com o Igarapé do Quarenta, também existiam as cacimbas⁵, onde as mães lavavam roupas como uso doméstico e como uso profissional, como lavadeiras, lugar que também serviam às brincadeiras de criança. E aos catraieiros que faziam o transporte dos moradores do Bairro Cachoeirinha para os bairros adjacentes na outra margem do igarapé, sobre isso, Oliveira (2008) reforça:

*À medida que as pontes eram construídas para atender a circulação de automóveis, a de Educandos na década de setenta e a de São Raimundo nos anos oitenta, os catraieiros que tinham sua área de atuação restrita foram desaparecendo. A construção de uma ponte ligando o bairro da Cachoeirinha ao Morro da Liberdade determinou o encerramento da atividade e o desaparecimento de um meio de transporte público, bem como um modo de vida ligado à água. No período da cheia em Manaus, entre os meses de abril a julho, ainda havia alguns **catraieiros** [figura 9] que faziam a ligação do Boulevard Álvaro Maia à Feira de São Jorge na travessia do Igarapé da Cachoeira Grande, mas se tratava de uma ação isolada que já desapareceu (OLIVEIRA, 2008, p. 39).*

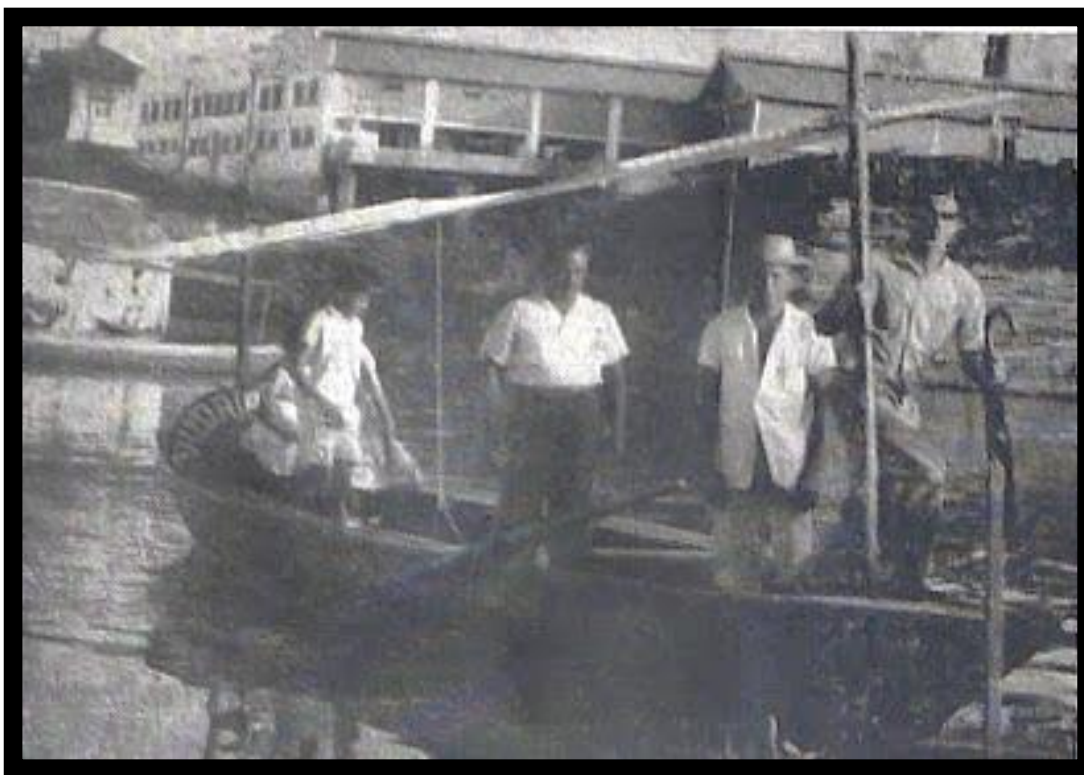
Ao mesmo tempo em que o município se preparava para receber a Zona Franca de Manaus, moldava-se o urbano de acordo com seus interesses, deixando os menos favorecidos às margens limítrofes do município, conforme se expandia a cidade novos costumes eram criados e o cotidiano se moldava aos novos tempos.

Sposito (2001) afirma que, *“entender a urbanização a partir do desenvolvimento industrial, é procurar entender o próprio desenvolvimento do capitalismo”*. Para a autora, a urbanização vem do elevado número de pessoas que passaram a viver nas grandes cidades, o que por sua vez, impulsionou o desenvolvimento capitalista levando ao desenvolvimento urbano que amparasse a industrialização, modificando a estrutura, a função e as formas internas

⁵ Cacimbas - Cova ou poço em que se junta a água paludosa.

das cidades e o papel desempenhado por elas.

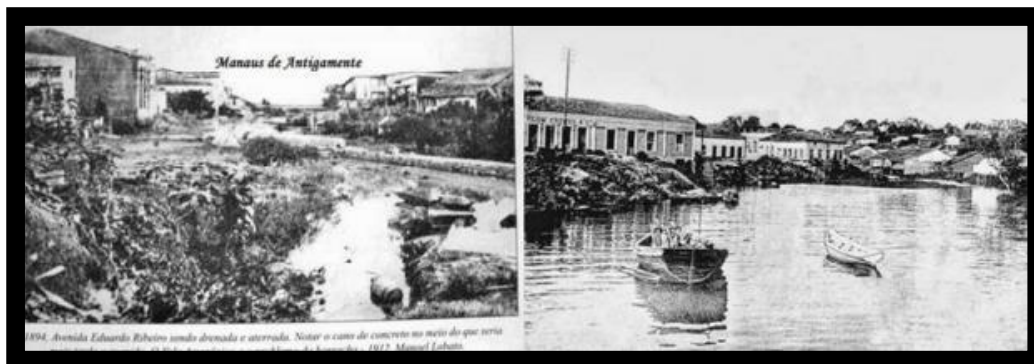
Figura 9. Catraias



Fonte: ANDRADE, Moacir. Manaus das Catraias. Manaus, Jornal do Comércio, 23 e 24 de outubro de 2005.

Em Manaus, este movimento de novas formas e funções da cidade trouxe o que Medeiros (1996, p. 70) expôs ser uma *“urbanização que se traduziu em profundas transformações na paisagem da cidade. Para acompanhar a infraestrutura necessária a reprodução do capital”*. Dessa forma, a presença da cidade flutuante na década de (1960), contradizia o conceito de cidade moderna, assim como, a presença dos igarapés, anteriormente aterrados, e que nos anos (2000), voltou com o PROSAMIM, por meio do Estado regulador do espaço urbano, que veio como forma de, mais uma vez na história do Município, *“limpar”* os igarapés de Manaus deixando a cidade mais bonita.

Figura 10. Igarapé Espírito Santo (atual Avenida Eduardo Ribeiro)



Fonte: Manaus de Antigamente. Organizado por: Lupuna Corrêa de Souza, 2015.

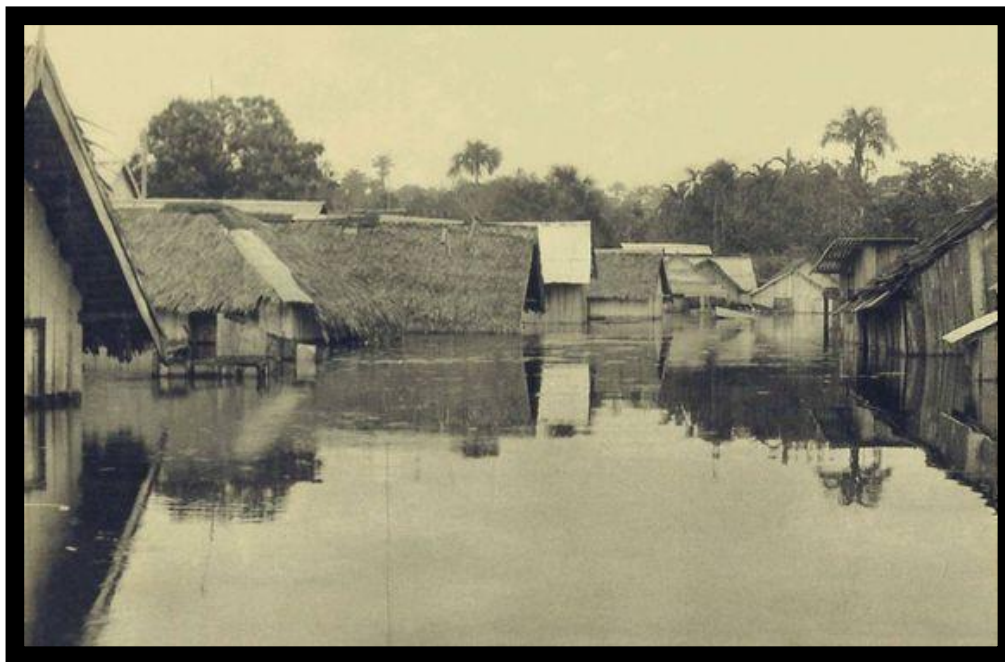
O Processo de “embelezamento” e “higienização” de Manaus é tão atual que se olharmos o PROSAMIM, o discurso é antigo nos documentos de ações governamentais dos que por aqui passaram que é possível verificar cristalizado na paisagem os objetos artificiais construídos ao longo do processo de produção urbana no município deixando o discurso bem atual, como uma continuidade ao longo dos anos.

Acima, temos o registro do início da construção da principal Avenida do Centro de Manaus, a Avenida Eduardo Ribeiro, realizada pelo então Governador Eduardo Ribeiro, na tentativa de fazer uma Manaus conforme os padrões europeus de civilização, aterrando e canalizando igarapés para construção de avenidas e praças.

Além da questão estética implícita nesta, houve certa preocupação com a saúde da população local, tendo-se iniciado, no governo de Fileto Pires Ferreira (1896-1900), o aterro de igarapés de onde irradiava o mosquito da febre palustre. Essas obras trouxeram consequentemente, danos ambientais na medida em que a grande quantidade de solo era escavada da área do centro histórico da cidade para o aterro dos canais. As águas pluviais não escoavam e tampouco desaguavam no rio, formando-se os pântanos. Começaram a surgir críticas às políticas de intervenções, pois tais medidas acarretavam desequilíbrio ambiental, como descreve o site Manaus de Antigamente, 2020.

Assim, o município de Manaus “foi sendo moldado a partir de um sistema de objetos artificiais e por um sistema de ações igualmente artificiais como pontes e aterros e ocupação das margens dos igarapés” (Oliveira, 2008, p.35). Sendo as ocupações irregulares, um marco no município principalmente a partir dos anos de 1950. Abaixo, registro fotográfico de casas no bairro Morro da Liberdade, estando inundadas, devido às cheias dos rios do ano de 1953.

Figura 11. Cajual – Bairro Morro da Liberdade –Enchente de 1953



Fonte: Acervo Edlucio de Castro Alves

Com isso, é possível inferir que o Beco dos Pretos é um lugar vivo e pulsante na memória de quem o vivenciou, o valor atribuído ao lugar do indivíduo é resultado da convivência familiar, de suas relações com vizinhos, amigos, amores e dissabores, experiências trazidas do cotidiano, as quais se firmam por relações socioespaciais e laços de afetividade, que dão a este lugar, ilusão de singularidade.

Com seus costumes e sua cultura, e que é também lugar de conflitos, pois, as experiências individuais são histórias de vida que ficam na memória, cada um ao seu modo, com seus símbolos, seus valores, suas imagens e experiências, de forma a moldar a maneira de como percebem o meio.

A história deste lugar é a própria história da cidade, pois, “os melhoramentos de infraestrutura urbana quase sempre excluía as periferias onde proliferavam os casebres de palha e os flutuantes às margens do rio Negro, reatualizados pelas ocupações urbanas às margens dos igarapés, produzindo uma verdadeira alienação do morador pobre em relação à cidade” (OLIVEIRA, 2008, p.36-37), característica de moradia exposta no relato da Família do Senhor Lauro Estanislau Pires.

A cidade das obras suntuosas do início do século XX e dos altos índices de produção do início do século XXI só foi possível numa sociedade marcada por um processo de construção do espaço cuja principal característica foi a destruição da natureza e da cultura local. Por isso, no período áureo da borracha e quase um século depois no da Zona Franca houve a expansão da malha urbana, a construção de novos equipamentos, articulando a cidade ao mundo e desprezando a história e a cultura do lugar (OLIVEIRA, 2008, P.36-37).

Esse processo, “desprezando a história e a cultura do lugar” exposto por Oliveira (2008), acompanha os grandes projetos urbanísticos pelos quais Manaus já passou ao longo da sua história, e vem passando com o PROSAMIM, mais recentemente.

A hidrografia, portanto, exerceu e exerce forte influência na configuração do sítio urbano e de certa maneira na morfologia da cidade. Até os anos sessenta sua ocupação produziu-se num processo que retoma a forma da cidade do final do século XIX, com o aterro dos igarapés da parte central da cidade e a construção de três pontes na Avenida Sete de Setembro. No final do século XIX, a cidade passou pela primeira expansão urbana, quando então foram aterrados, somente na parte central, sete igarapés (Valle, 1999), o que possibilitou a expansão da cidade para o leste e para o norte (OLIVEIRA, 2008, p. 34).

Com o avanço da tecnologia de construção, aos poucos a morfologia natural da cidade, não representava mais barreiras para sua expansão. O modelo de cidade industrial entraria para a história de Manaus que se organizava para a chegada da indústria, o empecilho deixou de ser a natureza, e logo passariam a ser os homens, pois o emprego da tecnologia construtiva superava barreiras naturais como os igarapés, mas à medida que se construía novos lugares, a paisagem natural ia sendo modificada, igarapés aterrados, pontes construídas, igarapés canalizados, assim, ao mesmo tempo em que a natureza deixa de ser uma barreira, os homens dependendo do ponto de vista da pesquisa se torna uma ameaça quando não prevê o impacto futuro de suas obras no presente.

Assim, a Manaus que outrora fora a Belle Époque passaria a Zona Franca, então, o que fazer para atrair investidores, como proceder com as “invasões das águas” tão visíveis na cidade? A resposta seria continuar seguindo a lógica do capital como posto em outros lugares do Brasil a fora. Então, se aplicou mais uma vez a “higienização”, onde também, os pobres deixariam de pertencer às margens dos igarapés para continuarem às margens da cidade, onde pouca ou quase nenhuma política pública chegava em tempo hábil para sanar as necessidades dessa parcela da população que não podia escolher onde morar.

Nesse contexto, é possível observar que a história de Manaus está imbricada à história de vida das pessoas que dão vida à cidade, histórias que se completam e colocam na paisagem a sua materialidade e também trazem a subjetividade das relações, não só os “objetos artificiais” ditos por Santos (2007) se cristalizam na paisagem, como modos de vida que se adequa, conforme a história se desenvolve em seu espaço-tempo, “são resultantes de ações culturais continuamente produzidas, reproduzidas, criadas e recriadas, contendo as dimensões da sociedade de cada tempo. Essa paisagem urbana também comporta as coisas da natureza e dos homens” (OLIVEIRA, 2008, p.39).

A Manaus da atualidade é resultado de um tempo pretérito, “não só porque o conjunto arquitetônico e a infraestrutura foram profundamente modificados, mas mudaram também a terra, a floresta e os rios”, como afirma Oliveira (2008, p. 39), mudaram as pessoas, seus costumes, suas culturas e seu modo de perceber o lugar.

2.3 Latitude e Longitude Nasce, Onde Plantam-se Homens

Nas décadas de 1940 e 1950 os usos de imagens como as de fotogrametria para análise dos lugares ainda não era tão acessível e disseminada como nos dias atuais, o que nos impossibilitou o resgate da imagem desse lugar, como era com a presença de suas cacimbas e igarapés limpos e seus tucumanzeiros. A imagem de satélite mais antiga que conseguimos é do ano de 1969, que não nos permite ter clareza dos detalhes. As fotografias também não eram comuns, então, para trazer esse lugar com a disposição de suas casas e a viela que se situava no centro do Beco, exploramos a representação a partir de croquis, resgatando a relação das pessoas com o lugar.

Essas percepções da vida cotidiana e essa intimidade retratada nos dois croquis, elaborados para esta pesquisa é base de um acervo da vida real, de onde se pode resgatar a vida e o que nela houve, mas, que foi construído a partir dessa relação com o lugar e com as pessoas. Posto isto, apresentamos abaixo os croquis (esboço feito a partir das experiências) os quais representam o Beco dos Pretos, podemos analisar essa representação, como um apoio cartográfico “convencional”, já que não temos outros registros que nos possibilite ver o Beco da década de 1950 e também como representação da vida naquele lugar.

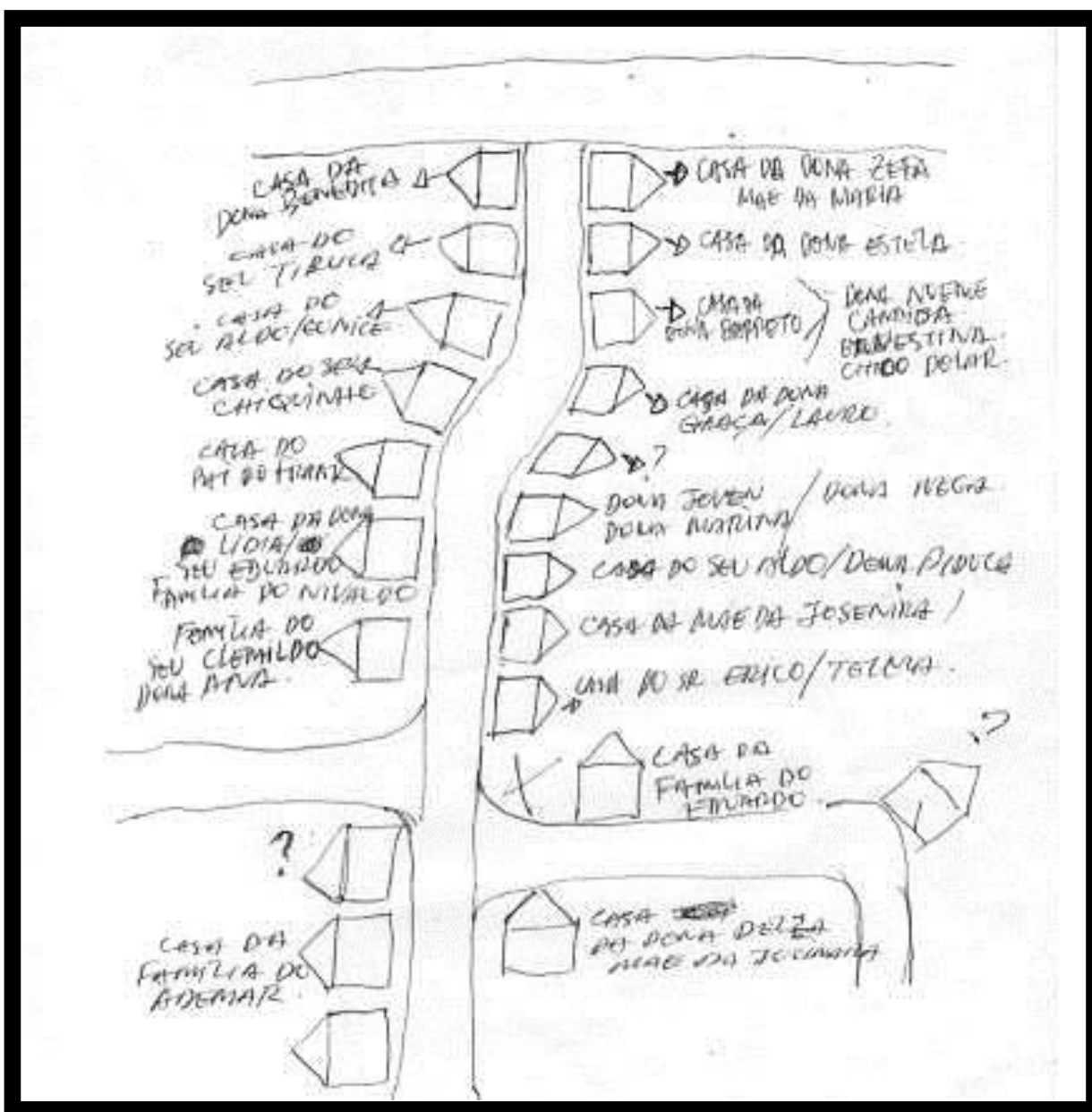
O uso do croqui foi baseado no conceito de mapa mental do final dos anos de 1960 criado pelo britânico Tony Buzan, que permitiu explorar “os infinitos recursos do cérebro, tomar decisões apropriadas e entender nossos sentimentos” (BUZAN, 2009, p.6). Nesse sentido, usamos da técnica do croqui para elaboração do mapa que representará o Beco com a disposição das casas de seus moradores. Este levantamento, poderia ter sido feito pela pesquisadora a partir de levantamento Global System Position (GPS), mas não representaria a realidade do lugar primeiro, ou seja, o Beco da década de 1950 quando foi criado, então, optou-se pelo uso do croqui, no sentido de se ter uma representação daquilo que está na memória de seus moradores, e por isso, observaremos que embora irmão, e tenham sido criados no Beco, a representação do Senhor Antônio quando comparada a da Senhora Áurea, existem diferenças.

Nessa acepção, no ano de 2014, foi pedido que o Senhor Antonio Carlos de Almeida Pires (48 anos), esboçasse o Beco da maneira que recordasse a disposição das casas dos seus antigos moradores. No ano seguinte (2015), esse pedido foi feito para sua irmã do meio, Senhora Áurea Pires Louchard (53 anos), os dois esboçaram seus croquis os quais estão expostos abaixo.

Os croquis apresentados foram elaborados por Áurea Pires Louchard (53 anos), e Antonio Carlos de Almeida Pires (48 anos), irmãos e que moram no Beco dos Pretos até os dias atuais. Interessante que apesar de ser irmãos, a percepção de mundo, por ser muito particular de cada indivíduo, reflete na maneira com que os dois representam o seu lugar de vivência. Suas descrições percorrem as casas dispostas em suas memórias, traçando suas histórias, lugar onde moravam parentes e amigos e a viela central onde aconteciam as festas. E que festas...!

Durante o relato do senhor Antônio Carlos de Almeida Pires, fica claro a relação de afetividade das pessoas com seu lugar de existência, quando ele expõe: *“Até hoje tem pessoas que visitam aqui e acho interessante [...] a pessoa chega e diz assim: ‘olha Antônio, bem aqui era minha casa’. Aí eu digo: eh, com certeza! Bem aqui eu deixei as raízes”*.

Mapa 7. Croqui 2 – Áurea Louchard



Fonte: Áurea Pires Louchard, 2015.

O trecho transcrito acima revela o pertencimento ao lugar, quando se diz “*bem aqui eu deixei minhas raízes*” [...] “*bem aqui era minha casa*”, Dardel (2011, p. 11) expõe que “desde sua infância, nas primeiras civilizações, o homem se comunica de marcadores para se orientar: a casa da família, a torre da vila natal, uma colina, as árvores [...] à frente, atrás, à direita, à esquerda, dentro, fora, têm um sentido concreto”, porém, quando passam pela percepção, deixam de ser referenciais concretos e passam transformar o concreto, em regiões com sentido

vivido e um valor afetivo, deixando de ser pontos cartesianos meramente situacionais.

Antes de toda escolha, existe um “lugar” que não podemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos. Todo homem tem seu país, sua perspectiva terrestre própria (DARDEL, 2011, p. 41).

Nessa perspectiva colocada por Dardel (2011) o “exilado”, o “deportado”, e aqui para esta pesquisa o removido, tem sua perspectiva terrestre instalada, tem fixo e reconhecido o seu Ser neste que é o seu lugar, seu espaço na Terra. E quando removido compulsoriamente como aconteceu no Beco dos Pretos pela implantação do PROSAMIM, as “raízes” as quais as pessoas se referem em relato, foram arrancadas do seu lugar de pertencimento, tiveram suas “subjetividades feridas”. Nenhum outro lugar terá o valor deste, a afetividade, os laços apreendidos foram neste lugar e nenhum outro compensará o valor atribuído a ele. Sobre isso O autor enfatiza:

Antes de toda escolha, existe esse “lugar” que não podemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos. Todo homem tem seu país e sua perspectiva terrestre própria. Aflição do exilado, do deportado, de quem são retiradas as bases concretas e próprias de seu ser. Resta-lhe uma quantidade de “objetos”: as árvores, as colinas, as casas, mas é sua própria subjetividade que foi ferida, e todas as “razões” não podem lhe recuperar o valor perdido desses “objetos”, falta poder “possuí-los” a partir de um suporte. O fato de repousar em um lar é a condição mais concreta e mais normal desse repouso, lá onde é questionada estão as próprias bases da existência que são roubadas (DARDEL, 2011, p. 41).

Nesse contexto, a representação no croqui, não é somente uma representação de posições de moradias, é a histórias de vidas das pessoas que tinham uma base sólida construída, gente que era criança quando chegou ao Beco dos Pretos e que após 40, 50 anos, moradores do lugar, tiveram que mudar, sem alternativas de escolha.

Com os dados quantitativos coletados via croquis, é possível comparar as informações descritas em ambos e a partir delas, apresentaremos os relatos das famílias que participaram das entrevistas semiestruturadas. Abaixo, as tabelas comparativas para que fiquem mais claras as

informações contidas nos croquis.

Tabela 8. Semelhanças nas Representatividades descritas a partir dos Croquis

Item	Croqui 1. Antônio Carlos(2014)	Croqui 2. Áurea Louchard (2015)
1	Casa Dona Benedita	Casa Dona Benedita
2	Casa Seu Tibuca	Casa Seu Tibuca
3	Casa do Aldo (Eunice)	Casa do Aldo (Eunice)
4	Casa do Seu Chiquinho	Casa do Seu Chiquinho
5	Casa do pai do Frank	Casa do Seu José pai do Frank
6	Casa da Dona Lidia (Seu Eduardo e Família Nivaldo)	Casa da Dona Lúdia (mãe da Silvana)
7	Casa do seu Clemilton e Dona Ana	Casa da Dona Ana
8	Casa da Dona Zefa (mãe da Maria)	Casa da Dona Zefa
9	Casa da Dona Estela	Cada da Dona Estela
10	Casa da Dona Barreto (Dona Noeme/Dona Candida/Dona Ernestina/ Chico Dólar)	Casa da Dona Maria Barreto (Dona Noeme/Dona Candida/Dona Ernestina)
11	Casa da Dona Graça e Seu Lauro	Casa da Dona Graça e Seu Lauro
12	Casa Dona Jovem /Dona Marina e Dona Nega	Casa Dona Jovem/ Dona Marina e Dona Nega
13	Casa do Seu Aldo e Dona Pinduca	Casa do Seu Aldo (marido da Pinduca - mãe da Neia)
14	Casa da mãe da Jozenira	Casa da Dona Ernestina mãe da Zenira
15	Casa do Seu Erico e Dona Telma	Casa da Dona Telma e Seu Érico
16	Casa da Família do Eduardo	Casa da Família do Eduardo
17	Casa da Dona Deuza (mãe da Gilcimara)	Casa da Dona Deuzuite (mãe da Gilcimara)

Fonte: Antonio Carlos de Almeida Pires, 2014; Áurea Pires Louchard, 2015.
Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2020.

Tabela 9. Diferenças nas Representatividades descritas a partir dos Croquis

Item	Croqui 1. Antônio Carlos (2014)	Croqui 2. Áurea Louchard (2015)
1	Casa da família do Ademar	Casa alugada da avó da Deca
2		Casa do Seu Tátá
3		Casa do Frank
4		Casa da neta do Frank
5		Casa do Seu Dico (filho da Ernestina)
6		Casa da Pinduca
7		Casa da esposa da mãe do Moacir
8		Casa da Zenira
9		Casa da Família do Seu Ademar
10		Casa da Marina (costureira)
11		Casa do Homem da igreja
12		Casa (Francisco, Áurea e Antonio)
13		Casa da Dona Nazaré (mãe do Seu Doca)
14		Estância Dona Ernestina
15		Casa do Seu Nezinho
16		Casa Família da Eunice

17		Casa do Senhor Pedro
18		Casa da Antonia
19		Casa da mãe do Rogério
20		Casa do Seu Luiz
21		Casa da Dona Dilce

Fonte: Antonio Carlos de Almeida Pires, 2014; Áurea Pires Louchard, 2015.
Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2020.

Tabela 10. Vizinhança na Representatividade descrita nos Croquis

Item	Croquis 1. Antônio Carlos (2014)	Croquis 2. Áurea Louchard (2015)
1		Casa do Babá
2		Casa da Maria Couto
3		Casa do Assis
4		Casa do Peito
5		Seu Moacir
6		Dona Célia
7		Dona Mimi Clodoaldo
8		Dona Itaciara (Ermozina)
9		Seu Raimundo
10		Seu Antonio e Romana
11		Senhor Raimundo (Raimundão da Oficina)
12		Dona Paganita
13		Tia da Almedina
14		Dona Zeoca (esposa do Seu Larindo)
15		Calados
16		Roinildo
17		João

Fonte: Antonio Carlos de Almeida Pires, 2014; Áurea Pires Louchard, 2015.
Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2020.

Se contarmos as famílias a partir das tabelas, são aproximadamente 40 (quarenta) famílias moradoras do Beco dos Pretos. Ressalto que as casas em sua maioria, possuem mais de uma família moradora, sendo que esse tipo de moradia não é privilégio do Beco dos Pretos, mas principalmente, nas grandes cidades onde a valorização da terra deixa muitas pessoas sem opção no que diz respeito à casa própria (considerando casa a unidade residencial e família a unidade afetiva).

De acordo com o relato do Senhor Luiz Gonzaga, foram deslocadas para outros locais da cidade cerca de 50 (cinquenta) famílias moradoras do Beco dos Pretos, na atualidade apenas 11 (onze) permanecem no lugar. Nessa perspectiva, considerando as diferenças quantitativas encontradas em relação aos croquis são relevantes se considerarmos o tempo e as novas

experiências após a mudança física no lugar do Beco dos Pretos. A forma com que cada croqui foi representado exprime as experiências de cada ser com o seu lugar, e a visão que cada um tem sobre o seu lugar de vivências, refletido naquilo que foi representado.

A Tabela 8 mostra que ao representarem a disposição das casas do Beco dos Pretos, eles recordaram com detalhes, 17 (dezesete) famílias, e a tabela 9 mostra a diferença comparativa entre as casas do Beco dos Pretos, apresentando diferença de 21 (vinte e uma) famílias a mais, descrita pela senhora Áurea, e 1 (uma) família que não se apresenta na tabela descrita pela senhora Áurea, foi ressaltada pelo irmão, Antônio Carlos. Já no quesito vizinhança (Tabela 10), somente a senhora Áurea descreveu 17 (dezesete) vizinhos ao Beco dos Pretos.

A partir destes comparativos de tabelas, é possível perceber que o Beco dos Pretos resiste em ambas às memórias, ou seja, o lugar foi representado de maneira semelhante, nos quais ambos representaram listando as casas do Beco dos Pretos, ao mesmo tempo em que é possível perceber que nas memórias da senhora Áurea Pires Louchard, o Beco pretérito, está intacto, inclusive com sua vizinhança externa ao lugar. No Beco dos Pretos da atualidade consiste em menos de 50% do total de famílias moradoras em relação ao número de famílias antes do deslocamento realizado pela imposição do PROSAMIM. Na tabela 11 é possível verificar as famílias que permanecem no local, levando em consideração o croqui descrito pela Dona Áurea Pires Louchard em 2015.

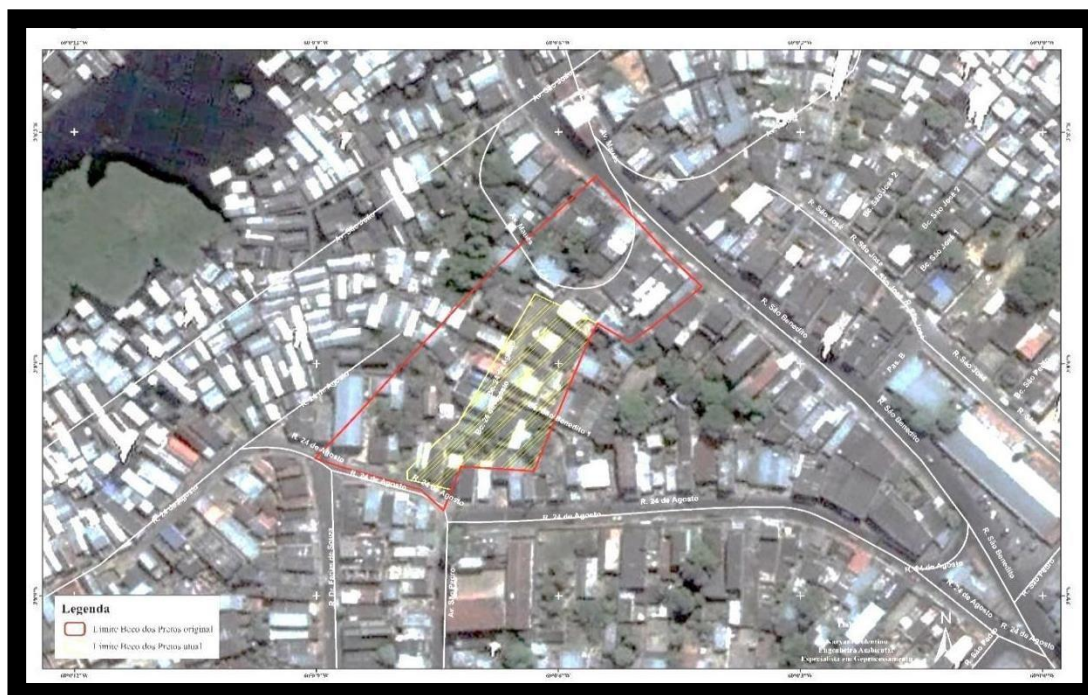
Tabela 11. Casas que permanecem no Beco dos Pretos

	CASAS QUE PERMANECERAM
1	Casa da Áurea e Antonio
2	Casa seu Nezinho
3	Casa dona Marina/Dona Nega
4	Casa do Seu Aldo
5	Casa da Dona Ernestina
6	casa da Dona Telma
7	Casa Família Dona Eunice
8	Casa da Família do Eduardo
9	Casa da Nilda
10	Casa da Dona Deuzuite
11	Bar do Luiz

Fonte: Áurea Pires Louchard, 2015. Organizado por: Lupuna C. de Souza, 2020.

Para complementar as informações verificadas nas tabelas, abaixo colocamos o mapa do Beco dos Pretos antes da retirada das casas que faziam margem com o Igarapé do Quarenta, até o limite do Beco dos Pretos (Mapa 8).

Mapa 8. Beco dos Pretos - 2005



Fonte: Google Earth, Série Histórica 2021. Organizado por: Karyane Tolentino.

Ao observarmos o Mapa 9 de 2005, podemos perceber que o Beco dos Pretos faz fronteira com as casas que estavam localizadas na área de várzea do Bairro Morro da Liberdade. Em épocas de grandes cheias, a água do Igarapé do Quarenta chegava até os quintais das casas do Beco dos Pretos.

De acordo com relato da Senhora Áurea Pires Louchard, dentro do Beco dos Pretos, se tinha acesso para outros becos do Bairro e quando havia discussões entre vizinhos, principalmente com os vizinhos que moravam na área alagada, os vizinhos insultavam de “bando de preto”, e os moradores do Beco dos Pretos, revidavam os insultando de “moradores do beco da bosta” ou do “bodozal”, forma pejorativa de se referirem ao Beco da Catuaba, o qual ficava situado atrás do Beco dos Pretos.

Não somente o Beco da Catuaba, mas todos os outros becos que margeavam o Igarapé do Quarenta no limite entre os bairros Morro da Liberdade e Cachoeirinha começaram a ser

retirados no ano de 2006. Nesse cenário, verificamos que as famílias realocadas pelo PROSAMIM para outros bairros do município de Manaus que moravam no Beco dos Pretos, tiveram suas casas demolidas no ano de 2007. Sobre isto, a senhora Yolanda Lima de Oliveira Pires relata:

[...] a parte que eu achei triste que eu vivi, foi quando o Prosamim começou, entendeu? E as casas começaram a sair e o pessoal começou a ir embora, e as coisas começaram a desbandar. Muita tristeza, muito. Todos ficaram muito abalados, não estavam conformados. Teve muita situação chata, de desconforto.

Antonio Carlos de Almeida Pires em 2014 complementou: “*eu me vejo assim, alguém queficou órfão*”; retratando a “morte” desse Beco pretérito, dando lugar a novos tempos, onde o que se busca é a sobrevivência da cultura. Mas essa “morte” foi o que estava posto, materializado, construído fisicamente, mas o sentimento de posse em relação a este lugar que está na memória ainda é forte e presente como colocado por ele:

Então quer dizer, a gente ouve coisas assim, alguns relatos e algumas pessoas até se emocionam mesmo, e lembram de vários episódios, vários momentos de convivência. Então aí que a gente fica pensando, no tal do progresso que às vezes veio para beneficiar, mas que não ligou pra esse processo, né? Esse processo das raízes de uma comunidade. Muitos acham que essas coisas não tem valor nenhum, mas pra quem realmente faz parte, pra quem fez parte com certeza, no coração e na consciência existe um valor que não tem algo assim que apague, vai ficar com certeza na lembrança de todo mundo. Daqueles que tiveram que sair, dos que ficaram aqui, com certeza daqueles que já se foram (Antônio Carlos de Almeida Pires, 2014).

Analisando o relato acima podemos inferir que o sentimento de pertencimento marca de maneira pungente esse lugar, que apesar de se apresentar sob uma nova configuração física, continua um lugar com valores preservados pela memória. Esse não é qualquer lugar, é o lugar daqueles que se orgulham de fazerem parte dele. Não é qualquer parte da Terra! “*É a sua parte na Terra, onde se cresceu com afeição*” com “*acolhimento*”, essa subjetividade responsável pelos elos que os unem enquanto comunidade é evidenciada ao relatarem as festas e pela convivência com os demais. Em reportagem produzida pelo Jornal a Crítica de 05 de julho de 2015, com o título: “Não Pegam o Beco”. A reportagem cita o Beco da Bomba no bairro do Educandos e o Beco dos Pretos, como a seguinte exposição:

*Não se assuste, porque o Beco da Bamba, no Bairro do Educandos, na Zona Sul, não tem nada a ver com o material explosivo, e o Beco dos Pretos, na mesma área, a muitos anos, não é mais um reduto de negros. Os dois como centenas de outros, espalhados pela cidade, continuam herdando traços de uma história de décadas, quando moradores ou vizinhos ‘batizaram’ essas pequenas vias. **E não adianta vereador sugerir, prefeito aprovar, colocar placas com nomes, porque os originais continuam na cabeça e nas correspondências dos resistentes moradores dessas vielas** (JORNAL A CRÍTICA, 2015).*

Ou seja, os lugares, resistem ao tempo e às transformações urbanas. Na mente de quem é o lugar, para sempre ele será, o lugar. A resistência do lugar está na memória das pessoas. Quando se emocionam nos relatos, é que eles têm essa percepção, de que apesar de terem o lugar da memória, ao olharem a paisagem, sentem a ausência daquele que um dia foi o Beco das Festas, das amizades, da interação da grande família como eles gostam de se referir.

Então, o croqui aqui, não é somente a localização das casas, é a representação das memórias, das “raízes” deixadas por muitos nesse lugar, o lugar que fortaleceu o elo que os unem a partir de algo que hoje é subjetivo, pois os objetos artificiais já não são mais os mesmos, mas a memória está intacta. Abaixo, imagem da paisagem que faz margem com o Beco dos Pretos da atualidade.

Figura 12. Parque Residencial Jefferson Péres - Igarapé do Quarenta

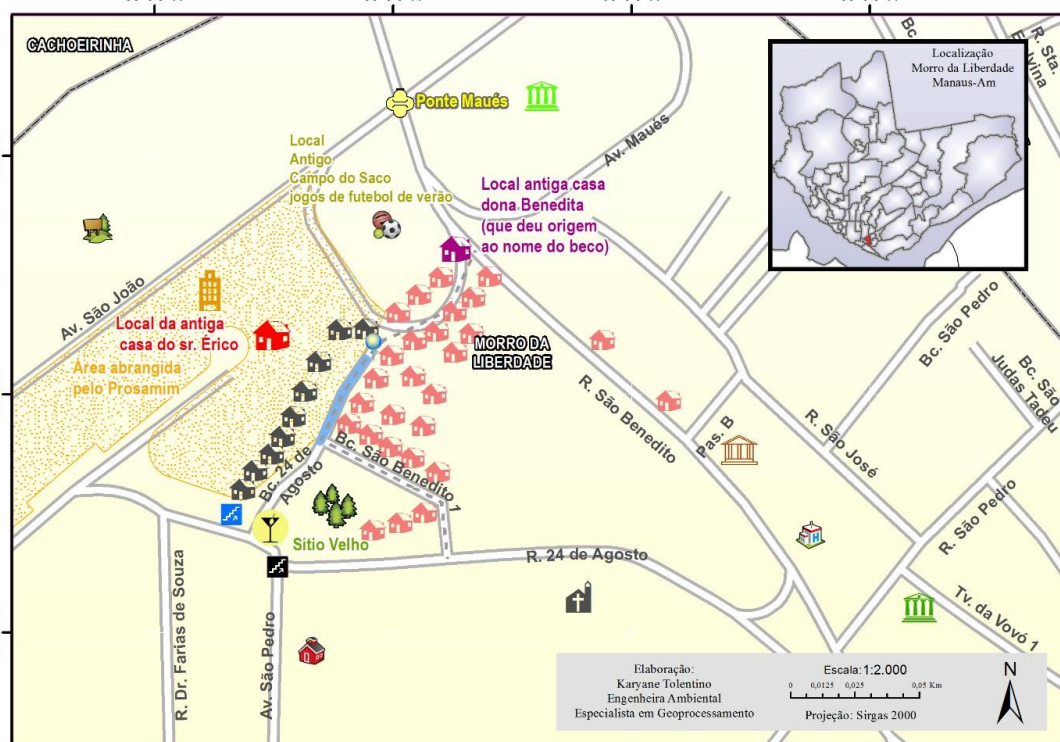


























Fonte: O Parque Residencial Jefferson Péres, no Igarapé Quarenta. Acesso em 15.01.2021.

A mudança da paisagem cristaliza em um sistema de objetos artificiais, a história de um momento histórico inerente à cidade. Para os moradores, sinônimo de ruptura de histórias de vida, para o planejamento urbano, marcas de padrões urbanos modernos onde o discurso é tornar melhor a cidade para seus cidadãos, leituras diferentes, sobre um mesmo aspecto urbano.

Nesse contexto, trouxemos dois mapas, representados pelo aporte teórico do mapa mental, e pela teoria da cartografia social, sendo esta ferramenta de construção de mapas a partir das experiências expostas pelos grupos sociais, os quais são autores dos mapas. Assim, os mapas cartográficos, deixam de ter uma linguagem puramente técnica, para uma linguagem popular, acessível aos seus autores e aos que a ela tiverem acesso. A junção que nos permite associar o saber técnico com o saber tradicional, levando a ciência para próximo e com uma linguagem acessível a todos. Vejamos esse mapa da cartografia social:

Mapa 9. Cartografia Social – Beco dos Pretos



Legenda	
Moradias - Beco dos Pretos	
	Moradores do Beco Participantes da Oficina de Mapas
	Casas Retiradas pelo Prosamim
	Local da antiga casa da dona Benedita
	Local da antiga casa do sr. Érico
Locais - Beco dos Pretos	
	Área abrangida pelo Prosamim
	Local do Antigo Campo do Saco, jogos de futebol de Verão
	Antigo Palco Festa do Mingau
	Sítio Velho
	Bar do Luís - Bar dos Pretos
	Escada
	Pé na escada beco
	Espaço social onde eram realizadas as festas
	Beco São Benedito
Pontos de referências	
	Condomínio Residencial Jefferson Peres
	Quadra G.R.E.S Reino Unido da Liberdade - Antiga
	Quadra G.R.E.S Reino Unido da Liberdade - Atual
	Unidade Básica de Saúde Morro da Liberdade
	Escola Estadual Madre Tereza de Calcutá
	Igreja Pentecostal Nova Jerusalem
	Centro Cultural Associação das Donas de Casa Morro da Liberdade
	Praça do Parque Residencial Jefferson Peres
	Ponte Maués
Informações cartográficas	
	Arruamento
	Divisão de Bairros

Fonte: Famílias Pires e Louchard, 2014. Organizado por: Karyane Tolentino

Desse modo, foi possível representar a percepção das famílias que vivem no Beco a partir de suas experiências de vida, valores e conhecimento deste que é o seu lugar. Portanto, seguiremos com a exposição da narrativa a respeito das principais festas que compõem o calendário anual do Beco dos Pretos, tendo o objetivo de mostrar as festas como reforço dos laços de afetividade, entendimento enquanto comunidade e coesão social a partir do ato de festejar, seguindo para as transformações desse lugar com a implantação do PROSAMIM. Mas, por que relatar as festas? Porque é a partir delas que conseguimos verificar as mudanças mais drásticas ocorridas no Beco dos Pretos. Então, é necessário colocá-las para posterior análise das mudanças.

2.4 Festas como Elo de Coesão Social

Das 15 (quinze) pessoas oficialmente entrevistadas e outras tantas falas das vivências nesses 6 (seis) anos de pesquisa, e aproximadamente 31 anos de convivência neste território, não há pessoa que esqueça de rememorar as festas. Por isso, apresentaremos as principais festas a começar pelo Jogo de Futebol dos Solteiros contra os Casados, que acontece todo dia

01 de janeiro, seguida pelo Carnaval com a Banda Beco dos Pretos, Festa do Mingau (festa junina, geralmente no mês de junho ou julho) e a Festa da Consciência Negra comemorada no dia 20 de novembro.

A base teórica a qual nos dará suporte é o olhar antropológico do etnógrafo Gennep (2011) e de Turner (1969), o qual nos conduzirá aos aspectos teóricos que compõem os ritos. Nessa perspectiva teórica o lugar das festas é dinâmico, sendo composto por uma série de rituais os quais definem os grupos sociais, suas divisões e subdivisões.

Poderia propor um capítulo baseado em teóricos que compõem o leque infinito de possibilidades de análises, porém, me proponho a seguir o olhar humano de quem viveu essas festas, pautado naquilo que foi percebido e vivido pelas pessoas do lugar, e por muitos anos, sentida e percebida por mim como pesquisadora, pois não me coloco aqui à margem da pesquisa, mas nela estou inserida e nem tenho a pretensão me retirar, pois, “[...] para os grupos, assim como, para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstitui, mudar de estado, de forma, morrer e renascer (GENNEP, 2011, p. 157)”.

Nesse cenário, ao serem levadas pelas recordações, as festas no Beco dos Pretos, se sobressaem às outras características do lugar. A banca de qualificação perguntou o que seria diferente, já que as festas são festas comuns de acordo com o calendário nacional? As festas são comuns, mas as experiências e as memórias são únicas. Veremos que naquela viela central representada no mapa mental, muitas festas e reuniões da Associação do Beco dos Pretos aconteceram, ao remontar os episódios vividos, há sempre referências, onde aconteciam.

Gennep (2011) entende que os ritos de passagem são dinâmicos e podem agregar ou segregar, pois a vida social não é estática, e nela estão inseridas vivências individuais das pessoas e seu espaço de convívio social. O referido autor separa os ritos em até 16 classes e aborda as questões entre os indivíduos e os grupos, além de uma vasta explicação sobre os detalhes que compõem cada rito.

Este autor é considerado o primeiro pesquisador a classificar os ritos de passagem, a partir de particularidades da vida cotidiana, publicadas na versão original do considerado clássico “Os Ritos de Passagem” de 1906, onde divide os ritos de passagem em três grupos: ritos de separação, como a festa de formatura ou um sepultamento; ritos de margem, como o período da gravidez ou o do noivado; e os ritos de agregação, como batismo, casamento.

Nessa acepção, podemos considerar a metáfora de que a comunidade do Beco dos Pretos é uma grande família habitante de uma casa com seus vários compartimentos e após um processo de desconstrução física da casa, ela não se encontra com a configuração e estruturação de quando foi construída. Nem o lugar, nem as festas do lugar possuem a mesma configuração do tempo pretérito. De acordo com Genep (2011, p. 41):

Toda sociedade geral pode ser considerada como uma espécie de casa dividida em quartos e corredores, com paredes tanto menos espessas e porta de comunicação tanto mais largas e menos fechadas quanto mais esta sociedade se aproxima das nossas pela forma de civilização. Entre os semicivilizados, ao contrário, estes compartimentos são cuidadosamente isolados uns dos outros, e para passar de um ao outro são necessárias formalidades e cerimônias[...].

Essa marcação de ruptura da vida cotidiana e a entrada no “mundo” das festas são trazidas por vários autores e pelos aqui citados, como um momento “mágico”, um território sagrado, ou profano, onde os excessos proibidos pela vida cotidiana são permitidos, o que de acordo com Freud (1974, p. 168) “uma festa é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição”.

Ao analisarmos tal afirmação, podemos inferir que o comportamento social é moldado por valores pré-estabelecidos, seja pela ordem religiosa, seja pelos dogmas sociais. De acordo com Freud (1974) o processo civilizatório social da moral inseridos na obra “O futuro de uma ilusão” aborda como são controlados os nossos desejos impulsivos em prol de uma vida civilizada. E analisa como se estabelecem os padrões de comportamento e de discursos, com o auxílio da coerção, da proibição e do convencimento do Estado moderno, e principalmente da religião. Onde são enfatizados os conflitos entre os impulsos antissociais do indivíduo e as exigências sociais da civilização. Além de mostrar os conflitos existentes entre o intelecto do homem e seus impulsos instintivos (sexualidade e agressividade), que surgem das profundezas do inconsciente.

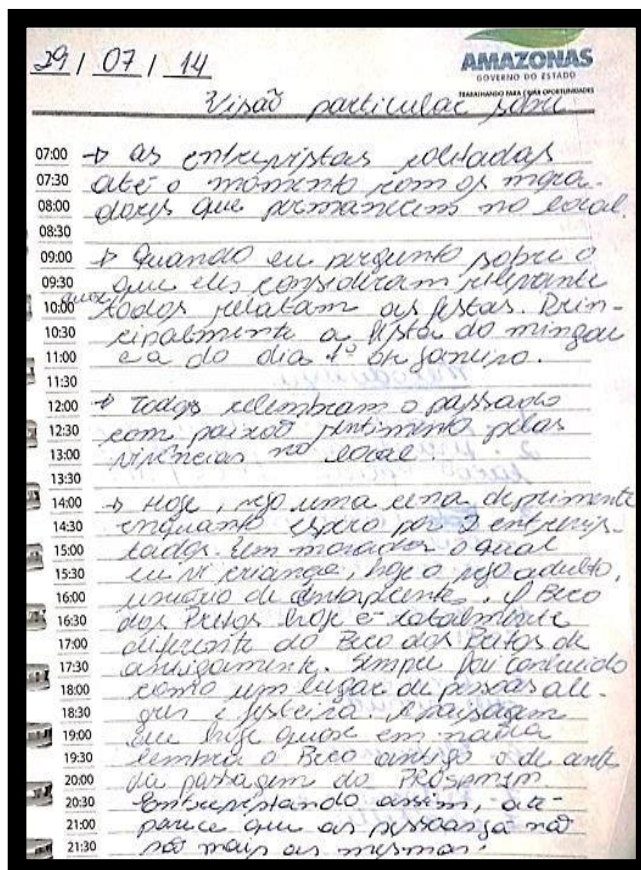
Desta forma, expõe que a civilização ocidental cria ilusões de um futuro que não existe, e quando somadas à ausência de provas confiáveis podem ser responsáveis pelo desenvolvimento de psicoses (problemas psicológicos) nos indivíduos. Sob esse olhar freudiano, podemos entender as festas como uma ruptura de um “mundo sagrado”, o da sociedade “civilizada” para o mundo “profano” onde o comportamento pessoal pode ser diferente diante do cenário, não se preocupando com as atitudes corriqueiras do cotidiano.

Na visão de Genep (2011) essa separação, é o que divide e organiza as pessoas na sociedade. Ao mesmo tempo em que as pessoas se separam do cotidiano e se unem ao grupo (comunidade) para festejar, exercem tanto a separação, como a agregação, se separa de um “mundo” para se juntar a outro, definindo assim, uma organização social onde eles se identificam, anulam o que os diferem e salientam o que os tornam iguais.

Teorias sobre como o lugar é construído pela percepção de quem o experiencia, esclarecem e embasam pontos relevantes encontrados nos relatos sobre as festas do Beco dos Pretos pretérito como se houvesse um congelamento do tempo atual, e a retomada de um tempo que passou, mas que ao ser recordado é sentido e experimentado como se nada tivesse mudado, mas onde tudo mudou.

Em minhas anotações acerca das entrevistas e impressões durante longas horas de conversas, era como se as pessoas voltassem àquele cenário descrito. Algumas choram, outras se animam, mas todas saudosas de um tempo que só existe na memória de quem viveu, nesse caso, observação que se sobressai nos relatos.

Figura 13. Caderno de campo



Observando as anotações feitas por mim durante o trabalho de campo, posso tomar a liberdade de emitir minha interpretação para a anotação feita em 2014, no sentido de comparação entre o que foi relatado da festa pretérita e o relatado sobre estas mesmas festas, agora em 2020, ou seja, se falarmos das festas pretéritas, ainda hoje o sentimento ao recordar é muito semelhante ao descrito no meu caderno de campo. As pessoas recordam com emoção, com felicidade, como se adentrassem nesse lugar sagrado onde tudo está vivo e latente, tão vivo que as lembranças se voltam para os detalhes positivos das festas, lembrados com saudosismo.

Como geógrafa, não poderia deixar de citar a festa, com o olhar da geografia cultural, na qual o espaço geográfico exerce um papel primordial na dinâmica da festa, pois elas necessitam de um limite físico para que aconteçam e esses limites formam um lugar onde se envolvem subjetivamente a afetividade, deixando de ser somente um limite físico e tornando-se um lugar do Ser, carregado de cultura, no qual as relações sociais acontecem.

O lugar das festas, não é rígido, duro, sem alma. É entendido como unidade associativa, no qual o ato de festejar faz parte da construção do que Almeida (2006) chama de territorialidades específicas que são as particularidades que tornam um território diferente dos demais, mesmo que em termos de festas, os temas sejam os mesmos, mas as especificidades, o modo de interação dos membros com o local e destes com os outros formam uma relação de identidade para além dos limites físicos das fronteiras, e identitariamente, os moradores se reconhecem como pretos, assim, tornando-o o lugar da multiplicidade das relações percebido pela maneira a qual as pessoas se relacionam com essa Terra e com os demais.

Vale ressaltar que se colocarmos em sequência, as festas desse lugar, veremos que existe um ciclo de festas no calendário anual. Teoricamente Mauss (1974, p.324) expõe o porquê das pessoas viverem em alternância entre a vida cotidiana e a vida social enquanto experiência coletiva, pois *“a vida social não se mantém no mesmo nível nos diferentes momentos do ano, mas passa por fases sucessivas e regulares de intensidade crescente e decrescente, de repouso e de atividade, de dispêndio e reparação”*, sinalizando assim a diferença entre o cotidiano e o ritmo da vida nas festas.

Nesse cenário, podemos inserir novamente o rito de separação apresentado por Genep (2011), pois ao inserirem-se nas festas do Beco dos Pretos, os moradores saem da vida cotidiana e entram em um lugar no qual se tem uma única finalidade, a de festejar, assim, exercendo o que o autor chama de rito de agregação, ou seja, a partir da ação de festejar junto com os demais

moradores, estas pessoas se afirmam como parte daquele grande grupo e separam-se dos demais, e assinala assim os elos de afetividade que os unem como “família”, entendida por eles e como comunidade de acordo com a base teórica de Gusfield (1975).

De acordo com Gusfield (1975) as comunidades se desenvolvem pelos interesses e pelos territórios partilhados. A partir do momento que seus membros passam a partilhar o sentimento de comunidade (de estar junto, de afetividade, de reconhecimento como iguais) é mais provável que as pessoas se identifiquem na busca de alternativas conjuntas para alcançarem seus interesses.

Então, para buscarem por seus interesses, em 1999 nasce a Associação do Beco dos Pretos - ABP, e foi a partir de sua criação que o Beco se organizou enquanto comunidade e tornou-se reconhecido no município de Manaus, reconhecido como territorialidades específicas Almeida (2007).

A ABP teve como seu primeiro presidente e único eleito por votação, o senhor Antonio Carlos de Almeida Pires o qual permaneceu à frente da Associação dos moradores até o ano de 2007, ano em que se deu o deslocamento compulsório de parte da comunidade pelo PROSAMIM.

De início era somente uma reunião entre amigos, como relata o senhor Antonio Carlos, posteriormente, essa que era uma reunião de afetividade, passou ao status de Associação, onde se fortalecia “laços afetivos e aflorava o sentimento de comunidade”, Gusfield (1975), pois é pela formação da Associação que este entendimento de comunidade preta se materializa na busca de interesses comuns. Abaixo, relato do Senhor Antonio Carlos de Almeida Pires (2020):

“Nós não chegamos a montar nenhum regimento, nem um esquema não, porque houve uma época que a gente se preparou com um pessoal que era pra registrar, e não aconteceu. Por essa razão, ninguém conseguiu elaborar nenhum estatuto, ficou só na informalidade mesmo. E na verdade, foi a rapaziada que se reunia nos finais de semana, às vezes através do jogo de futebol com outras comunidades aqui próximos, Santa Luzia, Betânia. Ai, o pessoal começou a usar nessa modalidade, para se reunir para todo ano comemorar o início do ano, resolvendo assim, também aderir ao grupo. Ai durante os anos foram feitas reuniões para que todo final de ano fosse comemorado dessa forma, surgindo assim a Associação do Beco dos Pretos” (Antonio Carlos, 2020).

“E depois que a gente resolveu se unir e montar esse grupo que se transformou em uma associação, podemos dizer que foi o início do verdadeiro reconhecimento do Beco dos Pretos, até porque ele já tinha esse nome, apelido, slogan sei lá como as pessoas achavam na época. Então após as pessoas se reunirem, ao qual eu fiz parte, é que a gente começou a realmente ser reconhecido, e realmente se expandir. Até algumas pessoas que não conheciam resolveram de certa forma procurar entender e saber até mesmo a localização, porque existiam pessoas no próprio Morro da Liberdade que não conheciam onde é que era esse Beco dos Pretos. Foi aí que começou tudo, pelo menos nessa parte de reconhecer, uma certa evolução” (Antônio Carlos, 2014).

Em seu relato o senhor Antonio Carlos, expõe que o Beco dos Pretos tornou-se “reconhecido e expandiu”, a partir do momento em que foi criada a Associação, devido às reportagens realizadas com os moradores, o que pode ser entendido como a representação do começo de um reconhecimento externo o qual refletiu no modo com que os moradores se viam enquanto comunidade, conforme exemplo na figura abaixo:

Figura 14. Rastros de Negritude



Fonte: A CRÍTICA⁶, 2014.

⁶ Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/rastros-da-negritude-herancas-da-cultura-afro-resistem-ao-tempo-e-ao-preconceito-na-capital-do-am> Acesso em: 01.10.2020.

De acordo com a reportagem do Jornal A Crítica de 2014, 4,1% da população do Amazonas se autodeclarou preto no último Censo de 2010, “as heranças da cultura africana continuam vivas em algumas partes da cidade de Manaus”. Dentre elas a também conhecida Comunidade do Barranco, situada na Praça 14 de Janeiro, também localizada na zona sul da cidade. No morro da liberdade no ano de 2010, dos seus 11.909 habitantes, apenas 532 se autodeclararam pretos, 2.756 brancos e 8493 pardos, (IBGE, Censo Demográfico, 2010).

Nesse sentido, não conseguimos calcular quantos desses 532 pretos são do Beco dos Pretos, mas é fato que com a formação da Associação do Beco dos Pretos, a comunidade tornou-se conhecida pela mídia local. A Associação Beco dos Pretos, por meio de bingos e doações, conseguiu por muitos anos fomentar e organizar as festas do calendário anual, dando visibilidade na mídia do município de Manaus. Abaixo, reportagem na mídia local.

Figura 15. Dia da Consciência Negra – 20 de novembro de 2012



Fonte: JORNAL DO AMAZONAS⁷, 2014.

Assim, ao nos voltarmos um pouco ao histórico amazonense, os pretos no Amazonas, apesar de não terem uma parcela quantitativa significativa, pelo menos nos registros históricos, possuem sua contribuição histórica relevante na construção urbana em Manaus.

⁷ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2251945/>. Na foto da direita para esquerda: Dona Marina Marques e Dona Maria Marques (Dona Nêga)

No Amazonas, até o ano de 2006, somente 1 (uma) comunidade quilombola foi reconhecida pelo Ministério da Cultura, situada no município de Novo Airão e que ainda aguarda a documentação oficial por ter questões jurídicas envolvidas. Outras 5 (cinco) comunidades quilombolas foram certificadas pela Portaria Nº 176 de 2013 que certificou as comunidades Boa Fé, Ituquara, São Pedro, Tereza do Mutupuri e Trindade, situadas no município de Barreirinha, oficialmente publicada no Diário Oficial da União no dia 25 de outubro de 2013. A Fundação Palmares certificou outras 36 comunidades quilombolas no Brasil. A certificação veio à comunidade por necessidade de regularização fundiária do Inca (Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária), (PNCSA, 2013).

Dentro do perímetro urbano de Manaus, só temos 1 (um) quilombo reconhecido, a comunidade Barranco de São Benedito, sendo o segundo quilombo urbano certificado do país, no ano de 2014. O quilombo está localizado na Zona Sul do município de Manaus, no bairro da Praça 14 de Janeiro. Há 129 anos os descendentes de Dona Maria Severa Nascimento Fonseca vivem naquele lugar e mantêm a tradição da comunidade viva. Abaixo imagem do dia do recebimento da certificação do reconhecimento de patrimônio cultural do Amazonas em 2015.

Figura 16. Barranco de São Benedito



Fonte: A CRITICA⁸, 2014.

⁸ Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/quilombo-do-barranco-de-s-benedito-dapraca-14-agora-e-patrimonio-cultural-do-am> Acesso em: 15.01.2021.

O segundo quilombo a ser reconhecido no município de Manaus, indicado pelo PNCSA, foi o que contempla o bairro Morro da Liberdade, como já registrado e reconhecido pelo projeto de pesquisa do PNCSA no ano de 2007, quando fizeram a pesquisa no Beco dos Pretos, porém, “não houve sucesso nem para a sensibilização do poder público, no sentido de dar voz técnica para o Beco no processo de remoção, como também não se avançou em questões relativas ao reconhecimento” (ALMEIDA, 2020).

Assiste-se neste início do século XXI na sociedade brasileira a uma crescente movimentação em torno da emergência de identidades coletivas. Em toda a região amazônica uma diversidade de agentes sociais tem se mobilizado identitariamente em torno de reivindicações referidas a fatos do presente tal como em outras regiões do país. A promulgação da nova Constituição Federal em 1988 facultou “condições de possibilidade” para mobilizações étnicas. Neste sentido, as classificações relativas aos denominados “caboclos” sofreram transformações profundas. Os agentes sociais a elas referidos passaram a reivindicar identidades étnicas, baseados em critérios político-organizativos que perpassam desde acontecimentos históricos de ruptura e transformação social até fatores que indicam uma “invenção de tradições”, ressemantizando os “mitos de origem”. Está em curso, portanto, um processo social de profunda ruptura com as classificações oficiais. No início do século XX, continuavam a chegar tanto no rio Negro, como em outros rios do Estado, trabalhadores vindos de outras partes do Brasil para trabalhar na produção da borracha. A essa altura, o mercado estava sendo aquecido pelo desenvolvimento industrial e posteriormente, pela chamada “segunda guerra mundial”. Nesse contexto, se inserem as “famílias negras” do rio Jaú e Igarapé Paunini que na primeira década do século XX chegam ao rio Jaú (JUNIOR, 2020, P. 17).

Nesse contexto, cada vez mais, fica claro que além do Beco dos Pretos ser importante, por ser o lugar dessa gente, também se insere em uma escala de importância muito maior, por ser reconhecido como território específico preto, conforme as pesquisas apontadas pelo PNCSA, 2007.

Embora, não tenhamos como objetivo, discutir as questões pretas do lugar, foi preciso mostrar esse contexto, pois todos esses pretos que chegaram ao Jaú para trabalhar nos seringais, ou migraram com a grande enchente de 1953 e período de forte seca no nordeste, vieram para o contexto urbano da capital amazonense, e fazem parte da história da cidade, da dinâmica dos lugares, essas pessoas deram sentido a esses lugares, deram vida, fincaram suas raízes e trouxeram seus costumes e crenças, no Beco dos Pretos se sobressaem nos relatos, principalmente as festas. Mas durante a pesquisa e na banca de qualificação, muito bem

colocado foi o questionamento: essas festas são todas festas de um calendário comum, um calendário nacional, onde estão os símbolos da negritude?

É tão precisa a ação de coesão social a partir das festas, que para buscar a relação desses com seus traços pretos, seria preciso eu voltar até 2014 e iniciar minha pesquisa, buscando resgatar de alguma forma esses traços que com exceção da cor e da auto declaração das pessoas, o restante, talvez seja algo mais profundo e subjetivo que somente com mais anos de pesquisa, poderia expor com precisão dos fatos e a inserção de novas entrevistas, na busca muito mais profunda das “raízes pretas” desse lugar, porém, é possível inferir que os fatores identitários se sobressaltam com as perdas relativas a moradia no Beco dos Pretos.

Então, ao olharmos o lugar e os relatos, apesar desse orgulho de ser preto e dessa afetividade com o lugar Beco dos Pretos, as questões mais ligadas às questões pretas, não são assunto das rodas de conversas. Seria preciso, outra tese, para entender esse lugar como um lugar reconhecidamente preto e busquei no fascículo do PNCSA, 2007, mas também foi uma documentação realizada a partir das oficinas de conversas, e as questões de identidade questionada, aparece com a “Mãe Zulmira e seu batuque”, mas conforme já esclarecido anteriormente, tanto o batuque quanto a mãe Zulmira, são do Bairro Morro da Liberdade e não do Beco dos Pretos. Muito embora, certamente, haja forte relação pelo fato de serem descendentes de maranhenses. Tanto a Mãe Zulmira, quanto a família da Dona Nega, mãe de Santo que comandou o extinto terreiro de Seu Zé Tupinambá e sobre o qual, a única fala que consegui, foi a que registra o nome do lugar: Terreiro do Seu Zé Tupinambá.

E como a tese é a história do lugar Beco dos Pretos sob a ótica de quem o vivenciou, não consegui outros relatos que pudessem expressá-lo mais detalhadamente. O que não esgota as possibilidades de pesquisa futura. Feitas essas ressalvas, percebemos pelos relatos, que as festas, as reuniões e a organização da associação, assumiram um papel de coesão social, formando elo de união para as pessoas dessa comunidade. A Associação do Beco dos Pretos se fortaleceu com o reconhecimento da comunidade local, não somente pela organização, mas também pelo assistencialismo prestado por iniciativa deles mesmos.

Por muitos anos, a Associação também arrecadou dinheiro com a realização de bingos aos domingos e com o que arrecadava, organizava e fomentava os festejos e ajudava nas necessidades daqueles que se apresentavam em situação de vulnerabilidade. Se buscarmos a origem das associações veremos que elas se fundamentam na ideia de ajuda mútua para sua

formação, e conseqüente fortalecimento durante a Revolução Industrial, pois à medida que a Revolução Industrial avançava e se estabelecia as relações de produção capitalista, as contradições entre o capital e o trabalho se tornavam evidente o que conduziu ao processo de formação das associações. Originalmente, tinham o caráter de “ajuda mútua”, assistencialista e posteriormente foram sendo aperfeiçoadas e ganharam a configuração de sindicato com alianças políticas voltadas às defesas de causas trabalhistas (HOBSBAWM, 1998).

Nessa lógica, a Associação do Beco dos Pretos atende ao que propõe o Capítulo II a acerca dos art. 53 a 61 do Novo Código Civil, que as associações se constituam pela união de pessoas que se organizam para fins não econômicos, complementado pelo parágrafo único o qual assinala “não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocos”, porém, fundamentando-se nos relatos expostos acima, e os anos de observação e até participação indireta em compras de bingos e doações para sorteios, compararia a Associação Beco dos Pretos, ao rito de agregação (GENNEP, 2011), pois foi a partir da sua criação, mesmo sem toda teoria que envolve a identidade, o grupo fortaleceu a união e se percebeu enquanto comunidade. Nos discursos, é notória a felicidade com a qual se assumem como uma grande família, identificando-se como iguais, com fortes laços afetivos. Conforme enfatiza a Senhora Alda Lúcia, falecida no ano de 2020.

*“É uma coisa que é inexplicável. Uma coisa maravilhosa o nosso Beco. Meus filhos nasceram aí. Meus vizinhos eram maravilhosos. A gente era como uma família. Pra mim era tudo maravilhoso. Eu me dava bem com todo mundo aí. Minha mãe e minha avó. **Maravilhosa as nossas festas. Dia dos Pais, Dia das Mães. Dia das Crianças. Festa de Confraternização. Primeiro de janeiro. Festa do Mingau. E o mais importante, a amizade. Se precisava de gás tinha, se precisasse de um prato de comida tinha, remédio também. Lá a gente se ajudava”** (Alda Lucia, 2014).*

No relato da senhora Alda Lúcia, 2014, é explícita a importância do trabalho da Associação, e quanto à ação realizada por esta, ela é vista com gratidão pelos que dela participavam e pelos que dela receberam em algum momento sua assistência. Outro ponto é “nosso Beco”, “nossas festas”, representação do pertencimento a este lugar de resistência que está na memória. Podemos perceber também na fala do Senhor Manoel Calado em seu relato da história do Beco dos Pretos, que ele compartilha da opinião da senhora Alda Lucia, e podemos perceber a mesma colocação de família na fala do senhor Antonio Carlos, exposta a seguir:

“Como eu me vejo como morador do Beco? Olha como eu me vejo morador do Beco dos Pretos? É assim, pelo tempo que eu falei que eu tenho de vida e por esse tempo morar aqui a gente praticamente se sente um dono do lugar, faz parte da vida e a gente se sente assim, feliz em saber que a gente... hoje não, mas a pouco tempo atrás a gente era muito bem destacado enquanto comunidade. Infelizmente o progresso chegou e digamos assim, cortou alguns laços de comunidade, de integração, dessa coisa toda que faz parte de um ciclo familiar.

Dessa maneira, são perceptíveis que os laços que ligam as pessoas que viveram o Beco dos Pretos vão muito além dos laços de vizinhança, elas se veem nesse lugar que ainda sobrevive na memória. A partir daqui, entraremos nas festas. E quanta festa! Sendo assim, abriremos esta fase, na “mesa de bar”.

No Beco dos Pretos, existem dois bares muito conhecidos e frequentados pelos moradores, O Bar do Vascão, que é de propriedade do Senhor Antonio Carlos de Almeida Pires. Esse bar surgiu quando o senhor Antonio Carlos ainda era soldado da Polícia Militar. Além de um empreendimento, é um hobby do proprietário, tornou-se ponto focal das reuniões da Associação e ponto de encontro para entretenimento da comunidade.

O segundo ponto de encontro da comunidade para entretenimento é o Bar do Luiz (Bar do Beco dos Pretos), famoso pelos finais de semana em que se tem shows de boleros. Diferente do Bar do Antonio, o bar do seu Luiz, é o sustento de sua família. Com as mudanças ocorridas no lugar, o bar passa por dificuldades, mas seu Luiz é perseverante. Reestruturou o lugar e atende a comunidade, alugando o espaço para confraternizações, e almejando dias melhores. Seu Luiz relata um pouco de sua experiência com a chegada do PROSAMIM:

Quem tinha história, hoje em dia não tem história pra contar no Morro, nasceu e se criou no Beco dos Pretos no Morro da Liberdade, tiveram que ir embora pra dar espaço pra outras pessoas de outro lugar vir morar. Isso pra mim não é bom.

O bar não fechou porque a gente tá na luta todo tempo, mas sofreu demais... É que nem eu tô dizendo, foi bom porque urbanizou o bairro, mas tirou as pessoas que eram morador, frequentador daqui, tiraram” (Luiz Gonzaga, 2014).

Na perspectiva colocada pelo senhor Luiz, de não se ter mais “história” para contar. É como se ao terem sido retirados, suas histórias sofreram uma ruptura e que em sua visão, é como se daquele momento em diante, não existissem mais. Para Dardel (2011, p.48), “da

Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos”.

Ao serem removidos, muitos se sentiram “*sem chão*”, como se junto com essa Terra que lhe foi tirada, fosse tirada também, sua história de vida. Essa existência como ser social, está amplamente ligada à Terra, ao lugar dessas pessoas, como se tivessem sido convidadas a viver uma outra vida, que não a delas.

Nesse sentido, podemos inferir que os dois bares do Beco dos Pretos, não são somente para venda de bebidas, são pontos de encontro, entretenimento e reunião de amigos. Para essa comunidade e, particularmente, lugares de compartilhamento de alegrias e tristezas também. Nesses dois bares, comemoram-se as alegrias e partilham-se as tristezas. Abaixo, registro fotográfico da “bandeira” da Associação do Beco dos Pretos, a arte foi elaborada pelo senhor Antonio Carlos de Almeida Pires, e está no muro situado na entrada do Beco dos Pretos.

Figura 17. Banner Associação Beco dos Pretos



Fonte: Jornal A crítica, 2015, caderno Cidades.

De família muito católica, o senhor Antonio Carlos é devoto de São Benedito, pensando nisso, durante a copa do mundo de 2014, ele criou esse banner que ficou sendo um símbolo da

família e para a comunidade, pois ao entrar no Beco dos Pretos, no muro está São Benedito, dando boas-vindas e abençoando a todos, além de lembrar que para esta “grande família”, “ontem [...], [...] hoje [...], amanhã e sempre Beco dos Pretos”, ou seja, independente das mudanças o Beco dos Pretos ainda permanece lá de alguma forma.

2.4.1 Solteiros X Casados: Janeiro em Janeiro

A Festa do Dia 1 de Janeiro se originou no início dos anos de 1990 e se firmou enquanto evento do calendário do Beco dos Pretos, juntamente com a formação da Associação do Beco dos Pretos no ano de 1999, conforme relatou o senhor Antônio Carlos de Almeida Pires. A ideia nasceu do time de futebol com os integrantes do Beco, que gostavam de se reunir depois do jogo de final de semana para se confraternizar. Em conversa, entre uma cerveja e outra, surgiu a sugestão de organizarem bingos para arrecadação de dinheiro para organizarem a chegada do novo ano em 1 de janeiro, dessa ideia se concretizou a festa do dia 1 de janeiro tendo como ritual o jogo de futebol dos Solteiros x Casados, logo pela manhã no dia 1 de janeiro de cada ano, e desse mesmo grupo, veio a primeira formação de pessoas que fundaram a Associação do Beco dos Pretos.

Figura 18. Jogo Solteiros x Casados – Ano de 2005



Fonte: Tatiana Ribeiro, 2021.⁹

⁹ De pé da esquerda para direita: Jorginho, João, Raimundo, Paulinho, Chumbrega, Cláudio, Dislei e

O registro acima é de uma imagem do jogo dos Solteiros x Casados do dia 1 de janeiro de 2005. O senhor Nivaldo Rodrigues, morador deslocado pela implantação do PROSAMIM, estava sempre com sua câmera a postos para registrar as festas e foi uma de nossas principais fontes de imagens que compuseram esta pesquisa.

Figura 19. Jogo Solteiras x Casadas – Ano de 2015



Fonte: Tatiana Ribeiro, 2021¹⁰.

Entendida a festa como um rito de agregação, damos ênfase aos rituais presentes nas festas do Beco dos Pretos. Independente de qual festa estejamos falando, antes do início de qualquer evento, o senhor Antonio Carlos abria o evento com uma oração. Geralmente, o Pai Nosso e uma Ave-Maria, onde todos davam as mãos e rezavam juntos - ritual marcante em todos os eventos. Essa grande família que é a comunidade Beco dos Pretos é unida nos festejos

Corinthians. Abaixados: Leandro, Junior, Cosme, Neco, Jander, Márcio e Melo.

¹⁰ Da esquerda para direita, de pé: Elizangela, Mara, Nilda, Jeane e Marina. Abaixadas: Fabrícia, in memoriam Mayana e Aliene.

da vida e solidários com as tristezas provocadas pela morte, entendidos por Genep (2011) como rito de separação.

Mais uma vez me incluo como aquela que viveu muitos ritos, para falar da morte. Perdemos muitos amigos ao longo da última década, pessoas queridas que fizeram parte daquele lugar e cada festejo, são recordados pelos seus feitos. Como uma grande família, ninguém é esquecido, memórias que são preservadas e lembradas nos momentos de comemoração. Abaixo, o saudoso Jorginho sendo homenageado, após seu falecimento no ano de 2011.

Figura 20. Solteiros X Casados - 2012



Fonte: Arquivo Família Pires¹¹

E como em toda boa festa, sempre houve após o futebol, cerveja gelada, música e bom banquete, regado a muita alegria e danças. Sempre que possível, participava das festas. Ajudava a cozinhar, ajudava a servir, às vezes a vender cerveja, às vezes só ia tomar cerveja e me divertir, porque era um lugar que eu gostava de estar. Pessoas alegres, brincadeiras saudáveis, ambiente familiar, até hoje me sinto parte dele, embora muitas mudanças tenha havido inclusive, nas

¹¹ Da direita para esquerda: Carlinhos Louchard, Júnior Ribeiro e Antônio Carlos.

relações.

Nesse sentido, de acordo com Genep (2011) os ritos de passagem possuem três categorias: “ritos de separação”, “ritos de margem” e “ritos de agregação”, os quais permitem compreender os “rituais”. Embora em minha visão, as festas do Beco se enquadrem nos ritos de agregação, elas também representam a “separação” dos iguais dentro da sociedade, pois ao se perceberem e se unirem como iguais formando uma comunidade e se reconhecendo como parte desse lugar que agrega. Automaticamente estão se separando dos demais, demarcando seus “limites”. A Terra como base da existência humana, “é para cada um de nós, nossa própria possibilidade” (DARDEL, 2011, p. 121).

Talvez inconscientemente, a comunidade nem percebia, como a forma que a associação atuava, fomentando as reuniões e as festas, reforçasse essa afetividade pelo lugar, e entre eles. A relação das pessoas com o lugar ia sendo construída, para Merleau-Poty (1994, p. 328), esse lugar construído, não é o da lógica, da materialidade, do capital, ou qualquer categoria concreta, palpável, quantificável. “é o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”, entendido como a experiência do espaço, do corpo com o espaço e com os outros, criando-se uma relação a partir da subjetividade, ou seja, o sentimento que faz com que eles se reconheçam como uma “grande família”. Todo ano no dia 31 de dezembro, havia os preparativos para a celebração do dia 1º de janeiro. Nos registros fotográficos (figura 21 e 22), pode-se observar as comidas servidas nas festas.

Figura 21. Festa 1º de Janeiro 2005



Figura 22. Festa 1º de Janeiro 2005



Fonte: Nivaldo Rodrigues, 2005

Mesa de comidas feitas para festejar dia 1 de janeiro do ano de 2005 – tracajá e porco assado com farofa. E o registro da partilha onde as mesas com comida, sempre ficaram à vontade para que todos comessem e se divertissem. Conforme se pode observar nas fotos abaixo.

Figura 23. Festa 1º de Janeiro de 2005



Fonte: Nivaldo Rodrigues, 2005¹².

¹² Nivaldo Rodrigues, morador deslocado. No centro da foto: Dona Pinduca e Dona Alda Lúcia.

Figura 24. Festa 1º de Janeiro de 2005



Fonte: Nivaldo Rodrigues, 2005¹³.

Pouco do que se tinha foi preservado após a implementação do PROSAMIM, por isso, creio que seja relevante registrar a história das pessoas, conseqüentemente deste lugar. Isto exposto, saliento que ainda que não tão forte como a festa do Beco Pretérito, a festa de primeiro de janeiro ainda sobrevive, como exposto pelo Senhor Antonio Carlos:

Hoje na não temos essa tradição aí, essa partilha tanto quanto era naquela época. Infelizmente! Agora assim, a chama continua acesa, ela está bem baixinha, mas ela está acesa, infelizmente as pessoas se deixaram se levar por toda essa situação (Antonio Carlos, 2014).

Dentro desta perspectiva, Oliveira (1959, p. 187), salienta que “a partir dos nossos interesses e necessidades, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado”. E assim, usufruindo das festividades em conjunto, afirmavam-se enquanto Comunidade Beco dos Pretos, ganhando força na mídia que começava a interessar-se pela história do lugar.

¹³ Nivaldo Rodrigues, morador deslocado. Em evidência seu Nezinho e dona Raimundinha.

2.4.2 Banda Beco dos Pretos: aqui também tem Carnaval!

A Banda Beco dos Pretos foi criada com o objetivo de entretenimento, um fato interessante que relato, é que de início, havia a banda e sempre foi muito bem frequentada, mas quase ninguém vestia fantasia. Um certo dia, a senhora Áurea Pires Louchard, pessoa muito divertida e autêntica, começou a usar um de seus hobbies que era de se fantasiar, todos gostavam desse jeito despojado de ser da Áurea. Ela alegrava qualquer festa. Então, ao vê-la fantasiada, eu disse que iria me fantasiar também, e chamamos todos os que podiam para vestir suas fantasias para brincarmos. Esse ato de nos fantasiarmos, além de nos divertirmos, ainda alegrávamos a criançada que entraram no ritmo. Um dos personagens que a Áurea veste e que encanta a criançada é a nega maluca e a bruxa. Elas amam!

Figura 25. Áurea Pires Louchard (Nega Maluca)



Fonte: Arquivo Pessoal

Quando iniciou o carnaval do beco, aí o pessoal sempre fazia aquelas camisa, né? Do carnaval, Beco dos Pretos. E aí, foi quando eu falei, ah eu vou é me vestir, me fantasiar! Aí, daí, todos os anos foi inventando, né? Mas as que o pessoal mais gosta é a nêga maluca e a bruxa. A bruxa as crianças amam!. Aí, eu me visto porque gosto e porque as pessoas gostam. Na vida, cada um que carregue a sua cruz e busque a sua maneira de ser feliz. No que depender de mim...vamos festejar (Áurea Pires Louchard, 2021).

Assim, para Da Matta (1983), o carnaval é um ritual que representa uma sociedade pelo seu inverso, onde tudo, ou quase tudo é permitido, os pobres se vestem de nobres, no Beco dos Pretos as mulheres se vestem de homens e homens de mulher e assim por diante. De acordo com o autor, o carnaval é um ritual com aspectos hierárquicos explícitos, onde os populares têm a chance de representar heróis, tornando este um ritual aparentemente igualitário, abordando as Escolas de Samba, o autor as compara a um “cometa”, com a existência de núcleo fechado e coeso de “donos” da Escola com um círculo de pessoas associadas, e um público geral, mais amplo. E dentro desta estrutura, as escolas conseguiriam ser autoritárias e ao mesmo tempo democráticas.

Antes de continuar, é preciso que se esclareça que Da Matta (1983), em seu livro: **Carnavais, Malandros e Heróis**, nos traz o dilema entre os aspectos do autoritarismo, da hierarquia e da violência na sociedade brasileira. Mostrando as tensões presentes entre polos conflitantes, mas que ao mesmo tempo protagonizam ritos e mitos no cotidiano, como é o caso do carnaval e do futebol. Apresentando três dimensões: a ordem social formal com posições e prestígio social – “cada um sabe o seu lugar”, uma oposição sistemática de “pessoas”, socialmente reconhecidas em direitos e privilégios, onde as leis impessoais funcionam como instrumentos de opressão e de controle “para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei” e a terceira, o mundo do sagrado, onde se opera uma suposta equalização da sociedade, já que todos são filhos de Deus.

E o carnaval para Da Matta (1983), é o tempo de representação das oposições sociais, é o momento em que se misturam ricos e pobres, pretos e brancos, como se todos fossem iguais perante o samba, porém, esta igualdade, só vale para o samba e não para a participação nas decisões de interesses geral como é caso da participação dos donos da escola e suas lideranças, por esse motivo denomina o carnaval de uma festa igualitária. Interessante, quando o autor expõe que os pretos são discriminados, mas no samba são exaltados, por seus gingados e cantos e corpos, assim como na religião, pois no momento em que incorporam seus ancestrais passam de pessoa a divindade sendo respeitados perante a sociedade de maior

status social. Para Maggie, 2019:

a inversão de visão de mundo no carnaval torna ainda mais clara a sociedade hierárquica, desigual, em que as mulheres, os negros, os pobres e os muitos outros desprovidos de poder assumem o lugar que quase sempre lhes é negado fora dos três dias de Momo (hoje são muitos dias). No ritual, vida e morte aparecem vividamente e a relação dos humanos com o mundo sobrenatural se configura tanto no desfile quanto nas fantasias (Maggie, 2019, entrevista G1).

O carnaval que aparentemente parece inofensivo e divertido, pode ser entendido como palco de reivindicações. Assim como outras estruturas do carnaval como a escola de samba, no Beco dos Pretos tem a associação que organiza a Banda Beco dos Pretos (seria o núcleo do cometa ou a diretoria da escola de samba). Tem a autodenominada “diretoria” da Banda Beco dos Pretos (seriam os associados da escola de samba), e as pessoas que veem ao lugar de divertir, trazidas pela propaganda do carnaval do lugar (aqui seriam pessoas “comuns”). De uma organização para o rito de festejar o carnaval, podemos perceber que usando a metáfora de Da Matta (1983), existe uma estrutura formada onde cria-se o rito do carnaval no Beco. Dessa forma, organizada e com seus “lugares” previamente acordados, as pessoas vindas de outros lugares do município representam a parte das “pessoas comuns” que chegam para brincar, nesse contexto previamente organizado.

2.4.3 Festa do Mingau: “os alcoólatras na roça”

A história da festa do Mingau é interessante, diz a Senhora Alda Lúcia:

- c) *Quem iniciou essa festa aí foi a minha mãe (Dona Luísa). A gente sempre fazia dia 23 e 24 de junho. Fazia bolo de macaxeira, tapioca. A última que a gente fez tinha até uma jabota, que a mamãe trouxe da viagem. Eu fiz um sarapatel e coloquei lá, botei lá e todo mundo comia. **E num era vendido não. Era tudo dado, a pessoa chegava e a gente servia as pessoas.** Aí quando minha mãe se foi a gente passou uns 2 anos sem fazer festa. Aí a dona Lídia fazia lá” (Alda Lucia, 2014).*

Aí o meu irmão Luciano, inventou de fazer, fez a quadrilha das crianças, dos adultos. Tudo ele inventava! E a dona Lídia que colocou o nome de Festa do Mingau” (Alda Lucia, 2014).

Era mingau de arroz, mingau de mungunzá, mingau de banana. Cada um colaborava. Tudo o Luciano inventava! Tinha até a nossa quadrilha “Os Alcoólatras na Roça”, os homens vestidos de mulher e as mulheres vestidas de homem” (Alda Lucia, 2014).

O registro fotográfico é dos Alcoólatras na Roça (figura 26), quadrilha da Festa do Mingau que acontecia todo ano nos meses de Junho ou Julho. No relato da senhora Alda Lúcia, ela coloca a importância da mesa farta e de tudo ser compartilhado, sem a necessidade dos frequentadores da festa, comprarem a comida. Mesmo que essa comida fosse uma “jabota”¹⁴ Atualmente, a festa ainda é comemorada, mas a quadrilha não existe mais.

Figura 26. Festa do Mingau



Fonte: Arquivo pessoal.¹⁵

O relato da Senhora Yolanda Lima de Oliveira Pires, esposa do Senhor Antonio Carlos, que veio morar no Beco dos Pretos por intermédio de seu casamento, foi inserido aqui com a intenção de mostrar como é a comunidade na visão de quem chegou depois, ou seja, somando-se a essa grande família.

¹⁴ Jabota - iguaria da culinária amazônica – servida guisada ou assada no casco.

¹⁵ À direita Antonia (vestida de homem), à esquerda Sebastião Cândida Gama (vestido de mulher).

- c) *Eu vim morar aqui quando conheci o meu marido atual, nós namoramos e resolvemos morar juntos, como ele morava com a mãe, e é o caçula da família, ele não queria deixá-la, até ela ir embora. Aí nós resolvemos morar juntos, e eu vim para cá.*
- c) *Eu só soube do beco trabalhando aqui. Fazia patrulhamento aqui no Morro da Liberdade e Santa Luzia, trabalhei nessas áreas da zona sul, conhecia aqui mais ou menos. Só conhecia através do serviço da área, mas não tinha muito conhecimento, ouvia falar que aqui era um beco, o nome era Beco dos Pretos, que tinha as famílias tradicionais de negros, que já tinham ido embora, outras já tinham falecido e outros continuavam. Mas nunca conheci ninguém, e que aqui faziam festas, comemoravam, tinha **uma associação com presidente, mas nunca vim aqui, para visitar, conhecer.***
- c) *A gente só patrulhava nas principais, não tinha como entrar aqui. Não entrava, nunca entrei aqui no beco já tive ocorrência próximas, mas aqui não.*
- c) ***A primeira vez, eu vim num dia de festejo do aniversário dele (Antônio Carlos), conhecer as pessoas e comecei a conhecer como é que funcionava a associação que ele fazia parte. O pessoal se reunia para fazer as comemorações. Eles envolviam as famílias que moravam nas pontes. Os próximos aqui participavam, todo mundo se ajudava, contribuía. Foi isso logo de primeira que eu vi. As informações que eu tive.***
- Quando eu vim morar aqui, aí que eu conheci, cada situação, cada festejo e participei de alguns. Achei muito interessante! Os vizinhos eram todos unidos, participavam, se reuniam, comemoravam, ajudavam, trabalhavam muito, achava muito interessante, nunca tinha visto, nem lá no bairro onde nasci e me criei, nunca existiu isso (Yolanda Lima de Oliveira Pires, 2014).*

Seguindo com o olhar para o depoimento acima assinalado pelo item c), é possível perceber que o Beco era notado pela forma de organização. Yolanda é da Polícia Militar e patrulhava o Bairro e já inferia a este lugar sua característica maior, as festas.

Nesse cenário, concluímos este tópico, explicitando que a Festa do Mingau, resiste ao tempo. Todo ano se comemora nos meses de Junho ou de Julho, os moradores que permaneceram do Beco dos Pretos, se reúnem e ainda hoje é distribuído mingau para quem estiver na festa. Não tem a mesma quantidade de frequentadores de antes, mas a festa ainda é comemorada.

2.4.4 Consciência Negra

A Lei de nº 12.519 de 10 de novembro de 2011 que institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Em seu Art. 1º expõe: “É instituído o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, a serem comemorados, anualmente, no dia 20 de novembro, data do falecimento do líder negro Zumbi dos Palmares”. Zumbi dos Palmares foi um negro escravizado e líder do Quilombo dos Palmares, ficando conhecido pela luta contra a escravidão que sofriam os brasileiros de raça negra. Escutei de alguns historiadores que a história de Zumbi dos Palmares, não é tão honesta assim, mas assumo a posição de colocar a história que a maioria de nós, conhece: a de um herói que morreu em nome da luta por dias melhores aos negros escravizados.

Tendo participado das Festas da Consciência Negra, vejo que o grande objetivo desse dia, foi trazer a reflexão de quantas lutas já foram travadas até a atualidade, embora não haja mais negros escravizados, existe um preconceito implícito socialmente, porém, desmascarado oficialmente quando se olham dados estatísticos em relação à população preta. Desde os dados educacionais, até os dados carcerários, se percebesse que esse dia é importante sim! Muito embora em minha opinião, dia de respeitar o próximo, seja todo dia.

Esse dia no Beco dos Pretos é comemorado à base de feijoada, cerveja e samba. Um dia em que os moradores e os que foram deslocados, compulsoriamente, do Beco dos Pretos se reúnem para festejar e se visitarem. Eu costumo brincar, mas falando da realidade, aqui nos reunimos para brincar ou para chorar, porque ou é festa ou enterro. E essa é uma realidade. A Feijoada é feita pelos moradores a partir de doação. E eles se movimentam, batem de porta em porta, e de repente, está tudo organizado. Eu sempre participo, primeiro, porque faço questão de apoiar, depois, que gosto de comer, e lá se come bem. Para complementar este tópico, trago relato da Senhora Eti, vizinha ao Beco dos Pretos, moradora das proximidades.

c)

*Hoje eu não vejo mais assim, mas eu via uma comunidade, o Beco dos Pretos era uma comunidade não era um beco, não sei por que era chamado assim de beco, porque tinha aquela ruazinha estreita, mas ali era uma comunidade, ali a gente fazia uma festa, **ali ele vendia os seus bingos, sem precisar andar aqui na pista. Eles vendiam os bingos lá dentro, eles faziam a festa deles lá dentro, nós só sabíamos porque alguém passava lá e dizia: menina, tá maior festa lá no beco.** Na época eu não era convidada, até porque eu não frequentava, passei a*

- c) *frequentar a alguns anos, quando a Nilda foi morar pralá que eu comecei a frequentar.*
- Eu conhecia todo mundo assim de vista, eu não tinha assim essa intimidade que eu tenho hoje, aí depois foi ficando com essa intimidade. Aí, passa o PROSAMIM, e na época todo mundo ficou triste quando saiu todo mundo. Eu pessoalmente, essa é minha opinião, eu achei assim uma falta de respeito do governo com as pessoas moradoras de lá.*

Se consideramos que a Senhora Eti, não mora no Beco dos Pretos, é possível perceber em seu relato a falta de **“intimidade”** relatada por ela, e como esse lugar é marcado na fala: **“aliele vendia os seus bingos, sem precisar andar aqui na pista”**, ou seja, os de dentro do Beco e os de fora **“os da pista”**. Assim como os do **“alto do Morro”**, e os **“de baixo”**, expressões usadas para classificar a área que é atingida pelas cheias, e os da parte alta, aonde a água não chega. Outro ponto observado, é a expressão **“comunidade”**, relatada várias vezes. Diferenciando os moradores do Beco, dos demais moradores do bairro. Genep (2011), afirma que os ritos de “separação” complementam os ritos de “agregação” e vice-versa, pois ao mesmo tempo em que “os de dentro” se reconhecem como uma “grande família”, os de fora, os veem como comunidade. Esse reconhecimento se dá pela relação entre seus moradores e o lugar, tornando- os iguais entre eles, e diferenciando-os dos demais, e é este sentimento de pertencimento que Gusfield (1975) considera, comunidade.

Lembro que na época, alguém escreveu um livro, um livro mostrando como era o passado do beco, as fotos, as coisas sabe? os primeiros moradores...

Eu achei aquilo muito legal sabe assim, eu achei muito importante porque eu nunca vi isso aqui, aqui em cima, eu nunca tinha visto isso, achei aquilo assim maravilhoso.

- c) *Lá tinha seus problemas, suas coisas com vizinhos como tem em qualquer outro lugar, até em condomínio tem isso.*

Na minha opinião, foi uma falta de respeito do governo com a comunidade, porque depois que eles mostraram tudo isso, passaram fazendo cadastro, mostraram o livro pra ver se comovia eles, pra ver se faziam algo tipo assim, ele ia fazer os prédios como foi feito, mas eles com certeza a maioria gostariam de ter ficado aí. Tipo assim, vamos tirar por em outro lugar, quando aprontar o prédio cada um vai ganhar seu apartamento, 99% com certeza pensava dessa forma, que não queria sair daí porque esse era o certo né, eu acho que não teve uma pessoa de pulso, uma pessoa de pulso forte que lutasse, lutasse por eles, não teve essa pessoa, porque, talvez se alguém lutasse essa é minha visão né, muitos tinham ficado aí, e com certeza tava melhor aí né.

c)

A experiência que eu tive foi apesar de ter alguns atritos entre eles, mas na realidade assim, assim eles eram muito amigos, coisa que eu nunca vi, sabe aqui, aquela amizade deles, aquela intimidade eu nunca tinha visto, o vizinho ir na porta do outro pedir um pouco de café, um pouco de farinha, entendeu? E lá eu vi, lá eu vi me assustei.

Eu disse, menina!!! É mana, aqui é normal isso, tendeu? Pra eles era normal né, mas eu né, que aqui ninguém tinha esse costume de ir pra porta do vizinho pedir, e eu vi isso, eu achei aquilo assim muito legal.

Vizinho fazia uma panela de comida chamava todos os vizinhos pra comer, e quando eu comecei a frequentar até eu ia comer junto. Eu nunca tinha visto, juro, porque aqui o pessoal é muito individualista, cada qual é o seu né, cada qual olha pro seu umbigo, lá não, é diferente até hoje eu passo lá: é festa? Não é que nós compramos aqui um frango, nós estamos assando e todo mundo come, eu nunca tinha visto entendeu? Eu nunca tinha visto, isso é assim uma experiência que eu vi, sabe?

Lá, e aquela amizade deles, aquela intimidade assim pessoas que moravam ali dentro que eu não conhecia, eu nunca tinha visto. Eu falo: menino quem é? Mora ali que é um beco dentro de outro beco, tinha um monte de entrada né, meu Deus eu não conhecia. Tu não conhecia? Não, eu não conhecia, aí eu passei a conhecer essas pessoas e eu acho legal passando e falando com todo mundo essa coisa que aqui né apesar de a gente morar aqui em cima mas é totalmente diferente.

Tu mora ali tu sabe né? Que ali não é igual aí no Beco, tu vai pra lá tu te senta ali todo mundo bebe junto, todo mundo come junto, todo mundo sorri junto, não existe isso aqui em cima, tendeu? Foi essa experiência que eu tive, eu achei assim incrível isso.

Dessa passagem? Hoje, eu acho que assim os que ficaram tão lutando né, como você mesma falou tão lutando pra manter a cultura deles e os outros que já chegaram aí que já tão também ajudando tão achando legal entendeu?

Já tão ajudando né? eles, os outros vizinhos aí dos prédios aí do PROSAMIM né, a manter a cultura deles, mas não é a mesma coisa, não é a mesma coisa e tem uma pessoa, que tipo assim, ainda mantém a cultura é o Eduardo né? com suas panelas de comidas, com suas churrascadas, com suas festas, passei lá tinha maior churrascada, maior festas sábado. Aniversário? Não, é uma churrascada que nós estamos fazendo, é um baby chá de uma pessoa carente que não tem condições e nós estamos fazendo aqui uma festa, um... Tendeu? Eu acho assim muito interessante coisa que... Que eu não tô acostumada a ver, tendeu?

Eu não fui convidada para o evento, mas eu acho isso muito bonito, eu acho assim muito interessante, entendeu?

Coisa assim que eu fico Por que aqui assim, há fulano tá precisando de alguma coisa, a gente vai lá né, se a gente tiver condições vai lá compra e dá de presente, olha isso aqui eu trouxe para você, (não faz essa coisa dessa festa sabe), todos tão lá comendo junto, todo mundo junto, todo mundo sorrindo. Éh, tudo é motivo de festa lá nesse beco, tudo. É deles já, tendeu? É deles isso, e isso ninguém vai tirar as festas. De repente eu passo, aí a Áurea tá lá dançando.

- c) *Um dia desse eu passei, ela falou: vem cá, tu quer mingau? Ai, eu, aí meu Deus, é pra comprar é? E eu ainda fico meio enrolada ainda né, aí eu, poxa, vou ali quando passo compro aqui, não menina, quem disse que é comprado, esse é dado, aí eu digo: é dado é? Então me dê um copo de mungunzá, e um copo de mingau de banana, um pra mim outro pra minha mãe, ela ria, ria, me deu sabe essas coisas que eles ficam mantendo sabe? Eu acho assim tão interessante. Tudo é festa, eu acho isso muito legal, coisa que a gente não vê mais.*

Ano passado não fui na feijoada da consciência negra. Eles fizeram uma feijoada, uma mega feijoada foi tudo doação também. Eu acho assim muito interessante isso, de vez em quando eu recebo esses convites eu vou lá, eu acho muito bacana” (Eti, 2014).

No relato de dona Eti, é possível perceber que os moradores se reúnem para se alimentarem juntos. Esse aspecto da comida é recorrente nos relatos, a mesa posta une as pessoas, o partilhar entre eles é comum. As festas sempre ligadas a mesa farta, fortalecem o sentimento de família, colocado pelos moradores. O rito de agregação, entendido por Genep (2011), onde se convergem pontos de interesse comum, os quais os unem e geram sentimentos. Fatos do dia a dia como precisar de um pouco de açúcar ou café, ou mesmo nas festas, onde a comida é livre para quem quiser comer.

Saliento que no Beco existe a recepção bem-humorada e acalorada para os visitantes com a mesa farta, exposta para que todos possam servir-se. As músicas em volume elevado e as pessoas dançando ou para que possam dançar. Quem chega como à senhora Eti, pode ter essa sensação de estranhamento, com o modo com que os moradores agem, mas são características culturais que permanecem nesse lugar. Muitas pesquisas dentro da geografia, por exemplo, trazem a cidade a partir da sua racionalidade das relações capitalistas. Geralmente, suas análises estão pautadas na paisagem concreta onde se reproduz o capital, desconsiderando a subjetividade que dá vida à cidade.

Esse olhar, que eu diria mais humano da leitura social, fica por vezes impedidos de aparecer ou de aflorar, por meros preciosismos de egos acadêmicos, que desconsideram o olhar mais humano, sob um ambiente com humanos, quando os projetos urbanísticos desconstroem um lugar fisicamente, sem considerar quem está ali inserido, fica claro o que se tem prevalecido academicamente: uma ciência, dura, rígida, comandada por quem olha a cidade dura, estática, um pedaço de chão, onde se pode obter lucro. Nesse sentido, é pertinente trazer à academia e a sociedade a importância desses territórios específicos de cultura que estão no urbano e que para os quais, pouca ou nenhuma importância é dada diante de grandes projetos urbanísticos como é o caso do PROSAMIM.

No relato da Senhora Eti é possível perceber que algum movimento foi feito para que o PROSAMIM não passasse “por cima de histórias”, em prol da boa aparência das margens dos igarapés. Mas o movimento não teve força suficiente para evitar o que estamos vendo hoje, que é além da desconstrução física do lugar, ou seja, houve ruptura na história da cidade assinalando novos tempos, como também, ruptura nas histórias de vida das pessoas.

Nessa perspectiva, as pesquisas relacionadas à subjetividade do que compõe o urbano são de relevância para a clareza da diversidade cultural do município de Manaus. Nessa lógica, essa pesquisa vem mostrar a importância de grupos “invisíveis” à cidade ao mostrar que essa gente, tem nome, tem história, fazem a história e a cidade.

Precisamos buscar cada vez mais, ferramentas que nos ajudem a trabalhar com embasamento às questões de políticas afirmativas inclusivas na cidade no sentido de transformar as cidades, em cidades cada vez mais justas. Na minha visão, antes de bons discursos por cidades inclusivas, devemos e podemos lutar por ações mais justas socialmente.

Dessa forma, é possível inferir que o projeto urbanístico PROSAMIM, derrubou muito mais que casas, o projeto arrancou “raízes” de um território cultural específico, conforme expõe o senhor Antonio Carlos, *“então, a gente vem buscando manter apesar das dificuldades hoje culturais, principalmente culturais, não existe mais aquele apego com algumas coisas da cultura que naquela época se vivia em comunidade”*, assinalando a mudança não somente no aspecto físico, como da cultura do Beco dos Pretos.

Mas, ao mesmo tempo em que se arrancaram raízes, desfizeram laços, no entanto, o que ninguém consegue ainda é apagar as memórias. E é por isso, que estamos aqui, para não deixar que essas memórias sejam levadas ao túmulo, pois são históricos da vida de um lugar que presenciou o auge da comunidade e hoje passa por um processo de desconstrução cultural, pois pouco ainda resiste nos anos de 2020.

Com a implementação do PROSAMIM Jefferson Peres, o Beco dos Pretos mudou fisicamente, culturalmente, e muitos relatam essa perda cultural. As festas não são mais as mesmas, a parte do Beco onde tinha área para as festas acontecerem, agora abriga o estacionamento do PROSAMIM. Porém, resgatando essas histórias de vida, podemos perceber esse conjunto de ritos de passagem que assinalam a identidade afetiva desse lugar.

A quantidade de pessoas que participam da organização dos ritos (festas) foi reduzida,

assim como a participação das pessoas também. Sobre isso, o senhor Antonio Carlos, expõe: *“então, a gente vem buscando manter apesar das dificuldades hoje culturais, principalmente culturais, não existe mais aquele apego com algumas coisas da cultura que naquela época se vivia em comunidade”*. Então, *Eu me vejo assim, alguém que ficou órfão*, (Antônio Carlos, 2014).

Dessa forma, se assinala um lugar modificado pelo PROSAMIM, e pelo tempo. Onde as relações sociais foram afetadas pelas mudanças ocorridas no Beco, sejam as mudanças nas estruturas físicas, sejam as mudanças na subjetividade das relações sociais. Assim, neste capítulo, apresentamos ao leitor, os moradores da comunidade e suas árvores genealógicas, resgatando a história de como cada família chegou ao Beco dos Pretos. Além, de apresentar uma leitura do lugar, pela percepção de seus moradores, complementado pela exposição de croquis os quais foram base para a representação cartográfica do Beco dos Pretos. Desse modo, seguimos para o terceiro e último capítulo desta pesquisa, trazendo a realidade desse lugar diante desse grande feito urbanístico que é o PROSAMIM.

CAPÍTULO III – TRANSFORMANDO LUGARES E PESSOAS: PROSAMIM E OBECO DOS PRETOS

3.1 Prosamim e o Lado de Cá do Projeto: também somos bons!

3.1.1 O projeto

O Planejamento Urbano no Brasil teve início durante a República Velha, cujo padrão de intervenção na cidade se deu através dos chamados planos de melhoramento, embelezamento e expansão urbana. Este plano vigorou até 1930, quando se iniciou o período no qual o planejamento urbano passou a ser visto como solução dos problemas urbanos como: habitação, loteamentos clandestinos, saneamento e transporte. COSTA (2011) em aula proferida no Curso de Geografia na Universidade do Vale do Paraíba (2011), afirmou:

que “na tentativa de organizar as cidades os Planos Diretores surgem como o instrumento regulador da expansão da cidade. Entre 1930 e 1950, a maioria da população brasileira ainda vivia no campo e o cenário político era dominado pelas oligarquias regionais. No entanto, com a expansão do processo industrial, torna-se necessário uma intervenção estatal nas áreas urbanas, tidas por muitos como geradoras de problemas (antiurbanismo)” (COSTA, 2011).

Nesse sentido, apoiada por Oliveira (2003, p.57), defende que a década de 1940 foi um marco para o crescimento urbano no Brasil, nessa década se tinha 70% da população efetivamente rural e 40 anos depois, já na década de 1980 a mesma parcela encontrava-se residente nas cidades, coincidindo com a industrialização acontecendo em grande escala principalmente no centro-sul brasileiro.

No Brasil, durante o Período Vargas, se reproduziu o padrão Europeu “padrão higiênico – funcional”, na tentativa de construir a cidade ideal, moderna. Nas décadas de 1940 a 1950, o espaço urbano estava passando por um processo de reestruturação acontecendo em momentos diferentes em todo o território. Em algumas áreas ocorria a mecanização e modernização do campo, enquanto em outras o processo de estagnação se instalava. Para Oliveira (2003, p.58), “as cidades que receberam maiores investimentos foram as localizadas

na região concentradora da atividade industrial, e nesse sentido o papel reservado à Amazônia, especialmente à cidade de Manaus é a subalternidade". O autor se refere ao período pós-ciclo da borracha, até os finais dos anos de 1960 quando há a implantação da Zona Franca de Manaus, a qual trouxe dinamismo ao urbano. Quanto a esse quesito Sposito (1991, p.50) afirma que, "*certamente essa urbanização correspondeu a movimentos migratórios campo-cidade, decorrentes de mudanças estruturais no campo nos séculos anteriores, face ao desenvolvimento capitalista, que deu às cidades uma capacidade produtiva maior*".

Para a autora, não se pode falar de urbanização considerando-se apenas o elevado número de pessoas que passaram a viver nas cidades, pois o desenvolvimento capitalista fez o urbano configurar-se de modo a subsidiar a industrialização, modificando a estrutura interna das cidades e o papel desempenhado por elas. Segundo Castells *apud* Sposito (1991, p.50), "*ao invés de se falar de urbanização que se fale de produção social, das formas espaciais, na perspectiva de apreender as relações entre espaço construído e as transformações estruturais de uma sociedade*". Analisando a linha de transformações do capitalismo, da produção artesanal para a industrial, do capitalismo comercial e bancário para o industrial e concorrencial.

Com isso, as cidades se tornaram sustento da produção capitalista, sendo o lugar de acumulação de capital desde o mercantilismo tornando-se espaço do poder político e econômico, e a qual se concentrava a grande reserva de força trabalhista que com o capitalismo comercial reforçou as cidades no sentido de infraestrutura base do desenvolvimento industrial.

A hierarquia urbana se estruturou a partir da concretização dessas redes de articulação entre os lugares sendo classificadas pelo nível de comercialização das mercadorias, força política e econômica e presença de uma classe dominante, pois a dinâmica das cidades passava por fase de modernização, se adequando à industrialização que chegava.

O período pós-Revolução Industrial fez com que a concretização da rede urbana, ficasse cada vez mais importante para as relações econômicas, de quantidade do capital acumulado, da infraestrutura ali existente subsidiando a reprodução capitalista. Sposito (1991, p.54) nos afirma que "*a condição de centro ou não de decisões numa economia que não tinha mais por base o espaço local ou regional, mas ao contrário, propunha como meta romper as barreiras das fronteiras nacionais*", e aos poucos uma nova configuração econômica se instalara, deixando a hierarquização das cidades mais padronizadas.

Preocupações que chegaram à vista do Estado, às cidades, e aí não somente as da Amazônia precisavam de uma dinâmica que pudesse fomentar o dinamismo econômico. As transformações urbanas do Município de Manaus trouxeram suas formas materializadas de acordo com o momento econômico vivido na cidade.

A Manaus que se apresentava antes entrecortada por igarapés, na Belle Époque que outrora foram aterrados, agora, após a chegada da Zona Franca de Manaus em 1967, ganhava status de capital moderna com a indústria que se instalara, e os igarapés, foram ocupados por moradias as quais abrigavam os menos favorecidos, como já dissemos, moravam, trabalhavam e divertiam-se sobre as águas. No entanto, Manaus passaria por novo período de ressignificação dos lugares. Júnior e Nogueira (2010, p. 190) expõem:

A preocupação era satisfazer as elites, sendo necessário retirar os menos favorecidos e reassentá-los em locais distantes do Centro. Isto reforça ainda mais a idéia da vitrine defendida por Mesquita (2006), pois podia parecer não muito agradável para a elite da borracha ter que residir no mesmo lugar que os pobres. Ainda hoje a lógica de urbanização ainda tem sido a mesma que a do governo Eduardo Ribeiro: remanejamento de famílias do Centro para bairros distantes.

Tal exposição, nos mostra que os tempos mudam, mas os discursos continuam os mesmos, apesar de também terem se adequado aos novos tempos. As ocupações nas áreas de igarapés constroem-se materializando e dando visibilidade à pobreza no município de Manaus, deixando claro que o direito à cidade não está para todos, ao mesmo tempo, em que se buscam alternativas para a “limpeza” dos leitos dos igarapés.

Sendo a sociedade urbana, a representação das transformações sociais, econômicas e políticas acumuladas pela história das cidades. O tecido urbano e da industrialização criam a base material (industrialização) e espacial (urbanização), as quais possibilitam novas formas de relação social de maneira a influenciar no cotidiano da sociedade, de maneira a trazer mudanças ideológicas, criando “o homem da sociedade urbana” (LEFEBVRE, 1991, p. 108).

Dentro das cidades, essas “novas formas de relação social [...] e mudanças ideológicas, mudam o ‘homem’ e seu meio”. É preciso adequar-se aos espaços, e que espaços são esses para quem não tem a oportunidade de escolha? Segundo Santos (1992, p. 49) “o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente mudança”, para este autor, a paisagem nada tem de fixo e imóvel, tudo está em constante mudança, e nas

idades, esta mudança ocorre para suprir as necessidades da sociedade, impostas pelos que dão “ordem à cidade” e esse não é um direito de todos.

Assim, o Governo do Estado do Amazonas, criou nos anos 2000 o PROSAMIM, tendo como seu público-alvo, os moradores que ocupavam as margens dos igarapés vivendo em situação de vulnerabilidade social (Figura 27).

Figura 27. Área alagada do Quarenta



Fonte: A CRÍTICA¹⁶

Para Júnior e Nogueira (2010) o discurso embora pareça dos anos 2000, perpassa a história do Amazonas, desde os tempos áureos da borracha. Segundo os autores:

[...] igarapés em Manaus sempre foram alvos de uma política de embelezamento que removia inúmeras famílias de suas proximidades para bairros longínquos quebrando a relação simbólica e cotidiana das pessoas com os lugares do entorno. Essas intervenções foram intensas na administração de Eduardo Ribeiro e retomadas ao longo de governos posteriores. A lógica do embelezamento da cidade prosseguiu com a remoção da Cidade Flutuante em 1965; com a incompleta efetivação do Projeto Nova Veneza em igarapés do centro de Manaus, que novamente

¹⁶ Disponível em <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/mais-de-300-familias-convivem-com-lixo-e-agua-poluida-no-igarape-do-quarenta-zona-sul> Acesso em: 10.01.2021

ocupados, sofrem novas alterações, a partir de 2005, com a implementação do PROSAMIM - Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus cuja meta se assemelha às de Eduardo Ribeiro: remoção de famílias das proximidades dos igarapés, além de aterro, canalização e transformação desses canais fluviais em vias públicas (JÚNIOR e NOGUEIRA, 2010, p.190).

Assim, o PROSAMIM foi celebrado com o primeiro contrato de empréstimo entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Governo do Estado do Amazonas, para início das obras em 19 de janeiro de 2006, iniciando as duas primeiras etapas do Programa na Bacia dos Educandos, localizada na Zona Sul de Manaus “sendo esta a mais densamente povoada e ocupada por construções irregulares, em margens de igarapés” e que contemplava os Igarapés Cachoeirinha, Manaus, Bittencourt, Mestre Chico I e Igarapé Quarenta. Os contratos nº 1692/OC-BR (BR-L1005) – PROSAMIM I foram firmados em 19/01/2006 e encerrados em 16/09/2009. E o segundo o Contrato nº 2165/OC-BR-L1217, PROSAMIM Suplementar, firmado em 19/01/2006, foi encerrado em 21/03/2014.

Esses contratos foram firmados com o intuito de realizar intervenções na Bacia dos Educandos, Igarapé Quarenta (onde está localizado o Beco dos Pretos e áreas parciais (sub-bacias) dos Igarapés Manaus, Bittencourt e do Mestre Chico). Nos Contratos do PROSAMIM I e Suplementar foram investidos um total de US\$ 320,9 milhões de dólares. Ao todo se considera contratar em torno de 900 milhões de dólares (empréstimo do BID e contrapartida do Governo do Estado do Amazonas)¹⁷. Nesse contexto, Vallina (2014), coloca que esse tipo de investimento, não é exclusivo da Amazônia:

Além de Manaus, outras cidades brasileiras tiveram seus projetos de revitalização e requalificação dos espaços urbanos financiados pelo BID, a partir dos anos 90, a exemplo do Programa de Saneamento do Ceará (BR-0324); Reabilitação Ambiental de Belo Horizonte ((BR-0397); Programa de Reabilitação Ambiental e Urbana de Joinville (BR-L1038); e do Programa de Reabilitação da área central de São Paulo, cujas metas, sem sombra de dúvida são muito similares ao programa de Manaus: reversão da desvalorização imobiliária, transformação do perfil econômico e social da área central, recuperação do ambiente urbano, melhoria da circulação e dos transportes e fortalecimento institucional (VALLINA, 2014,P.122).

Assim, Guia (2018, p. 76-77) em sua tese de doutoramento, afirma que a agenda fortalecida pelo BID nos anos de 1990 e consolidada nos anos 2000, volta-se às questões como meio ambiente, urbano, mulher:

¹⁷ Disponível em <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/historico-do-prosamim/>, acesso em 10.01.2021

[...] trazendo como “novas dimensões para a prática discursiva do Banco [...] ‘novos agentes’ e ‘tecnologias’ que passam a fazer parte do vocabulário do Banco, compondo, em termos semânticos, uma nova relação de significados e sentidos com os projetos de desenvolvimento”. [...] como também uma melhor definição dos “beneficiários” e objetos do desenvolvimento que, nas primeiras décadas, eram governos, indústrias, integração e urbano. (GUIA, 2018, p. 76-77).

Temos claramente, um discurso desenvolvido pelo BID, o qual ampara as questões de desenvolvimento com o que chamam de “novas dimensões, mas que posteriormente, amparam à valorização imobiliária, fortalecendo a especulação e a mais-valia fundiária, como resultado de práticas voltadas integração desses novos agentes”.

Fortalecendo este discurso, o Governo do Estado do Amazonas, afirma que o PROSAMIM é um projeto, que visa à melhoria da qualidade de vida da população que vive às margens dos igarapés da cidade de Manaus, tendo como propósito “ajudar na solução dos problemas ambientais, urbanísticos e sociais que afetam a cidade de Manaus e seus habitantes, especificamente aqueles que vivem abaixo da cota 30m de inundação, tomando como referência o nível do Rio Negro, no Porto de Manaus”¹⁸. Segundo o site institucional, o programa traz como objetivos específicos:

Melhoria das condições ambientais; de moradia e de saúde da população na área de intervenção do Programa, por meio da recuperação e ou implantação de sistemas de drenagem, abastecimento de água, redes de esgotamento sanitário, coleta e disposição final de lixo e recuperação ambiental das bacias dos igarapés, planejamento urbano, regularização de propriedades, construção de moradias adequadas, implantação de áreas de lazer, continuação do fortalecimento das instituições participantes, e capacitação das comunidades atendidas . Tudo isto para assegurar que as intervenções realizadas sejam sustentáveis.

De acordo com o documento do Plano de sustentabilidade Socioambiental - PSSA/Critérios Sociais de Elegibilidade e Avaliação de Projetos – Anexos do PROSAMIM. Definiu alguns aspectos pertinentes para a aprovação do Programa/Projeto pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID.

Nesse documento, consta como um dos objetivos do PROSAMIM: **assegurar a participação das comunidades afetadas na fase de preparação, execução e monitoramento e avaliação do programa (PSSA. p.1)**. E vários são os itens presentes tanto para a proposta

¹⁸ Disponível em <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/o-programa/> Acesso em: 10.01.2021.

quanto para execução do projeto PROSAMIM, os quais visam o bem-estar das comunidades reassentadas e garantem mitigação dos impactos socioeconômicos. Mas quais foram os ganhos realmente visíveis deste projeto?

3.1.2 Renda, Pobreza e Desigualdades

Relembro que o PROSAMIM, fase Jefferson Péres, era a fase a qual retirou parte do Beco dos Pretos, inserido no bairro Morro da Liberdade. Estão, abaixo, dados de antes e depois da implementação do projeto. Atualmente, de acordo com Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, consulta realizada em agosto de 2020 (com espacialização de dados de fontes secundárias como: PNUD, IPEA, FJP e censo de 2010), o bairro se apresenta com renda média comparada à Região Metropolitana. De acordo com esse Atlas, a renda per capita média da Unidade de Desenvolvimento Humano – Morro da Liberdade (UDH), é de R\$ 382,11 (2010), enquanto no município Manaus é de R\$ 790,27 e na RM de Manaus, de R\$ 725,17.

No mesmo ano, a proporção de pessoas pobres, ou seja, com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00 (a preços de agosto de 2010) é de 22,67% na UDH, de 12,90% no município e de 16,37% na RM.

Isso comparado aos índices de pobreza do bairro em relação ao município, o Morro da Liberdade é 9,77%, mais pobre que o total de pobres da capital amazonense, conforme podemos verificar na (Tabela 12).

Tabela 12. Renda, Pobreza e Desigualdade - UDH - Morro da Liberdade – AM

Renda, Pobreza e Desigualdade - UDH - Morro da Liberdade – AM	2000	2010
Renda per capita	308,24	382,11
% de extremamente pobres	16,58	6,63
% de pobres	36,77	22,67
Índice de Gini	0,52	0,47

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020.

Analisando os dados é possível identificar que as diferenças de índices de desigualdades no bairro são perceptíveis, principalmente quando existiam as moradias precárias que margeavam os igarapés presentes no bairro, pois o bairro dividia-se em dois: “a parte de cima e a parte de baixo”. Na parte de cima estavam as casas em sua maioria de alvenaria que diante do costume amazonense de moradia em casas de madeira, são vistas como construções mais modernas. Já a parte baixa do bairro, até início dos anos 2000, abrigou a população menos favorecida economicamente e sem muita opção de moradia se instalavam em palafitas, às margens do Igarapé do Quarenta (Figura 28).

Figura 28. Palafitas¹⁹, Morro da Liberdade.



Fonte: Estudos de Impacto Ambiental PROSAMIM, década de 1990.

O Beco dos Pretos, localizado às margens do Igarapé do Quarenta era acessado por vários outros becos formados por moradias de palafitas existentes na região. De acordo com o depoimento da senhora Áurea Pires Louchard, quando havia discussões, usava-se como insulto a expressão “beco da bosta” para os moradores do Beco da Catuaba que se localizava por trás do Beco dos Pretos, mais próximo ao igarapé. As famílias que viviam em situação de vulnerabilidade social, sem escolha, moravam nas palafitas, convivendo em meio ao lixo e ao mau cheiro causado pela poluição do igarapé.

¹⁹ Casas do tipo palafitas são construídas na planície de inundação do igarapé (córrego) do Quarenta, bairro Morro da Liberdade

Nesse horizonte, posso contribuir com meu relato, pois até conseguir comprar uma casa na parte de “cima” do Morro da Liberdade, moramos muitos anos em palafitas do outro lado da margem do Quarenta no bairro da Cachoeirinha. Ao buscar por fotos dessa época, encontrei no flirck que é um canal online de fotos, imagens de crianças cercadas por repórteres fotografando-as enquanto elas se divertiam brincando em meio ao lixo, e tomando banho em meio à poluição do Quarenta. Recordo que muitas crianças de ambos os bairros, tanto do Morro da Liberdade como da Cachoeirinha, brincavam no igarapé, principalmente na época da cheia dos rios, onde pulavam da Ponte da Maués nas águas poluídas do igarapé (Figura 29).

Figura 29. Crianças em meio a poluição do Igarapé do Quarenta



Fonte: Sheila Benjamin (flirck)

Com isso, se observarmos os dados de habitação em que se considera a população com acesso a água encanada, energia elétrica e coleta de lixo. Podemos perceber que no ano de 2010 (último censo), temos 100% da população do bairro com acesso à água e a energia elétrica, mas que a coleta de lixo, ainda não atende a 100% do bairro (Tabela 13).

Tabela 13. Indicadores de Habitação - UDH - Morro da Liberdade – AM

Indicadores de Habitação - UDH - Morro da Liberdade – AM	2000	2010
% da população em domicílios com água encanada	100	100
% da população em domicílios com energia elétrica	100	100
% da população em domicílios com coleta de lixo	80,63	97,46

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020.

Se analisarmos a tabela de vulnerabilidade social, podemos inferir que algumas características se sobressaem, como por exemplo, o número de mulheres chefes de família, a porcentagem de crianças de 0 a 5 anos fora da escola, à porcentagem dos vulneráveis a taxa de pobreza e os níveis de trabalho informal (Tabela 14).

Tabela 14. Vulnerabilidade Social - UDH - Morro da Liberdade - AM

Vulnerabilidade Social - UDH - Morro da Liberdade – AM		
Crianças e Jovens	2000	2010
Mortalidade infantil	38,9	23,7
% de crianças de 0 a 5 anos fora da escola	83,92	62,27
% de crianças de 6 a 14 fora da escola	13,33	8,13
% de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são vulneráveis, na população dessa faixa	22,19	19,52
% de mulheres de 10 a 17 anos que tiveram filhos	5,26	2,31
Taxa de atividade - 10 a 14 anos	1,12	5,71
Família		
% de mães chefes de família sem fundamental e com filho menor, no total de mães chefes de família	53,3	45,78
% de vulneráveis e dependentes de idosos	1,56	0,75
% de crianças extremamente pobres	22,91	9,19

Trabalho e Renda		
% de vulneráveis à pobreza	61,49	48,87
% de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal	44,6	33,92
Condição de Moradia		
% da população em domicílios com banheiro e água encanada	61,22	72,08

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020.

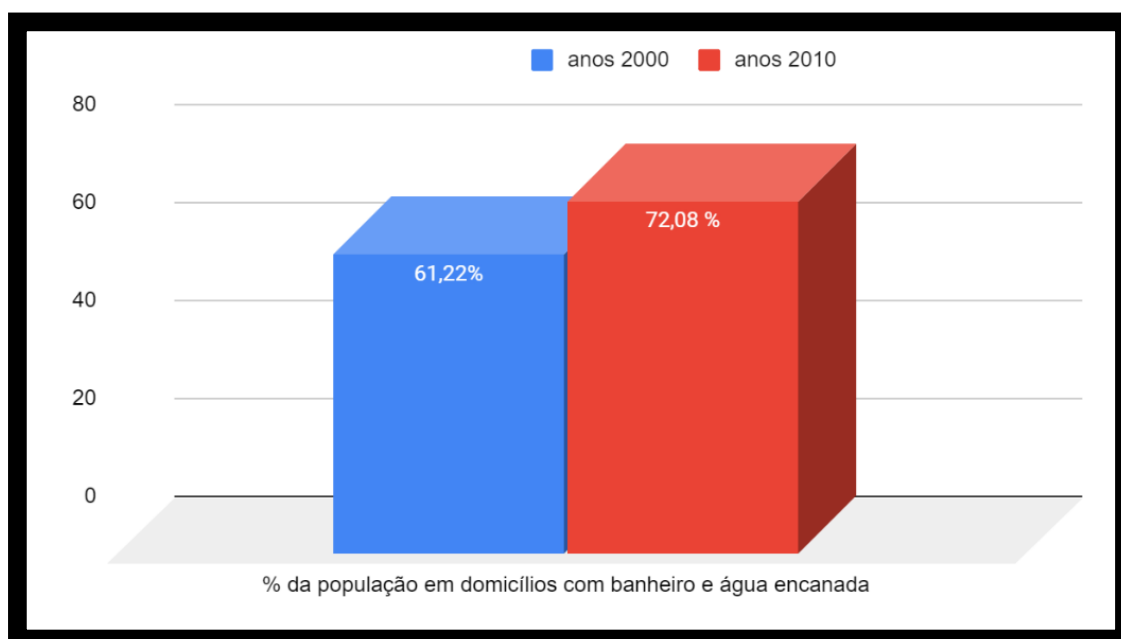
Nesse cenário, o bairro possui mais de 50% da população às margens da pobreza, mesmo estes dados sendo de 2000 em comparação a 2010, quando o PROSAMIM, já havia retirado a população que vivia às margens do Igarapé do Quarenta. Mas se comparados de forma isolada podemos perceber que houve benefício em todos os índices considerados, como educação, pobreza, mortalidade infantil, acesso à escola.

3.1.3 Condições de Moradia

Se separarmos os dados como condição de moradia, podemos perceber a melhoria em 10,86 % em 10 anos, considerando banheiro e água encanada como podemos verificar visualmente no gráfico 1.

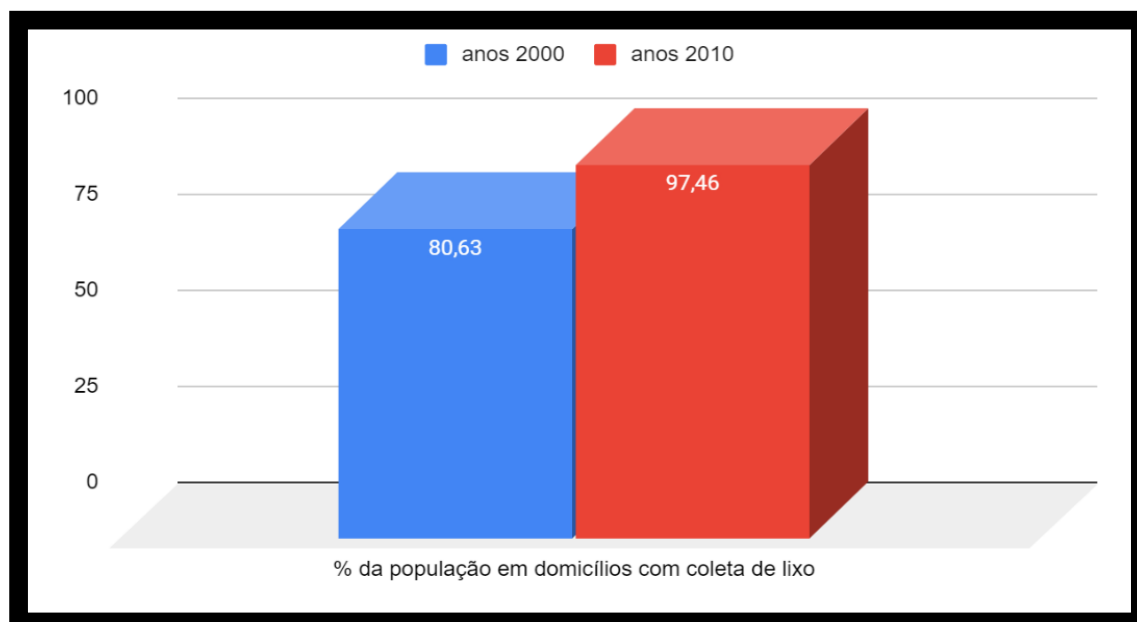
Nos 10 anos analisados, comparando os anos 2000 quando o PROSAMIM ainda não tinha sido implantado, somente 80,63 das casas do bairro eram atendidas com coleta de lixo, e nos anos de 2010 após 3 anos do início da implantação do PROSAMIM, já se tinha 97,46% das moradias atendidas pela coleta de lixo, aumento de 16,83% no acesso ao serviço de coleta de lixo.

Gráfico 1. Condição de Moradia



Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020.

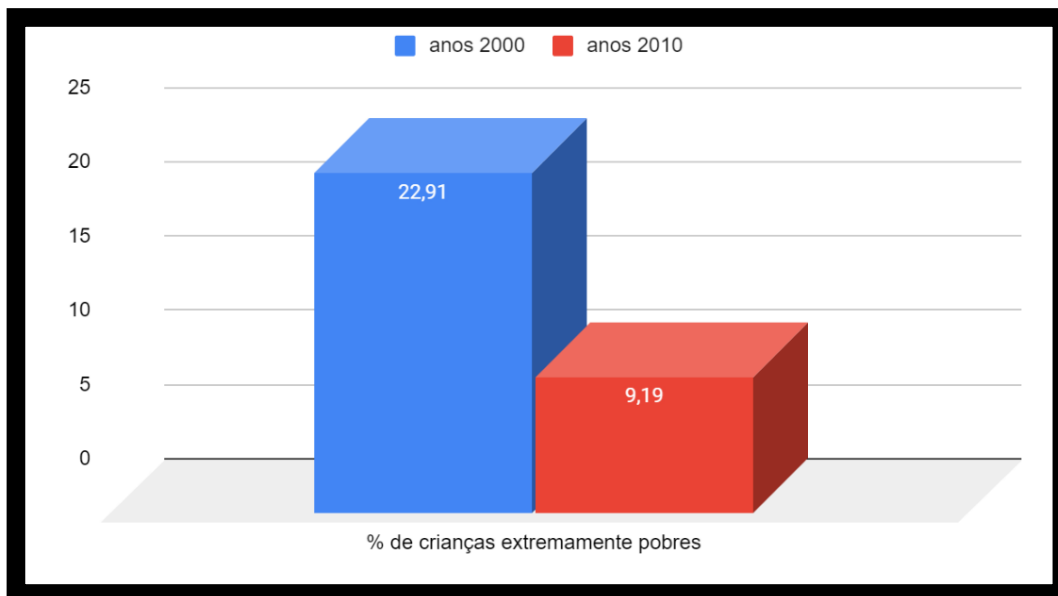
Gráfico 2. Percentual da população em domicílio com coleta de lixo



Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020.

Outro dado relevante, dos apresentados é a porcentagem de crianças extremamente pobres no ano de 2000, com 22,91% e 10 anos depois, redução para 13,72%.

Gráfico 3. Percentual de Crianças extremamente pobres



Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2020.

Os dados analisados com intervalo de 10 anos nos mostram o quanto o bairro melhorou seus índices em relação a vulnerabilidade. Atingindo os objetivos do projeto que são: melhoria das condições ambientais; de moradia e de saúde da população na área de intervenção do Programa, por meio da recuperação e ou implantação de sistemas de drenagem, abastecimento de água, redes de esgotamento sanitário, coleta e disposição final de lixo e recuperação ambiental das bacias dos igarapés. O Relatório de Impacto Ambiental do PROSAMIM – RIMA - 2004, apresenta como resultante das análises um quadro de degradação do projeto, apontando:

insuficiência e desordem do sistema de macro e macrodrenagem, que agrava o problema das cheias e da ocupação do leito dos igarapés pelas palafitas; ii. carência de habitações populares em Manaus, favorecendo a ocupação irregular dos igarapés; iii. deficiência no sistema de coleta de lixo que favorece o despejo do mesmo nos igarapés e que contribui para a poluição e deterioração da qualidade de vida da população; iv. carência de um sistema de esgotamento sanitário, que cobre apenas uma parcela ínfima da cidade. Esse quadro cada vez mais frequente e em expansão na cidade, culmina com a incidência de situações de calamidade pública em razão das fortes chuvas que provocam grandes inundações, causando a exposição a situações de risco e o agravamento das condições de saúde da população (RIMA, 2004, p.7).

Diante do exposto, são inegáveis os benefícios pós-implantação do PROSAMIM, quanto ao quesito infraestrutura, porém em nome da urbanização dos lugares, não somente se constroem bons índices em relação a qualidade de vida relacionada ao ambiente de moradia, mas nesse caso, se destruiu histórias de vida, para as quais não é possível quantificar perdas. Ao mesmo tempo em que é notório na paisagem as melhorias em urbanização, ouvindo os relatos, é possível perceber as perdas para os moradores que foram deslocados. No próximo tópico, abordaremos a implementação do PROSAMIM, e as estratégias do programa para a participação comunitária, sob a percepção dos moradores do Beco dos Pretos.

3.2 “Vocês Sabiam que existe um Fórum Gestor Local que eles chamam de FGL”?

3.2.1 Ilusão de participação comunitária

O PROSAMIM como já apresentado anteriormente atuou como um projeto de intervenção urbana que tinha como foco as áreas de igarapés da cidade de Manaus, nos quais observou-se a ocupação humana, representando um dos principais problemas na área urbana de Manaus, não somente pela ocupação, mas pelo resultado dessa ocupação ante a degradação ambiental. No documento de Estudo Prévio de Educação ambiental - EPIA, 2004, são apontadas as três vertentes de atuação estratégica do programa:

- 1. Drenagem da bacia, com adequação do sistema de macro e micro drenagem*
- 2. Saneamento básico, com melhoria nos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário*
- 3. Urbanismo e habitação, com implantação de novas vias urbanas e equipamentos urbanísticos, melhoria na habitação e o reassentamento e realocação da população das áreas de risco (EPIA, 2004, p. 1)*

Para cada uma dessas vertentes estratégicas, foram divididas em seguimentos para melhor atuação e posterior avaliação do projeto, são elas: Social, Ambiental, Urbano e

Institucional. Sendo assim, na RIMA, expõe-se como um dos objetivos específicos: “identificar, propor e testar formas de organização para a participação comunitária a serem implantadas na execução do PROSAMIM, e seu acompanhamento posterior;” (RIMA, P.8). O senhor Luiz Gonçalves acrescenta:

É, eles fizeram uma reunião, fizeram aqui, disseram que isso aqui não ia ter apartamento isso aqui ia ser só área de área de esporte, colégio, era pista de atletismo ia ser não sei o quê, depois vieram com os apartamentos. Então os moradores que morava aqui não tiveram uma chance assim, de opinar... a vou ficar alugado, depois eu volto pra cá, isso aí não teve não!

Dessa forma, fica explícito uma ilusão de participação da comunidade nas decisões tomadas pelo projeto, pois ao terem realizado somente uma reunião com os moradores, fomentaram uma aceitação, já que eles não viam motivos para reivindicar em ficar, onde só haveria lugar de lazer para a comunidade. Sendo válido ressaltar que o propósito do PROSAMIM em organizar a participação comunitária, não teve êxito, conforme relata o senhor (Paulo Henrique, 2007 apud PNCSA):

Vocês sabiam que existe um Fórum Gestor Local que eles chamam de FGL? Que é um Fórum que foi constituído pelo Governo do Estado, pra representar, para fazer o elo entre a comunidade e o PROSAMIM?

Quer dizer, ninguém sabia, eu não sabia, eu acho que pouca gente, talvez, ninguém sabia.

Esse Fórum é constituído de representantes dos Bairros por onde passam o Projeto: Educandos, Morro, Betânia, Santa Luzia, Colônia.

Quando a Comissão interessada na área de lazer foi lá, foi dito o seguinte: “procurem o Fórum que o Fórum é o órgão apropriado pra fazer a reivindicação de vocês, eles são os seus representantes”

Aí o pessoal tomou um susto: “mas que o Fórum é esse?” “Pra que serve?” “O que é?” aí eles disseram: “O Fórum é constituído dos representantes devocês ((Paulo Henrique, 2007 apud PNCSA)

Ou seja, quem deveria ter sido comunicado da existência de um fórum e do seu objetivo, não foi! A comunidade Beco dos Pretos não tinha ciência da existência desse fórum. Ao serem questionados, foi enviado um representante do fórum ao Beco para esclarecer seus objetivos, conforme relato do Senhor Raimundo Nonato:

O coordenador desse Fórum esteve aqui no Beco, ele disse o seguinte: “É muito difícil o trabalho do Fórum, é voluntário, a gente não ganha nada pra fazer isso, nosso trabalho é fiscalizar o PROSAMIM e levar as reivindicações da comunidade pro PROSAMIM.

São vinte e poucos membros nesse Fórum. A gente reúne o Fórum, reúne várias vezes o Fórum, a gente decide as coisas, leva lá pro PROSAMIM e nada ... não acontece nada.

Eles dizem pra gente uma coisa hoje, amanhã quando a gente volta pra comunidade é outra, já não é a mesma coisa.

E aí eu fico gastando o meu dinheiro com ônibus, fico faltando trabalho, ganho inimizade com o vizinho, porque o vizinho acha que eu estou trabalhando contra ele, passo por mentiroso... então eu esmoreci, eu realmente perdi o ânimo, porque eu sou maltratado, eu sou enganado e ainda peço na cara o que deveria pegar o governo (Raimundo Nonato, 2007 apud PNCSA).

No relato acima, alguns pontos se sobressaíram: primeiramente, os componentes de um fórum que seria o elo entre as comunidades e o governo, além de voluntários, não foram valorizados. O que se percebe é que ficaram desacreditados no próprio governo e diante das comunidades às quais assistiam.

Relatos que evidenciam a fragilidade da organização em um item que deveria ser o principal, que é a assistência às comunidades que seriam removidas, no sentido de escutarem suas reivindicações, como forma de buscar alternativas que mitigassem os impactos da remoção, já que diante da realidade do projeto, não seria possível impedir que isso acontecesse.

Como vimos amparados pelo olhar Dardeliano, ao ser realocado o homem que tem seu lugar, deixa suas raízes para desbravar em terras desconhecidas, para eles, começar a vida do zero, como se tivessem deixado uma vida e iniciado outra, o que de certa forma é real, pois muitas das famílias deslocadas tinham mais 40 anos como moradoras do Beco dos Pretos (DARLEL, 2011).

3.2.2 Prós e contras do PROSAMIM segundo a percepção dos moradores

Assim, dando continuidade sobre a percepção dos prós e contras da implantação do PROSAMIM, ao serem questionados de como os moradores se veem com a construção desse “novo lugar”, temos as seguintes exposições:

1- Saneamento

A gente sabe que os prós é que o PROSAMIM, trouxe saneamento básico. Que talvez seja uma das questões que a gente vê que foi de uma importância [...]

A gente sabe como as famílias viviam. Em condições muito difíceis. Principalmente, atingiam grande parte das famílias aqui das partes mais próximas ao igarapé. Principalmente a questão da saúde. E a gente sabe que a obra veio pra justamente tentar melhorar as condições.

2 - Indenização

Só que a gente sabe também que para ser feito isso, teria que acontecer o que aconteceu. Várias famílias, algumas foram indenizadas, outras simplesmente tiveram que aguardar a construção de casas populares em outro bairro, em outro local da cidade. Eu vi assim, pelo menos em relação a pessoas que pensavam ainda em permanecer por aqui.

3 – Ausência de escuta das famílias moradoras

Então eu acredito que não houve uma negociação e uma possibilidade pra essas pessoas que desejariam permanecer é que elas conseguissem. O que a gente vê é que foi desapropriada a área, indenizadas famílias e posteriormente veio a construção dos blocos e um processo que eu achei de certa forma errado a respeito das famílias que queriam permanecer.

Porque construíram os blocos e trouxeram outras famílias de outros locais que devem ter passado pela mesma situação que nós passamos aqui.

Que as famílias passaram! E aí, a gente se pergunta: porque que eu monto uma estratégia de alugar imóveis pra que essas famílias aguardem o final de uma construção de casas populares para que elas sejam atendidas com essas casas?

Porquê, não houve também a questão de verificar com as famílias do local pra que elas entrassem nesse planejamento, e após a construção dos blocos aqui as que realmente quisessem permanecer não fossem atendidas e distribuídas de acordo com os blocos que foram construídos?

Acho que é uma questão, que eu achei, na minha opinião negativa. A gente sabe que poderiam ser poucas, mas algumas famílias ainda iriam permanecer aqui.

E aí então, gerou-se toda uma polêmica. E infelizmente, não é da forma que as pessoas pensam.

Às vezes, pensam em negociar com o governo. Então, as vezes as coisas são assim de forma radical.

E tem que ser feito e doa a quem doer e pronto! Até hoje tem pessoas que visitam aqui e acho interessante né? Ela chega e diz assim: “olha Antonio, bem aqui era minha casa” aí eu disse: com certeza! “Bem aqui eu deixei as raízes”. Então, quer dizer... a gente ouve coisas assim.

Alguns relatos e algumas pessoas que até se emocionam mesmo, e lembram de vários episódios, vários momentos de convivência.

Então, aí que a gente fica pensando no tal do progresso... que as vezes veio para beneficiar, mas que não ligou pra esse processo, né? Antonio Carlos de Almeida Pires, 2014).

Do ponto de vista do morador, existem benefícios na construção do PROSAMIM, principalmente, o que está relacionado a questões como saneamento básico, porém, o que os moradores reivindicam, é a forma de como o projeto foi implementado, sem dar voz aos que foram deslocados, mesmo com a possibilidade de o PROSAMIM oferecer apartamentos para quem quisesse permanecer no lugar. Atenção que de fato não foi dada a esses moradores, como podemos observar em vários relatos pelo uso da metáfora “raízes”, encontrada em vários relatos, como se os moradores fossem as “árvores” que davam vida ao lugar e foram arrancadas, sem chance de defesa.

Esse processo das raízes de uma comunidade. *Muitos acham que essas coisas não tem valor nenhum, mas pra quem realmente faz parte, pra quem fez parte, com certeza no coração e na consciência, existe um valor que não tem algo assim que apague.*

Vai ficar com certeza na lembrança de todo mundo. Daqueles que tiveram que sair, dos que ficaram aqui, com certeza daqueles que já se foram (Antonio Carlos de Almeida Pires, 2014).

Enfatizamos a expressão “*raízes da comunidade*”, pois remete ao pertencimento desse morador em relação ao seu lugar no mundo. Em nenhum outro lugar, o morador se sentiria tão parte, como quando foi retirado deste que ele escolheu para ser seu lugar, e aí então, foram fincadas e permanecem “*as raízes da memória*”, como resistência de quem não teve escolha em sair (Dardel, 2011). Desse modo, ao se equiparar a “raízes” do Beco, a construção da identidade social dessa comunidade, se fortalece apresentando símbolos que marcam esses moradores, sentimento em relação a lugar, e esse sentimento faz com que esses moradores se identifiquem como a “*grande família*” que possui suas raízes arraigadas no Beco dos Pretos, formando a identidade da comunidade a qual permite que se reconheçam não somente pela localização espacial do lugar, mas pelo sentimento e experiências vividas ali e que permanecem na memória, localizando-os socialmente.

Seguimos com os relatos do que foi positivo e negativo sobre a implantação do PROSAMIM, neste lugar que era a comunidade. E na demonstração da importância de pesquisas dentro dessas comunidades para que se possa chegar a pontos em comum, entre quem está ameaçado por grandes projetos e para quem o está executando. Buscando assim, alternativas; principalmente para as territorialidades que vão sendo contidas nos conflitos (ALMEIDA, 2006), como é o caso do Beco dos Pretos.

A passagem do Prosamim eu acho o seguinte, ele é bom pra uns, e ruins pra outros né?

Porque com certeza se as pessoas que moravam lá dentro d’água que hoje mora na beira da pista com uma casa melhor né? o negócio “lá vem à enchente” sobe maromba, desce maromba, eu acho que essas pessoas foram beneficiadas tendeu?

Apesar de não ter querendo sair, mas acho que elas foram beneficiadas de alguma forma né? E hoje assim olha, quantas crianças não morreram aqui afogadas na época nossa né? por falta de segurança, por falta de até de conhecimento.

Mas hoje eu acho que muitas pessoas foram beneficiadas nesse sentido aí, de tá hoje ter uma moradia melhor, moradia mais digna. De primeiro porque elas tinham que sair quando tava cheio né? era uma loucura! era criança caia na água, era uma confusão medonha! hoje não! hoje graças a Deus melhorou! eu no meu ponto de vista melhorou, melhorou.

Eu acho que ruim aqui pra nós, aqui do Beco foi ruim, porque nos tinha

uma tradição já tinha todo né?

E aqueles moradores antigos tendeu? Que hoje vem aqui, rever e fala “porra, daqui oito anos atrás isso aqui tava né? daquele jeito.

Então, mas a gente tem que ver que é tipo assim, a evolução tá aí tendeu?

Hoje a gente vê, hoje tem programa de computador, amanhã já muda tudo, é windows 7, windows já tá no 8, vai pro nove né?

E eu acho que a mudança, eu acho assim, não é não é tão diferente né? tende alguma forma mudar pra melhor, eu acho que mudou ... é tipo assim, em termo de moradia não porque nos tinha uma convivência totalmente diferente não passava carro, tendeu?

Era só uma entrada e uma saída né Carlinho? nós fazia o que queria aqui no nosso beco né? Pelo contrário mas, muito animado não tinha muita briga, a gente não via briga como hoje não tem briga, mas mudou muito, os amigos, aqueles amigos que hoje ninguém vê. Antigamente nós tava todo dia com eles, uns já se foram também, mas nessa forma de melhoria pra alguns melhorou, que eu creio que quem morava lá dentro da agua mesmo, hoje mora numa casinha bacana tem um ar-condicionado, vive melhor, dorme melhor sem preocupação, acho que por isso foi bom.

*Nós talvez não sentisse muito porque nós morava do lado oposto né, mas será que o lado que tava prejudicado? nós tamo assim, eu tô falando isso porque geralmente a gente mora do lado né, no caso assim menos mal que no caso no caso que eles moravam mal, esse que moravam mal com certeza eles estão, com certeza, pra mim não tinha reclamação que eu já morava em cima nunca chegou lá né? **mas pra essas pessoas que chegou com certeza na época de cheia eles passavam maus momentos.** Cheguei a ver minha comadre ali correr de... “tá enchendo lá! Vem me ajudar!*

Minha comadre é a Edileusa, mora até na casa do Darlan, depois da Jaque ali. Quando alagava, coitada... era... aí eu acho que hoje ela tá bem que ela mora ali na pista, tem o comercio dela, hoje ela tá grávida, se você ver a casa dela é um... tendeu? Coisa que ela não podia fazer aqui ela fez lá, e hoje ela se sente muito bem então, teve o lado bom. (Antônio de Pádua, 2014).

No relato do senhor Antonio Pádua (2014), ele diz que viver do “lado oposto, o lado melhor”, era a parte do Beco dos Pretos que permaneceu no lugar, e o outro ficava do lado oposto às casas que faziam limite com as moradias que inundavam com a cheia dos igarapés. Fica claro, que os moradores têm consciência do que melhorou, mas às reivindicações, surgiram

pela falta de oportunidade de terem opção em escolher morar nos prédios que foram construídos lá. A expressão “tradição”, também é uma palavra recorrente nos depoimentos, “tradição” e “cultura”, são as expressões usadas para os moradores se referirem aos seus costumes e suas festas, rituais que fazem parte do contexto que caracteriza o Beco dos Pretos, construindo a identidade dos moradores desse lugar, o que o difere dos demais. Seguindo os relatos, a senhora Gilcimara Sampaio, afirma:

Por uma parte assim, eu achei bom, sabe? Por que muita gente aqui sofria muito, negócio de alagamento andando naquelas ponte velha as pessoas caindo, criança morrendo afogada, por uma parte assim eu achei bom né?

Foi ótimo pra eles porque eles tiveram uma chance de ter um ambiente melhor né? uma casa melhor pra morar, dar uma vida melhor pros filhos, que muita gente também morava alugado aqui dentro desse chavascal que tinha aqui, se bem que era muito feio também né? lixo, as coisas que aconteciam também aqui nessa descida da Ponte da Catuaba, era muito assim, sei lá, muito perigoso e feio também.

Mas assim, o Prosamim passou, diz que tirou as pessoas sentido porque assim, eles deveriam ter tirado as pessoas que tinham aqui, não que eu seja contra as outras pessoas que vieram né, porque já vieram pessoas legais pra cá, mas por outra parte assim, eles deveriam ter tirado aquelas pessoas que moravam aqui né, tivessem feito e tivessem dado pra mesmas pessoas que moravam né? não tivesse tirado o nosso pessoal que já tinha aqui, que já tava habituado a tá no seu ambiente né? aí já teve gente que já foi pra mais longe.

Hoje em dia a gente não tem mais contato com nossos vizinhos que eram tão bacanas aqui né? mas por outro lado a gente procura fazer amizade, a gente tem amizade não são com todos né, mas a gente já procurou fazer amizade eles também, tem vizinho aqui que é super bacana com a gente, graças a Deus e não tem do que se queixar não!

No depoimento da senhora Gilcimara, é possível certificar que os moradores têm consciência do que foi positivo com a chegada do PROSAMIM, tanto que o senhor Antonio Pádua, também, relatou acerca da possibilidade de ter uma casa que não alagasse, e também a triste realidade de perdas de crianças que se afogavam ao cair das pontes de madeira em épocas de enchentes.

De acordo com o Plano de sustentabilidade Socioambiental - PSSA, em seu anexo de Critérios Sociais de Elegibilidade e Avaliação de Projetos, foi definido alguns aspectos pertinentes para a aprovação do PROSAMIM, como: “Assegurar a participação das

comunidades afetadas na fase de preparação, execução e monitoramento e avaliação do programa” (PSSA. p.1). Realidade que por meio dos relatos podemos afirmar que pelo menos na fase Jefferson Péres do PROSAMIM, isso ocorreu, porém de maneira incipiente, talvez por ser um dos critérios de avaliação do BID para aprovação do projeto, tenha sido feito, como uma maneira de mostrar que havia atendido às exigências, mas não da forma que se esperava pelas comunidades e pessoas deslocadas, conforme o senhor Luiz Gonçalves, em seu relato nos disse:

*Para mim é péssimo, não tenho uma passagem de Prosamim como boa, porque **Prosamim pra mim destruiu uma família que vivia muito tempo junto**, pra mim não tenho uma, uma coisa boa de Prosamim, lógico que Prosamim trouxe uma... como se diz assim, uma urbanização, mas em termo de moradia foi ruim, porque tiraram nossos vizinhos que nasceram e se criaram no morro com muitos anos. Quem tinha história, hoje em dia não tem história pra contar no morro, nasceu e se criou no Beco dos Pretos no Morro da Liberdade, tiveram que ir embora pra dar espaço pra outras pessoas de outro lugar vir morar, isso pra mim não é bom! (Luiz, Gonçalves, 2014).*

No relato do senhor Luiz Gonçalves, mais uma vez, sobressai amizade com os vizinhos, os laços de afeição a partir da sua vivência e interação com a comunidade Beco dos Pretos, laços que os fazem reconhecerem ser de “uma grande família”, além da consciência que nem tudo é negativo na implantação do PROSAMIM, pois, ele inicia o relato, resistente às mudanças, mas logo explicita a “urbanização” como um fator positivo. Complementando esta visão, seguimos com o relato da senhora Marina Silva, 2014:

Olha eu... Achei legal sabe? achei bom, porque trouxe benefícios pra gente né? pelo menos por uma parte né, logo de início, nós ficamos muito tristes porque tiraram nossos vizinhos, né? de muitos anos deixou muita saudade, foi muito chororô quando eles saíram. E a gente sente muita saudade ainda, na visita quando se encontra chora abraçados.

Mas por outra parte eles trouxeram benefícios né? que ficou uma coisa mais asseada ao nosso vê pelo menos acabou com aquela poluição horrorosa né (era muito sei lá não sei muito feia) aí isso já foi um benefício pra gente né? ficou uma ponte aí bonita, aí pra gente uma praça aí no alto pra gente sair pra li, as ruas ficaram mais ornamentadas, né? Achei que foi bom.

Sobre o Prosamim eu achei que ele fez muito benefícios pra gente aqui do nosso lado, espero que eles não queiram nos tirar, né? Eu vou ficar muito triste se eu sair daqui, vou ficar muito triste (Marina Silva, 2014).

Para Dona Marina, houve benefícios, mas também trouxe perdas com o deslocamento dos vizinhos, e esse sentimento reflete a ruptura da história dos moradores com o lugar. Quando eles sentem saudades, visitam o lugar e choram com as lembranças, é a resistência que está na memória e insiste em permanecer, mesmo longe dali.

Para Junior e Nogueira (2000, p. 205), “o PROSAMIM, contudo, não tem ouvido as pessoas no que diz respeito a sua história ou experiência com o lugar. Talvez se as melhorias fossem feitas sem que fosse preciso retirar as famílias de seus lugares [...]”, assim, continuam:

[...] bem-estar aparece para aqueles que efetivam o planejamento urbano como uma imagem bonita, o que na prática tem sido uma das metas do PROSAMIM. Conseqüentemente, são gerados conflitos de identidade quando pessoas removidas são reassentadas num lugar onde não conhecem ninguém. Chega-se então ao velho paradigma identidade x alteridade, ocasionando as territorialidades (HAESBAERT, 1999), isto é, os conflitos de identidade [...]. Isto faz parte de uma cidade real que se contrapõe à cidade ideal prevista pelo Plano Diretor Ambiental e Urbano do Município de Manaus que, instituído em 2002, prevê a remoção das pessoas em grupo para um mesmo lugar, para que os laços intersubjetivos de outrora sejam mantidos. Caso contrário, podem ser ocasionados os “choques” de identidades. Os removidos dos igarapés, em grande maioria, estão optando pelo bônus no valor de R\$ 21.000, uma das formas de “indenização” pelo PROSAMIM. Contudo, o dinheiro é insuficiente para que essas pessoas consigam comprar uma casa lá mesmo na área central, pois as casas postas em venda ultrapassam em mais de 10 vezes o valor do bônus. Os únicos lugares nos quais as casas têm valores compatíveis com o do bônus são os bairros mais distantes do Centro [...] Remover pessoas para distante do Centro é outra característica em comum entre o Governo de Eduardo Braga e o de Eduardo Ribeiro que no século XIX implementou projetos urbanísticos removendo os “excluídos” para áreas bem distantes do Centro (JUNIOR E NOGUEIRA, 2000, p. 205).

No contexto descrito pelos autores, Junior e Nogueira (2000, p. 205-206), se faz uma crítica aos projetos urbanísticos que começaram no governo de Eduardo Ribeiro e chegaram a Eduardo Braga, embora representem momentos históricos diferentes, os discursos em que são pautados continuam atuais, pois ressaltam o embelezamento e a moradia digna às comunidades deslocadas.

3.2.3 Novas distâncias, velhos problemas

Algumas famílias deslocadas do Beco dos Pretos receberam como indenização o valor de 21.000,00 reais, para a compra de casas, porém, o valor recebido não foi suficiente para que eles continuassem morando na área central, onde os valores eram elevados ou mesmo no próprio bairro. No bairro Morro da Liberdade, de acordo com a pesquisa de campo realizada no ano de 2020, as casas que estavam à venda no bairro, nas ruas São Pedro, Rua 24 de Agosto, Rua Farias de Souza, variavam em valor de 170.000,00 reais a 400.000,00 reais.

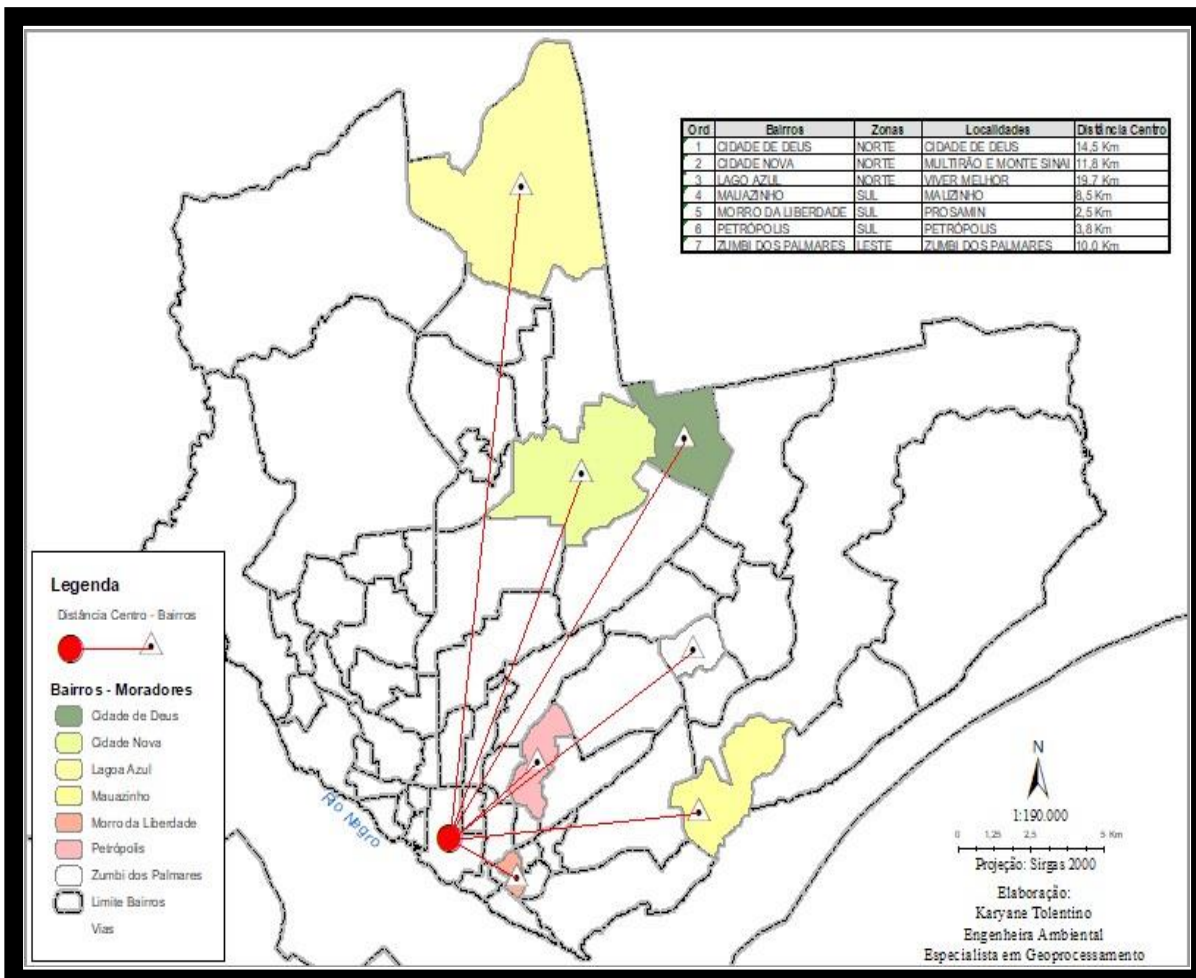
Podemos verificar nos relatos que os mesmos reconhecem as melhorias urbanas, mas sentem pelo deslocamento e pelo o que entendem terem perdido, abaixo podemos verificar os bairros para os quais foram deslocados e distância entre o centro antigo da cidade e os bairros para onde os moradores foram levados pelo poder aquisitivo dos 21.000,00 reais (bônus pelo deslocamento), ressaltando o fato de que muitos não tiveram oportunidade de escolherem para onde iriam, pois o PROSAMIM comprava a casa e avisava a família de que esta seria removida, indicando o novo endereço e informando prazos para a remoção (SIC).

Tabela 15. Distâncias dos Bairros (deslocamentos) e Centro Antigo de Manaus

Bairros	Zonas	Localidades	Distâncias
Cidade de Deus	Norte	Cidade de Deus	14.5 km
Cidade Nova	Norte	Multirão e Monte Sinai	11.8 km
Lagoa Azul	Norte	Viver Melhor	19.7 km
Mauazinho	Sul	Mauazinho	8.5 km
Morro da Liberdade	Sul	PROSAMIM	2.5 km
Petrópolis	Sul	Petrópolis	3.8 km
Zumbi dos Palmares	Leste	Zumbi dos Palmares	10 km

Fonte: Tolentino; Souza, 2021.

Mapa 10. Localização das moradias compradas pelo PROSAMIM e as distâncias entre os bairros e o centro antigo do município de Manaus.



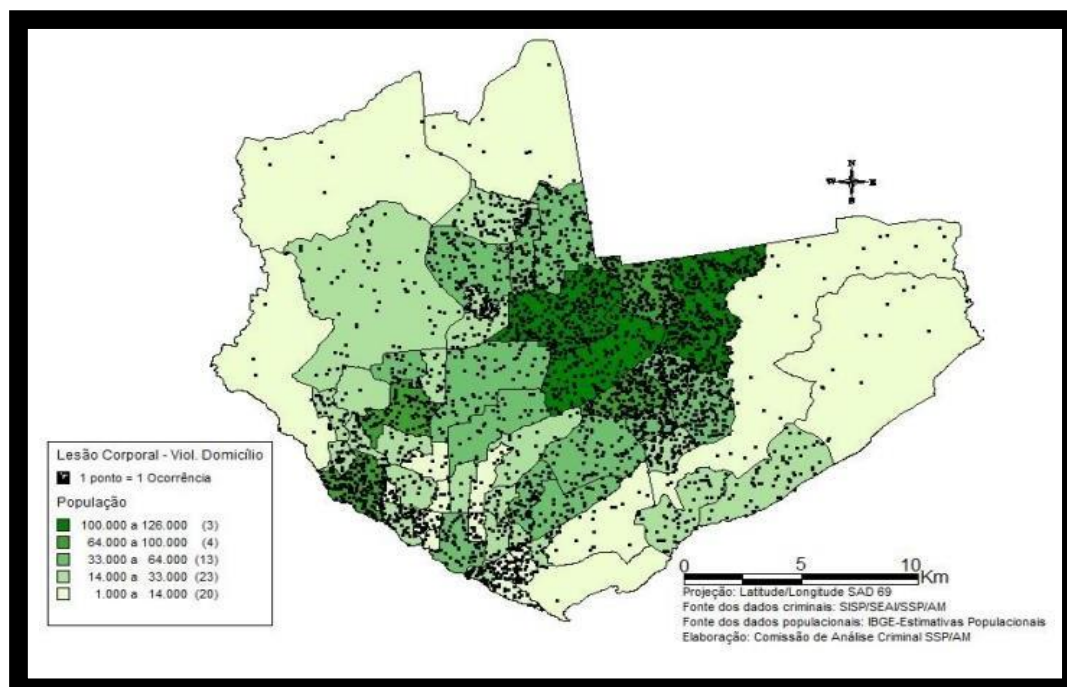
Fonte: IBGE, 2021; Organizado por: Karyane Tolentino

Assim precisamos de parâmetros avaliativos para pautar a análise das distâncias, então, utilizamos o documento do Banco Mundial, chamado *Cities on the Move: A World Bank Urban Transport Strategy Review* (2002), pois de o início da década de 1970, o Banco Mundial, vem trabalhando projetos urbanos nos países de periferia capitalista, com o objetivo de criar ambiente favorável aos negócios nas cidades. De acordo com o BIRD (2002, p.31), “*a pobreza é um conceito multidimensional que envolve a falta de meios sociais, culturais e econômicos necessários para obter níveis mínimos de nutrição, para participar no cotidiano da sociedade e para assegurar a reprodução econômica e social*”, afirmando que:

[...] a pobreza é entendida como “exclusão”, a acessibilidade é importante não só pelo seu papel como facilitadora do emprego gerador de renda regular e estável, como também por ser parte do capital social que mantém as relações sociais formadoras das redes de proteção dos menos favorecidos em inúmeras sociedades [...] Os pobres também sofrem de maneira desproporcional com a degradação do meio ambiente e da segurança pessoal e do transporte, pois são mais vulneráveis pela sua localização na cidade e por vocação, e menos capazes de suportar os custos das ações preventivas ou corretivas” (BIRD, 2002, p.31)

Ou seja, ao serem levados para as margens da cidade, os que eram “pobres de localização”, também ficam vulneráveis a outros tipos de pobreza, como a violência por exemplo. Se considerarmos os Diagnóstico da criminalidade (2012) da Polícia Militar do Estado Amazonas, veremos que a distribuição das ocorrências de lesão corporal (violência doméstica) segundo os dados é bem maior nos bairros mais afastados do centro da cidade (considerando o centro antigo de Manaus).

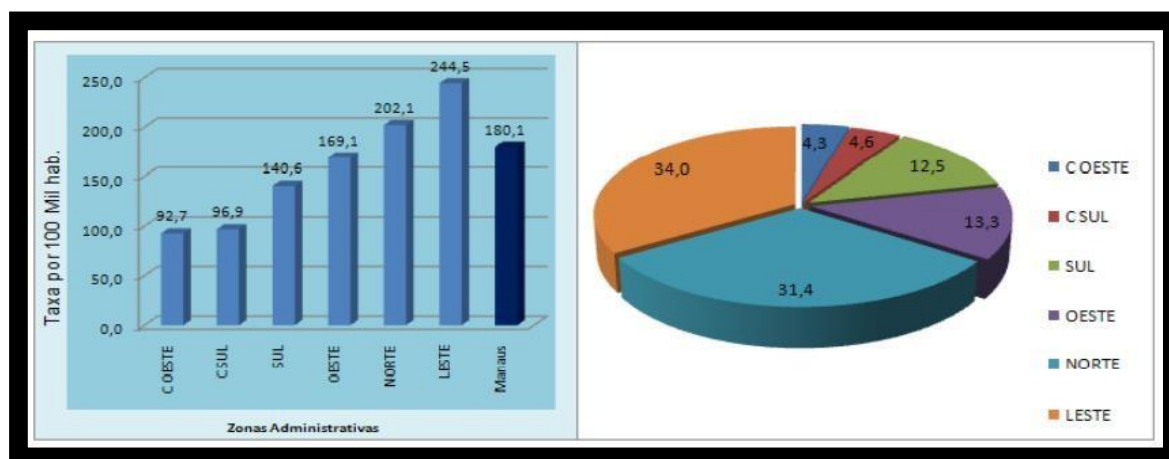
Mapa 11. Distribuição das ocorrências de lesão corporal violência doméstica, segundo os bairros, conforme densidade populacional – Manaus– 2012



Fonte: Secretaria de Estado de Segurança Pública, 2013.

O mapa 11, quando demonstrado em gráficos, podemos perceber a posição da Zona Sul em índices de violência doméstica.

Gráfico 4. Distribuição das ocorrências de lesão corporal violência doméstica, segundo os bairros, conforme densidade populacional – Manaus – 2012



Fonte: Secretaria de Estado de Segurança Pública, 2013.

*Quanto à distribuição espacial da violência doméstica, em 2012, tem-se as Zonas Leste e Norte com maiores incidências (34% e 31,4%, respectivamente). A Zona Oeste, com 13,3% dessas ocorrências, também teve um peso significativo no total de Manaus [...] o bairro da Compensa [...] foi responsável por mais de 1/3 das violências domésticas [...] Do total de lesões domésticas ocorridas na Zona Sul de Manaus 37% foi registrado nos bairros de Petrópolis (14,3%), Centro (12,6%) e Educandos (10,0%). O restante foi pulverizado entre os 15 bairros restantes dessa zona. O risco de lesões domésticas nessa área foi maior no bairro do Distrito Industrial I, porém a taxa calculada para esse bairro exige um olhar cauteloso devido ao pequeno total populacional. Assim, o bairro de Colônia Oliveira Machado se destaca com uma taxa de 305,2 lesões domésticas/100.000 habitantes. Além desse bairro, Educandos (254,67 lesões domésticas/100.000 habitantes), **Morro da Liberdade (201,8 lesões domésticas/100.000 habitantes)** e São Lázaro (201,4 lesões domésticas/100.000 habitantes) apresentaram taxas acima daquelas observadas para Manaus. Os bairros de São Francisco, Nossa Senhora Aparecida e Japiim apresentaram taxas abaixo de 100 lesões domésticas/100.000 habitantes (PM,2012).*

Além destes, outros tipos de violência se apresentam no diagnóstico da criminalidade 2012 e o bairro Morro da Liberdade sustenta sua colocação entre os 5 (cinco) menos violentos da capital. Nesse sentido, tanto os índices de violência como o fato de comprarem terrenos nas áreas mais afastadas do centro da cidade, reforçam que:

[...] nos países em desenvolvimento as diferenças entre preços de terrenos geralmente refletem variações na acessibilidade ao centro da cidade ou outros polos de empregos. O transporte de boa qualidade, ao contribuir para a acessibilidade, tende a elevar os preços dos aluguéis e a empurrar para a periferia os moradores menos favorecidos, a não ser que estes se tornem moradores de rua ou vivam em favelas que são quase sempre de precária habitabilidade e inacessíveis ao transporte motorizado (BID, 2002, p.33).

Ou seja, a implementação do PROSAMIM, tem em seu objetivo a melhoria da qualidade de vida da população afetada. Mas que qualidade de vida que se fala? Os moradores deslocados, deixaram um lugar de vulnerabilidade próximo ao centro antigo do município, e foram deslocados para outras zonas do perímetro urbano, que possuem vulnerabilidades, tanto quanto o lugar de origem, ou até mais.

Nesse cenário, além de perderem suas “raízes”, se tornam além de “pobres de renda”, “pobres de acessibilidade”, “pobres de tempo”, “pobres de segurança”, e de “pobreza energética” (BIRD, 2002, p.34), pois de acordo com o Banco Mundial, ao sistema de transporte também é um os itens de “exclusão” social nas cidades, ou seja, além de terem sido deslocados em nome da urbanização dos lugares e “embelezamento” da cidade, ainda se tornam mais pobres, ante os obstáculos da própria dinâmica da cidade e como ela vai sendo moldada por períodos econômicos. Em relação à forma de organização e urbanização do lugar, não há o que ser questionado, mas o lado social ainda é, sim, um ponto a ser debatido junto a quem executa grandes projetos como é o PROSAMIM. Nos mapas abaixo verificaremos a remoção do lugar Beco dos Pretos em uma sequência cronológica, e como é o lugar atualmente, observando os melhoramentos urbanos pelas construções realizadas no local.

No mapa 12, podemos observar a área de abrangência do Beco dos Pretos, demarcado pela linha vermelha, a ruela que dava acesso ao beco, iniciava na rua São Benedito e terminava na rua 24 de agosto. O lado esquerdo da ruela, abrigava casas que durante o período de cheia alagavam, ou tinham seus terrenos inundados.

No mapa 13, podemos observar a remoção das moradias mais próximas às margens do Igarapé do Quarenta no ano de 2006 quando efetivamente iniciaram as remoções. No ano de 2007, se inicia a remoção de parte do Beco dos Pretos, conforme podemos perceber no mapa 14. E por fim, no ano de 2011 é inaugurado o PROSAMIM Etapa Jefferson Péres, que tem seu estacionamento no lugar onde ficava as casas que formavam o antigo Beco.

Observamos que no relato dos próprios moradores, ganhou-se no urbano, mas na percepção de quem viveu o lugar perderam-se “raízes”, as quais serão abordadas no próximo tópico, onde trataremos das perdas que não foram pagas com 21.000,00 reais de bônus do programa na compra de casas para o deslocamento.

Mapa 14. Beco dos Pretos - 2007



Fonte: Google Earth, 2021. **Organizado por:** Karyane Tolentino; Lupuna Corrêa de Souza.

nossobeco era muito bom, porque eu não sei se a necessidade é tão grande assim de tirar o Beco daqui. Porque é o seguinte, aqui nós não dependemos de nada, todas as festas que nós queremos fazer, nós fazemos cooperação, aniversário, nós somos uma família. Você diz: “hoje é meu aniversário e eu só tenho uma grade pra dá”, no caso, “eu não tenho bolo”, a gente faz o bolo, coopera todo mundo, então nós temos uma comunidade de irmãos, não é de vizinho, não se fala aqui em vizinho, se fala em irmão e em amigos.

Eu, pelo meu gosto, não se mexia no Beco São Benedito...então vamos dar uma batalhada pra ver se a gente fica por aqui. Esses caras que vem por aqui hoje, tudo nasceram aqui, então são raízes que a gente quer cultivar, não perder o ambiente, não perder o entrosamento, uma amizade que é sincera. Eu queria se fosse possível que não mexesse com nosso Beco (Francisco das Chagas Queiroz, 2007, PNCSA).

Ou seja, a reivindicação pela permanência, como em todos os relatos até aqui apresentados, demonstram que a defesa era pela “família”, aqui entendida como a comunidade Beco dos Pretos, pelos laços de amizade, e pelas “raízes” desse lugar, que hoje é um lugar na memória e de memórias. De acordo com o coordenador do PNCSA, retomando ao que já foi exposto “não houve sucesso nem para a sensibilização do poder público, no sentido de dar voz técnica para o Beco no processo de remoção, como também não se avançou em questões relativas ao reconhecimento” (ALMEIDA, 2020).

Complementando, o senhor Antonio Carlos de Almeida Pires, coloca a falta de conhecimento pelos direitos de reivindicação, como um dos pontos negativos da época do (PNCS, 2007), pois, “a força necessária para que nós fôssemos ouvidos realmente, nós não conseguimos, mesmo com o fascículo que registrou nossas reivindicações, se fosse hoje, quem sabe não seria diferente” (Antonio Carlos de Almeida Pires, 2020). O “ser diferente”, exposto, é o fato de na atualidade, termos mais pesquisa sobre o lugar, de se ter discussões mais eficazes sobre os territórios pretos e sobre os pretos na sociedade, de termos meios digitais de divulgação com maior alcance. Talvez, se fosse hoje, o tipo de reivindicação seria diferente. Nessa perspectiva, a senhora Gilcimar Sampaio, acrescentou:

Eu sinto pelas nossas festas, das festas aqui já é tradição da gente né? Como tu sabe as nossas festas aqui surgiram assim, como eu tô te falando, principalmente dona Lídia que já era moradora assim, mais dos antigos veteranos mesmo. A dona Lídia que tinha uma casa que ela dava festa né, de música ao vivo que era forró essas coisas ela tinha, aí tinha o outro senhor, seu menino aqui, o seu Catita seu antigo seu Catita que eu não sei se vocês já ouviram falar dele, que ele tinha uma banda de música que ele tocava muito era esses negócios de... como era o nome? Carimbó, aí a festa do mingau a dona Lídia também começou com esse negócio de mingau, mingau, aí ficou,

a festa os meninos começaram aí na nossa tradição é a festa do mingau, o dia dos pais, dia das mães, o dia das crianças que a gente fazia né?

Aí, devido isso também de ter saído as pessoas que a gente já tinha aqueles mais antigos que formaram a associação que eram os nossos antigos moradores, que a gente fazia né? que agora até que parou mais um pouco, porque a gente já não tem aquela ajuda das pessoas, que os antigos que tinha aqui a gente se esforçava cada um fazia sua parte, cada um fazia uma coisa a gente conseguia ainda fazer né, agora não, agora tá mais difícil a gente tem que se batalhar se a gente quiser fazer é botar a cara, dar a cara a tapa e fazer mesmo (Gilcimara Sampaio, 2014)

Para a comunidade as festas são consideradas “tradição”, pois tanto para a comunidade Beco dos Pretos, como para pessoas que escutam falar da comunidade, as festas são exaltadas, marcadas como ponto de união comunitária, e ajuda em situação de necessidade, fatos que marcaram os relatos de quem se dispôs a falar.

*Marcante que eu vivi, é a brincadeira né? Quando tinha o Antônio ali, naquele tempo, que o Prosamim não tinha tirado, que aí o Antônio botava som a gente dançava e bebia que só, aí era quando acabava daqui nós ia lá pra cima pros barzinho lá em cima, Antônio a namorada dele aquela patota, Maria José, nós ia embora pra lá, era isso, o beco era muito divertido, agora acabou, a gente de noite olha aí no beco não tem ninguém maninha, silêncio, silêncio... o Prosamim tirou o pessoal pronto, ficou morto, morto, até aí, até aí pro Luiz ficou morto dava tanta da gente no Luiz, quando tinha festa você só via gente, era aí na frente um bocado de gente, agora... **Tem festa aí dia de domingo, você não vê é ninguém, acabou-se mesmo** (Ivanete, 2014).*

Conforme a Senhora Ivanete relata, atualmente as festas acabaram quase que em toda totalidade, marcando um presente de perdas, pois somente as festas mais “importantes” do calendário anual, resistem ao tempo, são a do Dia Primeiro de Janeiro (Solteiros x Casados), e a Festa do Mingau, essas duas ainda acontecem anualmente com festa no lugar e com público externo, pois geralmente tem bandas contratadas por aqueles que resistem às circunstâncias.

O Prosamim levou muita gente que não queria sair daqui, na realidade muita gente queria sair né, porque vivia numa situação não muito legal, mas muita gente não queria sair. O Prosamim fez muita gente adoecer que não queria sair daqui, principalmente a minha tia, que adoeceu porque ela não queria ir embora, as filhas dela na realidade queriam ir, mas ela não queria ir.

É, ela falava sempre que ela não queria sair daqui, mas como teve que sair.

Até um tempo atrás eu queria sair, mas de um tempo pra cá eu vim pensando que aqui é bom, os vizinho são bom é tudo perto, se eu fosse comprar uma casa na Zona Leste eu ia ficar mais distante, mais distante, eu não sei se eu agora eu queria sair daqui não, acho que não. Tenho, o Reino Unido. Não posso me afastar do Reino Unido.

Mana, não posso deixar o pagode a minha preocupação só é isso, de eu ir pra Zona Leste, não tenho carro vou ter que pegar dois ônibus pra vim (Rosenilda, 2014)

Neste relato, consideramos fazer uma ressalva, pois foi a única moradora que expressou a intenção de que “muita gente queria sair”, contrapondo a maioria dos entrevistados que disseram que gostariam de ter a oportunidade de ter escolhido voltar, mesmo como moradores dos apartamentos construídos.

Além dessa forte relação com as festas do lugar, seus moradores possuem relação com a Escola de Samba Reino Unido da Liberdade, onde tradicionalmente tem pagode e ensaio da bateria da escola, abertos à comunidade e visitantes. Com a mudança da antiga quadra da escola para sua nova localização, ficou ainda mais próxima ao Beco, preocupação demonstrada no relato da senhora Rosenilda, é em ir para longe e depender de ônibus para vir para o pagode.

Além das festas na escola de samba, existe o projeto social Reino do Amanhã que atende às crianças carentes da comunidade, com cursos voltados aos instrumentos musicais e dança, dos quais algumas crianças do Beco dos Pretos fazem parte. O mapa 16 ilustra de localização da antiga escola de samba e a nova quadra da escola.

Os relatos mostram que as perdas intangíveis, são muito mais valiosas do que as perdas tangíveis, embora não seja um museu, o lugar Beco dos Pretos guarda histórias, guarda memórias, experiências que mostram que a proteção da diversidade cultural pode ser considerada um desafio no século XXI, considerando as dinâmicas de tempo-espaço das cidades.

- c) *E a esperança como é aquela que é a última que morre, a gente vem se mantendo. Pra mim são os momentos importantes da comunidade justamente quando a gente estava se reunindo e fazendo valer aí que verdadeiramente a gente pode dizer que é viver em comunidade. Hoje não temos essa tradição aí, essa partilha tanto quanto era naquela época. Infelizmente. Agora assim, a chama continua acesa, ela está bem baixinha, mas ela está acesa infelizmente as pessoas se deixaram se levar por toda essa situação. (Antonio Carlos de Almeida Pires, 2014)*

No relato do Senhor Antonio percebe-se o descontentamento, com aquilo que a comunidade não tinha, em termos de assistências básicas do Estado, as festas e confraternizações, era uma fuga do cotidiano. A ajuda mútua, vinha no sentido de sanar aquilo que julgavam ser obrigação do Estado. E essa união da comunidade, deu certo! Pois, no relato o senhor Antonio: "conseguiu transformar todo o lugar", aqui se referindo a atuação da Associação do Beco dos Pretos. Além, de expressar, o quanto o PROSAMIM, desestruturou o que já tinham avançado enquanto comunidade pela colocação: "Hoje não temos essa tradição aí, essa partilha tanto quanto era naquela época. Infelizmente" (Antonio Carlos de Almeida Pires, 2014), pois com a remoção de parte dos moradores, houve impacto sobre a participação da comunidade no que denominaram "tradição", como as festas nas datas comemorativas onde se reuniam, tanto para organizarem quanto para compartilharem alimentos e bebidas.

Nessa perspectiva, tem sido um desafio analisar a história do Beco dos Pretos, primeiro pela complexidade de redes de relações e de maneiras de apropriação do espaço urbano, além da busca de conhecimento teórico que nos deem suporte para entender os lugares pelo olhar mais humano, buscando as formas subjetivas dos lugares que dão vida à cidade, entender que ela está para além da paisagem, das formas e das estruturas palpáveis, a cidade aqui, tem sentimento, afeto, amizade, raízes, formas subjetivas de relações, que por serem subjetivas, também são complexas. Trazer para uma pesquisa científica um lugar como o Beco dos Pretos é dar protagonismos a quem torna a cidade, lugar, e lugar com alma, com corpo, com sentimento. O Beco dos Pretos, é um desses muitos lugares que estão no urbano e para o qual, pouca ou nenhuma importância é dada diante de grandes projetos urbanísticos como vimos com a implantação do PROSAMIM.

A partir do PNCSA ano de 2007, este que aparentemente seria um lugar "invisível" à cidade, toma relevância às discussões sociais da cidade. Assim, foi possível construir a história do Beco dos Pretos, contada pelos seus moradores, de maneira a torná-los "representantes" de tantas outras comunidades que "desapareceram" com a implementação de projetos urbanísticos

e para as quais não foi possível ter “voz” diante das políticas urbanas empregadas pelo Governo do Estado do Amazonas. Com isso, avançamos com resultados encontrados no PNCSA no ano de 2007, descritos no último tópico.

Dessa forma, foi apresentado neste capítulo, a realidade do Beco dos Pretos da atualidade, e de como os moradores se percebem diante das mudanças realizadas pela implantação do PROSAMIM. Mudanças físicas as quais impactam as relações sociais existentes. As “raízes” que se perderam, as “tradições” que já não possuem a mesma força de organização de antes, e moradores que possuem em suas memórias elos que os identificam como parte dessa “grande família” que resiste ao tempo, em suas memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa intitulada “A visão de quem fica e de quem vai: Beco dos Pretos – um lugar na memória” se dispôs a construir a história do Beco dos Pretos sob a ótica do morador do lugar. Considerando o deslocamento compulsório de mais de 50% dos moradores do Beco dos Pretos ocorreu no ano de 2007, devido à implementação do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM. Dessa forma, utilizando o conceito de comunidade descrito por Gusfield (1975), podemos inferir o Beco dos Pretos como uma comunidade, formada a partir de interações sociais que de maneira subjetiva dá sentido a relação das pessoas com o lugar. Estabelecendo um consenso de que ali se tem uma “grande família”, e esta família tem “raízes” no lugar, e a remoção de parte da comunidade afetou quem saiu e quem ficou, no sentido de “perderem as raízes”.

As expressões “raízes” e “perderem raízes”, nos ajudaram a compreender as características da identidade da comunidade, identificando as mudanças que ocorreram no Beco dos Pretos e como afetaram as experiências cotidianas, e a relação das pessoas com seu lugar. Existe um entendimento de que a implementação do PROSAMIM, trouxe melhorias na qualidade de vida dos moradores que permaneceram no Beco, mas existe também um lugar na memória dos moradores, que não se compara ao atual, no sentido de estranhamento com a forma do que consideravam “tradição”, como as festas vêm sendo realizadas, e a escassez cada vez mais forte da presença de seus antigos comunitários, tanto na organização destas como participação nos dias de festejo.

Sendo assim, esta pesquisa apresentou a evolução do Beco dos Pretos, desde a chegada dos seus primeiros moradores nos anos de 1950, e a partir dos relatos foi possível traçar uma sequência lógica, situando cada momento histórico desse lugar de convívio social com seus aspectos da vida cotidiana. No primeiro capítulo, o leitor foi apresentado ao Beco dos Pretos dentro do contexto urbano do município de Manaus. No segundo capítulo, apresentou-se as pessoas do Beco dos Pretos com o histórico das famílias, com o objetivo de entender o motivo pelo qual os mesmos foram morar neste lugar, apresentando também as festas do lugar e o papel destas pela percepção da comunidade.

No terceiro e último capítulo, após a contextualização acerca do ambiente da comunidade Beco dos Pretos e dos elementos históricos que lá se encontram, especialmente

àqueles associados aos habitantes, foi apresentada uma análise acerca da influência da implantação do PROSAMIM para a comunidade, explicando seus efeitos positivos e negativos, e enfatizando o aspecto social sob a visão do pesquisador, amparado pelo lugar social de fala dos habitantes dela.

Dessa forma, percebemos uma forte relação e afetividade dos moradores entre si e como lugar Beco dos Pretos, compreendida como um lugar social que vive um processo de transformação com as experiências do homem no lugar, transformado pela chegada do PROSAMIM. Ao mesmo tempo em que a comunidade percebe o enfraquecimento ou ausência de engajamento nas “tradições” locais, este lugar se afirma como lugar resistência que está implícita na vivência cotidiana do morador que mesmo percebendo as dificuldades em manter o que se tinha de “tradição” no passado, não desistem, buscando manter aquilo que está ao alcance, e principalmente, conservando a memória daquilo que um dia foi o Beco dos Pretos. E foram essas memórias que nos ajudaram a responder as perguntas norteadoras desta pesquisa. Sigamos com as repostas.

O lugar do Beco dos Pretos ainda existe? Os resultados da pesquisa mostraram que ainda que uma parte da comunidade tenha sido deslocada para vários bairros do município de Manaus, o Beco dos Pretos existe, pois está simbolicamente construído na resistência à remoção que persiste na memória dos que permaneceram, e dos que por imposição do projeto PROSAMIM tiveram que sair. Seus moradores se referem às festas como: “nossas festas”; ao Beco como “nosso Beco”, aos moradores como “família”, o ato de se reunir para seus ritos como “tradição”. O que nos possibilitou identificar a partir das análises dos relatos, itens como:

a) origens e ofícios dos moradores. Em sua maioria, trabalhadores rurais que migraram do rural para o urbano; b) deslocamentos e fixação – maioria vinda do interior do estado. Alguns moraram nas redondezas de onde localiza-se o Beco dos Pretos, mas sem poder aquisitivo para aquisição da casa própria em outros bairros da cidade, vieram morar no Beco dos Pretos e c) outras características comunitárias como o pertencimento ao lugar, e o reconhecimento como “família”, entendida por eles como comunidade, da qual se orgulham em pertencerem. Marcadas pela tradição e cultura, entendidas pelos moradores como seus costumes e festas do calendário anual, fato que permitiu inferir a relação de pertencimento com o lugar, e a resistência existente na memória de quem viveu o Beco dos Pretos.

Assim, com a implementação do PROSAMIM, houve uma desestruturação dessa que é

percebida pelos seus moradores como “uma grande família”, atingindo seus costumes e seus ritos que estão a cada ano menos frequentado, mesmo assim, alguns ritos ainda são festejados, ação que também nos mostra a resistência ao tempo e as adversidades vividas pela comunidade. Assim, assinalando este, como um lugar de resistência e de memória.

Na perspectiva do lugar, entendido sob o aporte teórico de Dardel (2011) ao analisar o processo de deslocamento das pessoas e a nova configuração da paisagem urbana, podemos afirmar que “a realidade mais próxima mais concreta da Terra, só é apreendida por uma interpretação do conjunto que é a maneira de se remeter aos Ser. Que a ‘cor’, sob a qual nos parece a realidade geográfica, depende da preocupação e do interesse dominante que nos levam ao encontro dos existentes particulares” (DADEL, 2011, p.35). Ou seja, quando o morador remete seu olhar ao lugar da memória, ele se percebe comunidade, ao mesmo tempo em que se depara com a realidade da atualidade, onde o poder dominante dos agentes reguladores do espaço urbano se impôs, modificando aquele que era o lugar do SER, criando o sentimento explícito na forma com que se expressam em “perdemos nossas raízes”.

Assim, toda a cientificidade no olhar de análise da paisagem, só pode ser completa se for holístico, ou seja, no seu aspecto mais amplo, pois, a paisagem é fruto das transformações sociais e econômicas, mas também do lugar de vivências. A paisagem descrita cientificamente como objeto, só pode ser compreendida quando inserido os seus agentes de transformação, não somente material como também imaterial. Transformações que fazem com que a dinâmica seja uma constante dialética entre a cidade, o urbano e aqueles que dão movimento ao urbano.

No Beco dos Pretos, esse agente de transformação é o Estado trazendo intervenção identitária junto ao processo de urbanização da metrópole, mudando não somente a paisagem, mas também, as formas e as funções inerentes aos lugares, alterando também a maneira com que os moradores se relacionam com o seu lugar.

Interessou-nos observar os relatos, pois eles expuseram a consciência dos moradores quando o assunto foi a urbanização do lugar, citando-o como mais “*asseada ao nosso vê pelo menos acabou com aquela poluição horrorosa né (era muito sei lá não sei muito feia) aí isso já foi um benefício pra gente né? ficou uma ponte aí bonita, aí pra gente, uma praça aí no alto pra gente sair pra li, as ruas ficaram mais ornamentadas, né? Achei que foi bom*” (Marina Silva, 2014).

Mas assim como tornou o lugar mais urbanizado e digno em suas formas, com moradias adequadas e com espaços de lazer, também trouxe ruptura em histórias de vida, mudou a parte física, mas também mudou a forma das pessoas perceberem seu próprio lugar.

Das festas do calendário anual, ainda há algum movimento, no Dia 1º de Janeiro (Solteiros x Casados), Carnaval (Banda Beco dos Pretos) e Festa do Mingau, porém, já não tem o mesmo público, muitas vezes sendo restrito somente aos moradores que continuaram no local e que mesmo com o passar do tempo, ainda tentam, mesmo que de maneira isolada com suas famílias, comemorem os dias que já foram representativos para a comunidade.

Por fim, que lugar é esse? A implementação do PROSAMIM, refletiu no convívio social? Como o morador vê esse lugar e se vê nesse lugar? O que podemos inferir, é que embora no projeto escrito (PROSAMIM), contemple a cidade mais justa e igualitária com direito à cidade para todos, no entanto na execução emergem pontos frágeis que merecem um olhar mais apurado das políticas governamentais urbanas. Não se trata somente de retirar as pessoas de um lugar, considerado imagem negativa para os negócios, usando o discurso da qualidade de vida e da melhoria urbana. É preciso considerar, que ali tem história! Tem vida, tem movimento, tem alma! E isso faz com que as cidades possuam dinâmicas e lógicas próprias, que muitas vezes são compreendidas como "desordenadas". Desordenadas aos olhos de quem? Pois as cidades crescem e se organizam de acordo com a lógica da dinâmica daquele momento histórico pela qual está sujeita, e isso envolve todos os aspectos que englobam o urbano.

Não é porque as pessoas moram em lugares considerados “inadequados” a esta cidade ideal, que precisam ser “enterradas” com suas histórias de vida, sem um atendimento mais humano que as ajudem a passar por essa ruptura, pois relatos mostram a falta de cuidado com o deslocado, não somente no aspecto econômico, mas também na ausência de um olhar mais humanizado. O que podemos perceber é que a maioria das pesquisas na temática urbana, tem seu olhar voltado à *políticas urbanas* “*formuladas no âmbito de uma economia simbólica que afirma visões de mundo, noções e imagens, as quais acompanham as ações de reestruturação*” nas grandes cidades, como é o caso da implementação do PROSAMIM (SÁNCHEZ, 2010, p.15).

Existe forte investimento em grandes projetos urbanísticos os quais estão pautados em estratégias amplas de desenvolvimento econômico, para os quais a requalificação dos lugares dentro da cidade, tem como objetivo principal fomentar atividades de lazer e turismo, e pautado

no *city-marketing*, criam a imagem de cidades “ideais” para negócios. Ter uma cidade “organizada”, limpa e “bela”, onde a segregação socioespacial mascara a pobreza nela existente, formam um conjunto de elementos fundamentais para a atração de investimentos e de mão de obra qualificada.

Dessa forma, compactuamos do posicionamento desta autora que afirma haver um esforço dos planejadores das cidades, guiados por políticas econômicas, trabalhando em prol de uma cidade simbólica, criada artificialmente por mecanismos de *city-marketing*, mostrando uma visão particular da cidade: “*fragmentada, distorcida, simplificada e, portanto, excludente*”. A cidade de todos, serve apenas a uma parcela da população que possui o poder de decisão, de como e onde se deve morar na cidade e como usufruir desta.

Ou seja, a implementação do PROSAMIM, que tem como premissa a melhoria da qualidade de vida da população afetada, trouxe efeitos negativos irreversíveis para a comunidade Beco dos Pretos, pois além de perderem suas “raízes”, se tornaram, “pobres de acessibilidade”, “pobres de tempo”, “pobres de segurança”, e “pobres” culturalmente se considerarmos as “tradições” do lugar. Além de terem sido deslocados em nome da urbanização dos lugares e “embelezamento” da cidade, ainda se tornam mais pobres, ante os obstáculos da própria dinâmica da cidade e como ela vai sendo moldada por períodos econômicos. Em relação à forma de organização e urbanização do lugar, não há o que ser questionado, mas o lado social ainda é, sim, um ponto a ser debatido junto a quem executa grandes projetos como é o PROSAMIM. Talvez, haja falta de parâmetros adequados ou sistematização de processos para que a forma subjetiva dos lugares se torne protagonistas na tomada de decisão diante de intervenções desse tipo, além de políticas públicas afirmativas nas cidades.

Essa ruptura provocada pelo PROSAMIM, não foi somente na história do lugar, foi na “grande família Beco dos Pretos”, foi na percepção do morador sob o seu lugar, nas “tradições” e “culturas” desse lugar, por fim, um novo cenário na história da cidade de Manaus. Dessa forma, a tese de que este lugar está vivo na memória de quem o vivenciou é verdadeira, porém, aquilo que ficou materializado no espaço, já não consegue sustentar a existência de um Beco Pretérito, mas o mesmo resiste no lugar da memória. Assim, na perspectiva que esta pesquisa, seja base para outras, “e longe de ser um ponto final, é uma pausa para outros questionamentos. Todavia é preciso chegar ao “fim” (SOUZA, 2016).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. B. de. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: Comunidade do Beco dos Pretos do Morro da Liberdade**. Manaus, n.19, p.1-11, 2007.

ALMEIDA, W.B. de.. **Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum**. In: Almeida, Alfredo Wagner Berno de. Terras de quilombo, terras indígena, babaçuais livres, castanhais do povo, faxinais e fundo de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: ppgsca-ufam, 2006, p. 21-99.

ALMEIDA.W.B. de. **Darwin e Marx: diálogos nos trópicos para uma interpretação do Brasil**. Somanlu: Revista de estudos amazônicos, ano 5, n.o 2, jul./dez. 2006, p. 9-27

ARANHA, Bento de Figueiredo Tenreiro, 1897. **Um Olhar pelo Passado**. Manaus: Prefeitura Municipal/GRAFIMA, 1990. IN: Manaus entre o presente e o Passado. Durango Martins Duarte.1ª. ed. Manaus. Mídia Ponto Comm, 2009.

ANDRADE, Aldair Oliveira de. **Migração para Manaus e seus reflexos socioambientais**. Somanlu, ano 12, n. 2, jul./dez. 2012.

BARRETO, Thais Luíse Monteiro de Souza. **Percepção e representação da violência na cidade de Manaus: os mapas mentais do policial militar.2013**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2013.

BENCHIMOL, Samuel. **Zona Franca de Manaus: Polo de Desenvolvimento Industrial**. Manaus: EDUA, 1997.

BENTES, Rosalvo Machado. **A zona franca e o processo imigratório para Manaus**. 1986. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento - PLADES, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BIRD - International Bank for Reconstruction and Development - World Bank. **Cities on the Move: A World Bank Urban Transport Strategy Review**, 2002.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: CORREA, Roberto Lobato; BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011, pp. 111-139.

BOOTH, Wayne C; COLOMB, Gregory G; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. Trad. Henrique A. Rego Monteiro. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sergio Miceli e Silvia de Almeida Prado. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sergio Miceli e Silvia de Almeida Prado. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Introdução a uma sociologia reflexiva**. I. O poder simbólico. Bertrand Brasil, 2006, 9 .ed.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Trad. Ruth Joffily. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BUZAN, T. **The Mind Map Book**. Trad. Paulo PolzonoffJr. Rio de Janeiro. Sextante, 2009.

BAILLY, Antoine & FERRAS, Robert. **Éléments d'epistemologie de la géographie**. Armand Colin. Masson: Paris, 1997.

BOCK, A. M. B. **Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico**. Psicologia - Ciência e Profissão. 1997.

BARROS, Mari Nilza Ferrari de. **Identidade: questões conceituais e contextuais**. Vol. 2. JUN./2000.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Ed. EDUFSC. Florianópolis, 2007.

CLAVAL, Paul. **As abordagens da geografia cultural**. IN: CASTRO, Iná; Paulo César; CORREA, Roberto Lobato (orgs). Explorações geográficas. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 1997.

CLAVAL, Paul. **O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana**. In: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato (org.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001. p. 35-86.

CLAVAL, Pierre. **A geografia fenomenológica de Eric Dardel**. In: ROSENDAHL, Zeny;

CLAVAL, Pierre. **As Abordagens da Geografia Cultural**. In: Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

CORRÊA, Antonia da Silva. **Alcoolismo em indivíduos na faixa etária de 20 a 50 anos na Rua São Benedito no bairro Morro da Liberdade, Manaus**. Trabalho de Conclusão de Curso Curso de Serviço Social, Universidade Nilton Lins, Manaus, Amazonas, 2007.

CORRÊA, M. de Aureanice B. "Não Acredito em Deuses que Não Saibam Dançar": A festa do camdomblé, território encarnador da cultura. In: **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

2001, pp. 103-122.

_____. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. **O Espaço Urbano**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1974.

_____. O urbano e a cultura: alguns estudos. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

_____. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **A periodização da rede urbana da Amazônia**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 1987, Vol. 49, N° 3, 39-67 p.

COSTA, 2011. **Informação verbal, em aula proferida no Curso de Geografia na Universidade do Vale do Paraíba.**, Aula Planejamento Urbano, 2011.

COSTA, B. Pinós da. As Relações Entre os Conceitos de Território, Identidade e Cultura no Espaço Urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DAMATTA, Roberto. **O Pensamento Social Brasileiro. Carnavais, Malandros e Heróis como interpretação do Brasil**. Palestra. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFMG. VI Jornada de Ciências Sociais, setembro de 2008

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNANDES, Dalvani. **Território e territorialidade: algumas contribuições de Raffestin. Perspectivas em Políticas Públicas.**, Belo Horizonte, V. II, n. 4, p. 59-68, jul/dez, 2009.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago. 1997.

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)**. 2016. 1 recurso online (487 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305701>>. Acesso em: 01.06.2021.

GEERTZ, Clifford. **A Religião como Sistema Cultural**. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Paulo César. **Geografia e Modernidade**. 5. Ed. Bertrand Brasil, 2005.

GONDIN, Linda e LIMA, Jacob Carlos. **O projeto de pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre o método e o bom senso**. São Carlos: EDUFSCAR, 2010.

GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano**. São Paulo: Edusp, 1977.

GUIA, George Alex da. **Trajetórias do desenvolvimento: BID e o financiamento do patrimônio cultural na América Latina e Caribe**. 2018. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GUSFIELD, Joseph R. **Community – a critical response**. New York: Harper & Row Publisher, 1975.

HAESBAERT, Rogério. **As origens da Revolução Industrial**. São Paulo: Global Editora, 1979. LEAL, João. Diários de campo: modos de fazer e modos de usar. In: ALMEIDA, Sonia V. de Os arquivos antropológicos. Lisboa, UID-ANT, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. Volume 2, p. 233 HOBSBAWM, Eric J. Sobre História. São Paulo: Ed. Companhia Das Letras, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORREA, Roberto Lobato; JÚNIOR, C.R. Waldemir. NOGUEIRA, B.R. Amélia. De Eduardo a Eduardo: a cidade sobre os igarapés. Revista Eletrônica Aboré, Manaus, n. 5, p. 190-210, dez. 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOBSBAWM, Eric & TERENCE, Ranger (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric J. **Artisan or labour aristocrat?** The Economic History Review, New Series, Blackwell Publishing on behalf of the Economic History Society, v.37, n.3, p.355-372, Aug. 1984

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista**. Revista Território, Rio de Janeiro, v.7, n° 7, p.67-78, jul/dez.1999.

HOLZER, Werther. **Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica**. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Org.) Qual o Espaço do Lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

IGREJA Coração Imaculado de Maria. **Documentos Históricos**. Morro da Liberdade, 2007.

INTITUTO DE GEOGRAFIA DO AMAZONAS - IGHA. **332 anos de Manaus: História e Verdade**. Valer. Governo do Estado do Amazonas, 2001.

JÚNIOR, Emmanuel de Almeida Farias. **Quilombolas do Tambor: A História e os Conflitos Socioambientais Ocasionalmente pela Intrusão de suas “Territorialidades Específicas”**. Afros&Amazônicos, v. 1, n. 1, 2020.

JÚNIOR, C.R. Waldemir. NOGUEIRA, B.R. Amélia. **De Eduardo a Eduardo: a cidade sobre os igarapés**. Revista Eletrônica Aboré, Manaus, n. 5, p. 190-210, dez. 2010.

LEAL, João. **Diários de campo: modos de fazer e modos de usar**. In: ALMEIDA, Sonia V. de Os arquivos antropológicos. Lisboa, UID-ANT, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LOUREIRO, Antonio José Souto. **História da Navegação no Amazonas**. Manaus: Gráfica Lorena Ltda, 2007.

MARICATO, Ermínia. **Habitação e Cidade**. São Paulo: Atual, 1997.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: trocas e razão prática na sociedades primitivas**. Sociologia e Antropologia. São Paulo: E.P.U./ EDUSP, 1974.

MEDEIROS, Iolanda Aida de. **Globalização dos Lugares: A verticalização em Manaus**. 1996. 106 p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MEDEIROS, Sara Raquel Fernandes Queiroz de. **BNH: outras perspectivas**. Anais da I Conferência Nacional de Políticas Públicas Contra a Pobreza e a Desigualdade. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 10 a 12 de Novembro de 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLER, Daniel. **How to conduct na ethnography during social isolation**. Youtube. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em: 24 de jul. 2020. 2:02:21

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em**

saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de geografia humana brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Asi Hablo Zaratustra**, 1ª edição. Madri: Alianza, 2002.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Edua, Manaus, 2014. 222 p.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Territorialidade e Lugar; a percepção de quem fica e de quem vai: O Beco dos Pretos (Morro da Liberdade), Manaus, Am. 2015**. SOUZA, L. C. de; NOGUEIRA, A. R. B. Território e Territorialidade; o jeito invisível de ser: vida e morte de uma identidade territorial (Beco dos Pretos – Morro da Liberdade – Manaus/Am).2016.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Uma interpretação fenomenológica em Geografia**. In: SILVA, Aldo A. Dantas da, GALENO, Alex (org.) Geografia: 80 Ciência do Complexus. Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer, Governo do Estado do Amazonas, Universidade Federal do Amazonas, 2003.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Espaço - tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano**. Espaço e Cultura. Ed. UERJ, RJ, n. 23, p. 33-41, Jan/Jun de 2008.

OLIVEIRA, Roberto. C. **O trabalho antropológico: olhar, ouvir, escrever**. In. O trabalho do antropológico. São Paulo: Editora da UNesp. Paralelo 15, 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Repères pour une théorie de la territorialité humaine**. Cahier/Groupe Réseaux, (7), 1987.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Geografia. v.4, n 7, 1-25, abril, 1979.

ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SANCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2. ed. Chapecó, SC: Argos, 2010.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. **Novas e velhas ocupações na Salvador republicana (1890-1930)**. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (Org.) Cidade & história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador:

MAU/FAUFBA; ANPUR, 1992.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Ed. 2. Reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. Nobel, São Paulo, 1985.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 4ª Ed. 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo. Edusp, 2007 (1987).

SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Pará, 1971.

SCOTT, C. James. **Los dominados y el arte de la resistencia**. México. Cultura Libre, 2002.

SERRA, Celso Luis Rocha e CRUZ, Wilson Rodrigues da. **Aspectos econômicos e sociais da Cidade Flutuante**. Manaus: Gráfica Amazonas, 1964.

SINGER, Paul. **Dinâmica populacional e desenvolvimento: o papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico**. São Paulo: Edições Cebrap, 1970.

SOUZA, Leno José Barata. **“Cidade Flutuante”: uma Manaus sobre as águas (1920-1967)**. 2010. 354 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2010.

SOUZA, Leno José Barata. **Manaus: da “Zirma” dos viajantes a “Maurilia” dos historiadores**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/download/10313/7698>. Acesso em 25.09.2020

SOUZA, Lupuna Corrêa de ; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Memórias de um Lugar, Beco dos Pretos, o Beco da Minha Vida, Manaus, Am**. In: Diogo Gonzaga Torres Neto. (Org.). *Memórias de um Lugar, Beco dos Pretos, o Beco da Minha Vida, Manaus, Am*. 1ed. Morrisville: Lulu Press, 2018, v. 1, p. 96-119.123 SOUZA, L. C. de;

SOUZA, Lupuna Corrêa de. **Espaço e tempo na cidade de Manaus: processo de verticalização 1970 a 2010**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Ciências Humanas e Letras - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2016.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. 3. ed, Contexto, São Paulo, 1991.

TORRES, Iraildes Caldas; SILVAN, Denison. *Memória Operária: a Fabrijuta de Parintins vista*

a partir da história Oral. In: Congresso Pan-Amazônico de História Oral. IX Encontro Regional Norte de História Oral. VIII Semana de História do CESP-UEA, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trd. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (trad.) Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

VALLAUX, C. **Geografie sociale: le sol et l'état**. Paris : Octave Doin et Fils Editeurs, 1911

VALLE, Artemísia Souza do; OLIVEIRA, José Aldemir de. **A cidade de Manaus: análise da produção do espaço urbano a partir dos Igarapés**. In: OLIVEIRA, José Aldemir de. et al. (Org.). Manaus: visões interdisciplinares. Manaus: EDUA, 2003.p

VALLINA, Kátia de Araújo Lima. **A produção do espaço urbano e os novos processos de segregação socioespacial em Manaus nos anos 2000**. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em serviço social – Escola de serviço social. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

Sites consultados, documentos e reportagens

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>>. Acesso em: 15.07.2020.

CONTRATOS-UGPE BID. Brasil. Relatório de Gestão Ambiental e Social – RGAS. Programa Ambiental e Social dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM III). BR-L 1297, 2011. Disponível em www.prosamim.am.gov.br, Acesso em: 2020/2021.

DOCUMENTOS AMAZONAS. Estudo Impacto Ambiental – EIA, 2011: Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM. Disponível em: www.prosamim.am.gov.br. Acesso em: 2020/2021.

Domínio Público. Disponível em: http://dominiopublico.es/libros/N/Friedrich_Wilhelm_Nietzsche/Friedrich%20Wilhelm%20Nietzsche%20-%20As%20C3%AD%20Hab1%C3%B3%20Zaratustra.pdf Acesso em: 2020.

FAMILYSEARCH. Disponível em: familysearch.org. Acesso em: 01.08.2020.

FAPEAM Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. Disponível em: <http://www.fapeam.am.gov.br/estudo-conta-a-historia-da-cultura-de-juta-e-malva-no-brasil/> Acesso em: 20/06/2021.

MEDEIROS, Girlene. Ruas de Manaus persistem à troca de nomes e guardam história da capital. G1 Amazonas, Manaus, 24 de out. 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/10/ruas-de-manuas-persistem-troca-de-nomes-e-guardam-historia-da-capital.html>. Acesso em: 20/10/2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html> Acesso em: 01.05.2020.

INSTITUTO DURANDO DUARTE. Disponível em: <https://idd.org.br/>. Acesso em: 20/10/2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. Edições de aniversário da Cidade. Anos 2000.

JORNAL DO AMAZONAS. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2251945/> Acesso em: 2021.

JORNAL À CRÍTICA. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/rastros-da-negritude-herancas-da-culturaafro-resistem-ao-tempo-e-ao-preconceito-na-capital-do-am> Acesso em: 01.10.2020.

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Estudo Prévio de Impacto ambiental – EPIA, 2004. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Plano de trabalho social e sustentabilidade ambiental, 2007. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Plano de Desapropriação, Reassentamento e Realocação - PDRR, 2004. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Plano de comunicação social – PCS (PROSAMIM III). Manaus, 2011. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Programa de controle ambiental de obras – PCAO. Manaus, 2008. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br>

192 PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Histórico do PROSAMIM. Manaus, 2012. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS – PROSAMIM. Relatório de Impacto Ambiental - RIMA. Manaus, 2004. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS – PROSAMIM. Relatório de Impacto Ambiental - RIMA. Manaus, 2012. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Plano de Contas. PROSAMIM I – Contrato de empréstimo 1692/OC-BR Banco Interamericano de Desenvolvimento BID. Manaus, 2005. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/oprosamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS Plano de Contas PROSAMIM I - Contrato de empréstimo Suplementar, 2165/OC-BR Banco Interamericano de

Desenvolvimento BID. Manaus, 2008. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/oproamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS Plano de Contas PROSAMIM III - Contrato de empréstimo 2676/OC-BR Banco Interamericano de Desenvolvimento BID. Manaus, 2012. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/oproamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Manual de Normas e Procedimentos Administrativos e Financeiros. Manaus, 2007. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS Regulamento operacional do programa. Manaus, 2007. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/oproamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Relatório BID – Relatório de gestão ambiental e social – RGAS. Manaus, 2011. Prosamim III. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Lista de contratos vigentes em 2017 – Prosamim III. Manaus, 2017. Disponível em: <http://www.srmm.am.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/PORTAL-WEB-CONTRATOSUGPE-setembro2017.pdf>

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. Gestão de contratos PROSAMIM III. Manaus, 2018. Disponível em: <http://www.srmm.am.gov.br/wpcontent/uploads/2017/08/Portal-da-Transpar%C3%A2ncia->

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/>. Acesso: 2020/2021.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS. Diagnóstico da criminalidade 2012. Disponível em: <http://www.ssp.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/Diagnostico-da-Criminalidade-2012-Estado-do-Amazonas.pdf> Acesso em: 2021.

Documentários

CALLADO, Manoel & CALLADO, Leno. No Tempo das Catraias, 2018.

Leis

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

NOVO CÓDIGO CIVIL. Lei nº 12.519 de 10 de novembro de 2011. Capítulo II dos art. 53 ao 61.

Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Manaus - PDLI/PLAMAN.
Governo do Amazonas. Prefeitura de Manaus. Vol. 1. Manaus, 1975.

Mapas

Karyane de Oliveira Tolentino

Guilherme Villagem

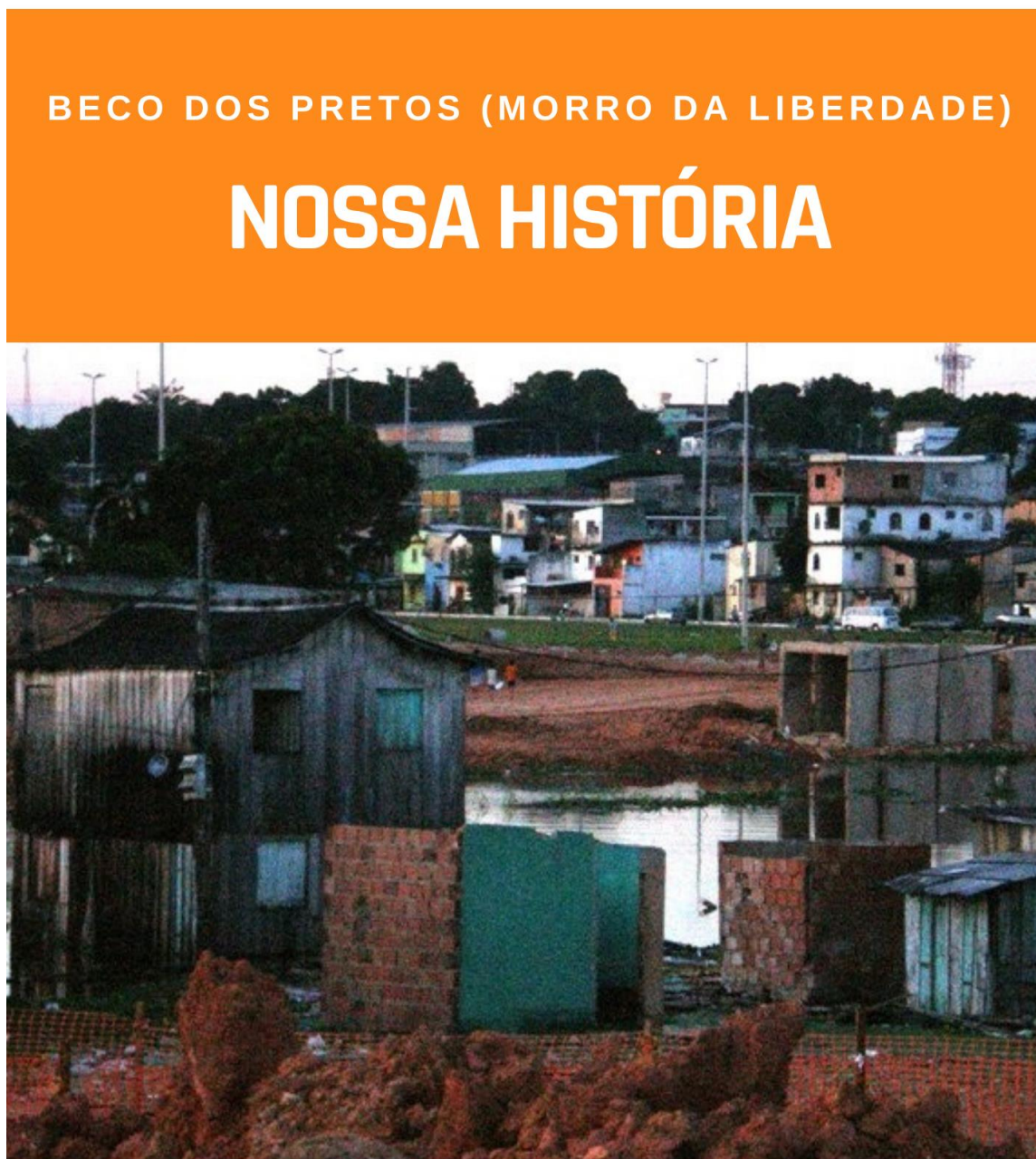
Transcrições

Gabriella Rodrigues Cabral

Gercicley Rodrigues do Santos

APÊNDICE

Apêndice 1. Beco dos Pretos (Morro da Liberdade) - Nossa História.



organização

LUPUNA CORRÊA DE SOUZA

JUNHO • 2021 • MANAUS - AM

ANEXOS

Anexo 1 – Ata de Abertura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

ATA DE ABERTURA

Antes de começar é necessário alguns esclarecimentos a respeito da entrevista e ao que ela se destina. Meu nome é Lupuna Corrêa de Souza. Sou aluna do curso de mestrado em Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Estou realizando uma pesquisa acadêmica com o título “Beco dos Pretos” que pode ser provisório devido ao andamento das pesquisas; assim que esta for concluída, um novo título pode ser construído, devido a própria sistemática da pesquisa.

Esta pesquisa pretende trazer à academia o entendimento desse lugar (Beco dos Pretos) a partir do olhar de seus próprios moradores. Aqui não serão identificados, pois a visão dos que continuam morando e dos que foram removidos podem entrar em “contraste”, pois existia uma identidade do lugar antes e depois do PROSAMIM. Como esse olhar do espaço é individual, esta pesquisa visa contemplar o contexto científico dessa experiência com o lugar.

Nós pesquisadores, vemos a realidade e a descrevemos no sentido de analisar a realidade sem interferências pessoais. Retratando na íntegra as informações que nos são colocadas e embasando-as e contextualizando-as a partir de conceitos clássicos e contemporâneos da fenomenologia na tentativa de compreender e tornar claro assuntos de relevância e que tragam conhecimento a todos os envolvidos no processo.

Alguma pergunta?

Manaus, Amazonas, 2014.

Lupuna Corrêa de Souza

Anexo 2 – Termo de Consentimento 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO
 CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (maior 18 anos)

Título do Artigo: TERRITORIALIDADE E LUGAR: A PERCEPÇÃO DE QUEM FICA E DE QUEM VAI: O Beco dos Pretos (Morro da Liberdade), Manaus, AM.

Pesquisadoras Responsáveis: Lupuna Corrêa de Souza

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Amazonas/Departamento de Geografia.

Telefone de Contato: 092 9494-5605

Local de coleta: Beco dos Pretos – Morro da Liberdade – Manaus, AM.

Prezado(a) senhor(a):

-
- Convido o senhor (a) a responder as perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária;
 - Antes de concordar em participar desta entrevista é importante que o senhor (a) compreenda as informações e instruções contidas no roteiro da entrevista;
 - O pesquisador deverá responder todas as dúvidas antes que o senhor (a) decida participar;
 - O senhor (a) tem o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito;
 - O senhor (a) será convidado a responder de maneira informal, a partir de uma conversa, a sua experiência enquanto morador do Beco dos Pretos;
 - Em hipótese alguma seu nome será citado na publicação para a qual esta entrevista se destina.

Objetivo do estudo: Apresentar a percepção dos moradores residentes e dos ex-moradores do Beco dos Pretos, em relação ao como se vêem como parte desse espaço de vivência para os que vivem lá e como os que viveram percebem isso por terem sido removidos do local;

Procedimento: Gravação da entrevista seguindo roteiro de pesquisa lido previamente e seguido da “Ata de Abertura” e “Ata de Encerramento”;

Benefícios: O resultado desta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, com o intuito de subsidiar estudos posteriores em relação ao Beco dos Pretos;

Riscos: Esta entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica ao senhor (a);

Sigilo: As informações fornecidas pelo senhor (a) serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados dessa pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Assinatura do Entrevistado: _____

Data: / /

Local:

Anexo 3 – Roteiro da Entrevista 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1- Quantos anos o senhor(a) tem e a quantos mora aqui no Beco dos Pretos?
- 2- Qual o motivo que o trouxe a ser morador do Beco?
- 3- Como o senhor (a) acha que o bairro vê o Beco dos Pretos?
- 4- Como o senhor (a) se vê como morador do Beco?
- 5- O senhor (a) pode me falar um pouco sobre sua relação com o lugar seus sentimentos em relação a ele em relação a seus moradores (vivências, experiências) o que o senhor (a) achar relevante. Existe algum fato ao qual o senhor (a) considera marcante e queira descrever?
- 6- O senhor (a) se vê morando em outro lugar? Por que?
- 7- Fale um pouco sobre como o senhor vê os que saíram daqui. O senhor tem contato com eles?

Observação: Gostaria de convidá-lo a participar de uma nova entrevista, em outra data. Gostaria que se possível trouxesse fotos e recordações, tudo o que lhe trouxer lembranças do lugar antigo do que foi o Beco antes do PROSAMIM.

Desde já agradeço a colaboração.

Manaus, Amazonas, 2014.

Lupuna Corrêa de Souza
Obrigada!

Anexo 4 – Ata de Encerramento 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

ATA DE ENCERRAMENTO

Eu, Lupuna Corrêa de Souza, agradeço a sua colaboração e disposição em nos ajudar na construção da história deste lugar, e estou disponível para qualquer tipo de esclarecimento referente a pesquisa.

Manaus, Amazonas, 2014.

Lupuna Corrêa de Souza
Obrigada!

Anexo 5 – Termo de Consentimento 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (MAIOR DE 18 ANOS)

O (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como sujeito de pesquisa do estudo de doutoramento intitulado, O JEITO INVISÍVEL DE SER: VIDA E MORTE DE UM TERRITÓRIO IDENTITÁRIO (BECO DOS PRETOS – MORRO DA LIBERDADE – MANAUS/AM), vinculada ao Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas

Destaca-se que a investigação é realizada pela pesquisadora Lupuna Corrêa de Souza e orientada pelo Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida. O objetivo geral é reconstruir o território simbólico do Beco São Benedito (Beco dos Pretos), a partir de relatos dos moradores, e ex-moradores alocados (após a implantação do projeto PROSAMIM), no sentido de compreender o processo de construção da identidade desta comunidade.

De modo específico pretendemos apresentar a dinâmica espacial do Beco São Benedito, em ordem cronológica em que as mudanças físicas do local ocorreram; Descrever os festejos da cultura do lugar pretérito apontando o que se foi e o que permanece; Descrever e analisar o reflexo das mudanças ocorridas na cultura local após a desconstrução física do mesmo; Registrar relatos dos moradores mais antigos buscando identificar o que permaneceu da antiga comunidade negra; Elaborar um documentário com as falas e imagens cedidas para este trabalho acadêmico, apresentando o resultado para a comunidade, assim como a tese pronta com seus resultados.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da participação em entrevistas semiestruturadas, respondendo às perguntas, participação na construção do acervo técnico, com fotos, vídeos e falas de arquivos pessoais, além de participação em filmagens, será utilizado também, caderno de campo e gravação de falas, por isso solicitamos autorização para os registros. Logo, no intuito de recolher melhor as informações, a própria pesquisadora utilizará papel, caneta esferográfica/lapiseira, gravador de voz, máquina fotográfica, filmadora ou celular com funções similares.

Esclarece-se que sujeito da pesquisa é a expressão dada a todo ser humano que de livre e espontânea vontade (após ser devidamente esclarecido), concorda em participar de investigações fornecendo informações. Contudo, deixa-se claro que a Sra. ou Sr. terá toda liberdade para se retirar do estudo, a qualquer momento, caso não se sinta confortável, sem que isto implique custos. É muito importante saber que todos os dados coletados serão tratados com total nível profissionalismo e respeito, de modo que a identidade de todos os participantes será exposta como forma de homenagear as famílias da comunidade.

Esclarece-se que toda natureza de pesquisa científica que envolve seres humanos apresenta risco, no caso desta, aponta-se um possível desconforto emocional, pois serão abordados, conteúdos internos e íntimos relacionados ao fato de como se sentem consigo em relação ao lugar de vivência, consideramos o risco leve, de origem psicológica, intelectual com possibilidade de desenvolver insatisfação com publicações nos sites, exposição de imagens de forma indevida, constrangimento ao responder ao relatar a experiência vivida, o

Rubricas _____ (participante)

_____ (pesquisadora)

questionário; desconforto, estresse, cansaço ao responder ao relatar a experiência e responder às perguntas na entrevista.

Isto posto, a pesquisadora (que é funcionária pública e dispõe de vastos contatos de profissionais de outras áreas) assume os riscos e responsabilidade, caso seja necessário, de prover auxílio congruente e/ou afins. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 19).

A pesquisa pode trazer benefícios diretos, pois poderá contribuir para fortalecer os laços entre a comunidade, visto que a comunidade é um espaço social, seus festejos auxiliam o fortalecimento dos laços de afetividade e da cultura do lugar. O estudo também poderá propiciar reflexões acerca da cultura do lugar, a partir de divulgação do trabalho acadêmico realizado.

Sendo assim, indiretamente a contribuição se dá com a busca de produção de conhecimento científico, socialmente relevante ao mundo acadêmico com referências significativas para o desenvolvimento de novas pesquisas nessa área do conhecimento e assim, poder avançar, no sentido de buscar alternativas estratégicas para a divulgação de sua cultura e fortalecimento da identidade da comunidade. Contudo, explicita-se que sua decisão de participar do estudo não está de maneira alguma associada a qualquer tipo de recompensa financeira ou em outra espécie, entretanto, pode ser ressarcido de eventuais despesas, tais como transporte e alimentação (no momento da coleta de dados).

Para qualquer outra informação, a Sra. ou Sr. terá facilidade para entrar em contato com a pesquisadora no endereço Rua Farias de Souza, 62ª, Morro da Liberdade, ou pelo telefone (92) 99494-5605. Se depois de consentir sua participação a Sra. ou Sr. desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pela Sra. ou Sr., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Manaus, AM. Data: ___/___/___

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar

Assinatura da pesquisadora responsável

Rubricas _____ (participante)

_____ (pesquisadora)